

ÊXITO DE UMA INICIATIVA

# CANDIDATOS AO ESTRELATO

ATENDENDO à solicitação de algumas dezenas de leitores, que se mostravam interessados em ingressar no cinema nacional, escrevemos um artigo sob o título "Ser Artista". Tamanha foi a repercussão dessa crônica e tal foi o interêsse demonstrado por um número cada vez mais crescente de leitores, que resolvemos colocar uma de nossas páginas à disposição dos interessados, proporcionando assim uma "chance" aos que almejam ingressar no cinema. E, assim, criamos a seção "Candidate-se ao Cinema Brasileiro", que, a partir de hoje, ficará ampliada para duas páginas.

Nem será preciso dizer que a nossa iniciativa já nasceu vitoriosa. Cartas de tôdas as partes do Brasil nos têm chegado às mãos. E pudemos notar então quão grande e verdadeiro é o interêsse de nossa gente com relação ao cinema pátrio, que atravessa agora sua fase mais importante e decisiva. Desde os letrados até aos menos protegidos pela instrução, denotam o mesmo desejo e a mesma ambição. E' um sonho que querem transformar em realidade e para o qual A CENA vem contribuir com o seu quinhão, não só estimulando e incentivando, como dando o seu apoio — na medida do possivel — procurando aproximar os fios que formarão o laço de união entre produtores e candidatos.

Mas há também o lado pitoresco dessa iniciativa. Algumas cartas revelam até a que extremismos chega a vontade de vencer, como aquela jovem que, residindo em Curitiba, chegou ao cúmulo de fugir de casa, indo morar em São Paulo, trabalhando em diversos afazeres que não os de sua ambição a fim de encontrar a "chance" que espera há vários anos e que, certamente, um dia encontrará. Temos recebido fotos com dedicatórias aos pais, aos noivos e namorados, fotos que, só mesmo os próprios sabem o quanto lhes é triste retirá-las de seus donos para enviá-las a uma revista, na qual depositam sua inteira confiança e na qual talvez esteja a sua última esperança, colocando, acima de qualquer estima pessoal, a sua ambição de vencer. Jovens adolescentes, ainda estudantes, também nos mandam suas fotografias, sabe-se lá a que custo, após convencer os pais de que o cinema é a sua verdadeira inclinação e que na arte reside todo o seu talento.

Pessoas de todos os tamanhos e tôdas as idades, obedecem ao mesmo impulso, movidas pelo desejo de tornar-se artistas — porque sentem que essa é a sua verdadeira vocação e que no cinema não se exigem tipos definidos, pois, feios ou bonitos, o talento decidirá a sua sorte. Porque não adianta mentir, como aquela jovem que diz ter cursado o jinazial, com "j" e com "z", desejando fazer "cuarqe coiza" no cinema. Não visamos aqui diminuir ou melindrar ninguém. Tanto assim que as fichas são feitas com o máximo escrúpulo e todos gozam do mesmo acolhimento em nossas páginas. Mas queremos salientar apenas o forte desejo dêsses candidatos, sua fôrça-de-vontade e seu idealismo, que não será apagado fàcilmente. Porque são êsses os vencedores, os verdadeiros vitoriosos, não se deixando intimidar por obstáculos de qualquer espécie. Apenas achamos que devem ser sinceros, porque a verdade sempre vem à tona — e, na maioria das vêzes, afoga os mentirosos. E aqui continuamos, satisfeitos, certos de estarmos servindo de veículo aos futuros artistas do cinema brasileiro. E, um dia, quando alguns de nossos candidatos subirem ao estrelato, suas biografias nos contarão seus sacrifícios e as suas lutas — e êles não esquecerão, certamente, essa oportunidade que A CENA lhes ofereceu.

*leon eliachar*



**ELIANE LAGE**
**Já tem grande público.**

# ELIANE LAGE,
# A ESTRÊLA VITORIOSA

ELIANE Lage pode se considerar uma criatura feliz. Com um único filme, "Caiçara", atingiu uma posição invejável na cinematografia nacional. Pode ser considerada uma das suas figuras mais importantes, mais sugestivas. Alcançou um prestígio muito grande entre os fãs, como veio atestar o concurso de A CENA. Ela liderou a "enquête", reunindo o maior número de votos dados a uma "star". Foi a eleita pelos leitores da revista. Como termômetro de popularidade, nada melhor. Muita gente boa, que vem lutando anos e anos a fio, não conseguiu tanto com tão pouco; uma única película bastou para que o seu nome ficasse, permanecesse na memória do fã. Êle não se esquecerá fàcilmente da beleza misteriosa e atraente de Eliane.

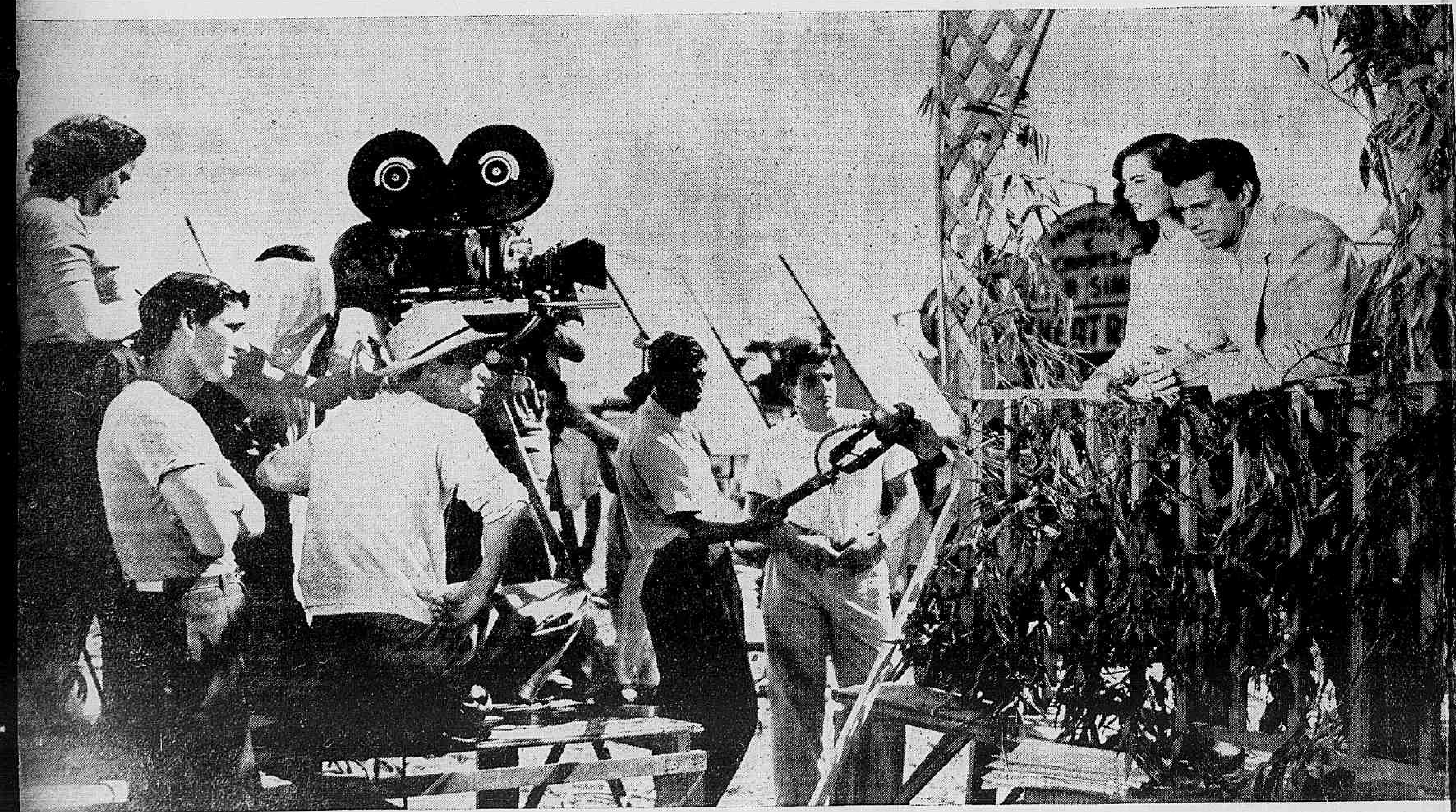
**A SAUDADE FÊZ UMA CARREIRA**

Eliane Lage nasceu no Brasil. Passou tôda a sua meninice no Rio, brincando em Copacabana, tomando sol e imaginando coisas, menos uma: jamais pensou em se tornar estrêla do cinema. Estudou no Colégio Sion. Mocinha, partiu para a Europa. Viveu na França, na Itália, na Grécia. Durante dois anos, sua beleza clássica viveu sob o céu grego, seu perfil se confundiu com os das estátuas que nem o tempo nem a guerra conseguiram destruir o que ainda são marcos de uma civilização que morreu. Depois, veio a saudade. Eliane sentiu falta do Brasil. Arrumou as malas, pegou o navio, desembarcou no Rio de Janeiro. Quando voltava, nem sonhava que estava na iminência de ingressar no cinema, estrelar um filme, tornar-se um nome famoso nos quatro cantos do Brasil.

**NASCEU COM A "VERA-CRUZ"** — Quando Eliane chegou, o assunto do d a era o cinema nacional. Cavalcânti chegara pouco antes, a Vera-Cruz acabava de nascer. Tom Payne também chegara há pouco. E foi encarregado de "descobrir" a "Marina" do primeiro filme do estúdio bandeirante. O destino marcara um encontro entre o cineasta e a futura "estrêla", num jantar elegante, na residência dos Matarazzo. Tom viu Eliane e não teve dúvidas de que ela seria a grande "estrêla" do cinema nacional. Eliane resistiu algum tempo. Mas acabou fazendo o "test". O resto da história é coisa velha, já conhecida.

**"ÂNGELA" — OUTRA HISTÓRIA** — Depois do êxito de Eliane em "Caiçara", a "Vera-Cruz" conficu-lhe logo outro trabalho. O papel-título de "Ângela", que marcará a sua volta às telas nacionais. "Ângela" ficará como um filme inesquecível, tanto para Eliane como para Tom Payne, seu diretor. O romance que se esboçara durante as filmagens de "Caiçara", culminou com um casamento romântico entre a "estrêla" e o diretor, no interior gaúcho, onde se encontravam "in location". Êste novo filme é uma grande oportunidade para Eliane. Ela tem um papel dramático. A espôsa que luta contra a paixão que o marido tem pelo jôgo. Um argumento forte, baseado num conto de Hoffmann. Outro dia, o repórter foi encontrar Eliane com A CENA nas mãos, com uma expressão feliz naqueles belos olhos, sorrindo, satisfeita da vida:

— "Nunca pensei ser artista de cinema. Acho que o acaso contribuiu muito, além da confiança de Tom... o primeiro a me animar desde os primeiros dias. Agora acho que tenho um sério compromisso com o público. Veja A CENA MUDA! Tive o primeiro lugar, no resultado final do seu concurso. Sinal que o público gostou de mim. Tenho agora de retribuir, fazendo com que êle não se decepcione. Gostei imensamente do meu papel em "Ângela". Espero que o público também goste. Só peço uma coisa: que venha ver "Ângela". Fiz tudo para corresponder à imensa boa vontade dos fãs. que tanto me deram, desde que voltei ao Brasil, desde que entrei para o cinema. Tam-bém devo agradecer à CENA MUDA, por mais uma oportunidade que me deu para conhecer o que o público julgou do meu trabalho".



**Uma cena em filmagem: Eliane, Alberto Ruschel e o diretor Ton Payne.**



Eliane e Mário Sérgio numa cena de seu próximo filme


# A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 21 ★ 24-5-51


SUMÁRIO


Candidatos ao estrelato (Leon Eliachar) .................... 3
Eliane Lage .................... 4
Postais do Uruguai (Alberto Conrado) .................... 6
Antes e Depois .................... 7
O publicista, êsse condenado — II — Salvyano Cavalcanti de Paiva) .................... 8
Kim (Cine-Romance) ....... 10
Candidate-se ao cinema brasileiro .................... 14
Flashes Mundiais ........... 16
A Ninfa Nua (Cine-Romance) 18
Correio do Fã ............ 24
Suzy Delair .................. 25
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) .......... 26
Telas da cidade ............. 27
Rádio (Armando Migueis) .. 28
Coluna do Fã .............. 22
Melodias para você .......... 31
Arquivo (Brooklyn Jack) .... 32
Música (Oswaldo da Cunha) .. 33
Pausa para meditação ........ 34
Glosário Cinematgráfico (Hugo Schlesinger) ............ 34


C A P A :

**Van Heflin e Ivone De Carlo**

(U.-International)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

---


**E X P E D I E N T E**

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-presidente Gratuliano Brito.

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Numero atrasado. Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

**VIOLET KINNEY**

**THMOMAS KEENE**

CORRESPONDENTE EM PARIS

**JEAN DELMAR**

Redator-Chefe da Publicidade: **Severino Lopes Guimarães**


IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

# POSTASI DO URUGUAI

ALBERTO CONRADO

### UM FILME URUGUAIO

MONTEVIDÉU, maio — Assistimos ao filme "José Artigas, protetor dos povos livres". Queremos analisar separadamente dois importantes aspectos dêste filme: sua contribuição e significado como expressão da inexistente indústria filmica uruguaia e depois a linguagem cinematográfica de seu realizador Enrico Gras aplicada a êste filme. Aplaudimos esta realização documental do máximo herói do Uruguai. Enrico Gras, que rodeou-se de técnicos uruguaios, realizou um filme de qualidade técnica, iluminação e montagem seguras dentro de seu estilo.

O trabalho de iluminação e enfoque de várias passagens do filme, realizado por operadores uruguaios, prova que neste pequeno país existem elementos já capacitados para captar imagens com beleza plástica. Passemos agora à segunda pa te de nosso análise: o estilo de narração baseia-se fundamentalmente em objetos inanimados, estilo com que Enrico Gras realizou o excelente filme "O caminho de Damasco", feito com estátuas e outro sôbre uma interpretação dinâmica de um quadro de el Giotto. Quando dissemos num parágrafo anterior "captar imagens com beleza plástica", indicamos tudo o que é o filme sôb e José Artigas, seus méritos e, por outro lado, suas limitações. Recordamos que faz trinta anos já, na Alemanha, seu cinema expressionista, nasce a procura dos valores plásticos.

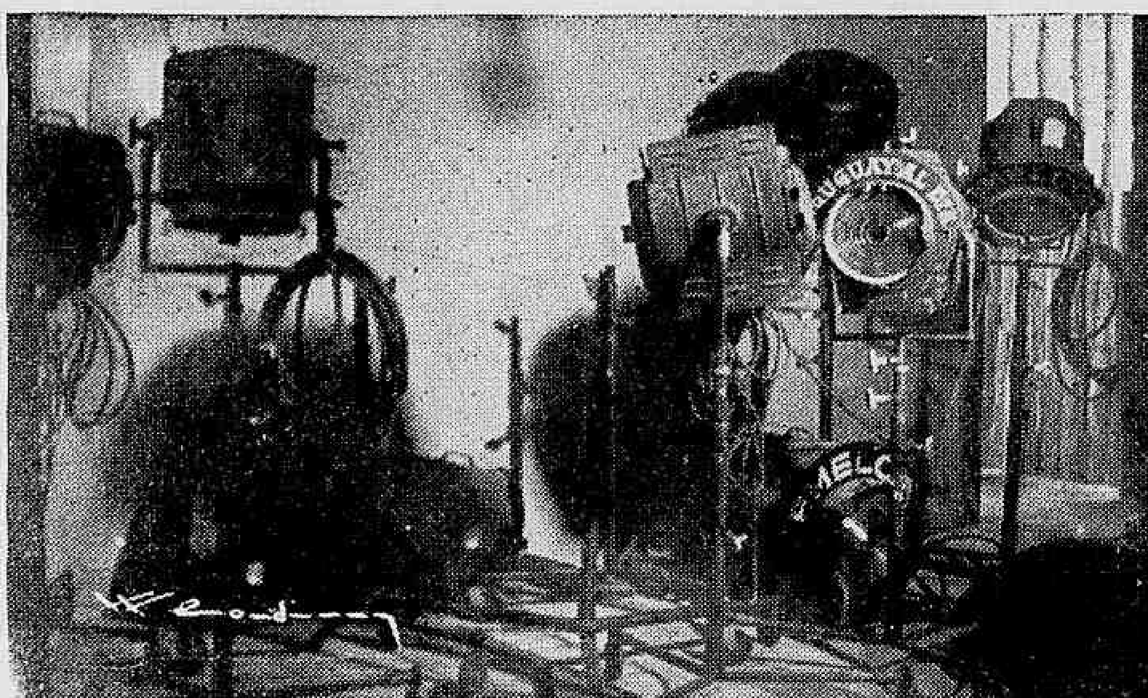
Até então, a Câmara se tinha limitado a contar histórias com seus personag ns, que se expressavam numa linguagem muda, sublinhados e aclarados aqui e acolá por um letreirozinho explicativo do que diziam e faziam.

O expressionismo procurou a cont ibuição de sugestão e emoção que possuem também as coisas que nos rodeiam; as árvores, os móveis e ainda os objetos mais vulgares envoltos na sugestão da luz e da sombra. Daí só faltava um passo para o encontro da expressão da forma pela mesma forma; o cubo, o cilindro, o cone, a pirâmide, despojando-as de tôda relação com a emoção humana. E êsse passo se deu numa série de filmes de curta metragem dessa época. Era um movimento similar ao cubismo em pintura com todo o positivo valor da sua contribuição pa a abrir novas eras nas linhas clássicas da forma e da côr e com todos os perigos do cubismo. Também nas suas exagerações que o levavam às vêzes a ser uma coisa de clave e linguagem impossiveis para os iniciados e que, por isso mesmo, era propicio a tôdas as emboscadas dos simuladores de talento. O grande cinema soviético, que então nascia com Eisenstein, Pudovkin e Vertov, mestre do documentário, tomou essa contribuição do expressionismo mas compreendeu que tudo isso era somente formas de expressão para ac escentar à grande linguagem do cinema. Assim, em "O Couraçado Potemkin", ao rodar ritmico das maquinarias do barco, é como um simbolo a mais de firme decisão dos marinheiros que avançam com seu barco dispostos a abrir caminho. E a bôca dura e negra dos fuzis, que encaram a multidão como olhos sem alma, e mil outros achados plásticos do filme, que hoje faz parte da antologia do cinema, têm sido inco porados à linguagem cinematográfica. Recordemos os obsessionantes trilhos de "A Bêsta Humana" ou a patética dança dos pãezinhos de Chaplin na "Quimera de Ouro". O diretor uruguaio enamorado da beleza das formas e da sugestão das luzes e das sombras sôbre os objetos inanimados, retomou a herança do primitivo expressionismo alemão para tentar narrações cinematog áficas sem a presença de sêres humanos e aproveitando tudo o que a técnica e a montagem de imagens tem progredido desde então. A epopéia de Artigas oferecia muitos inconvenientes e obstáculos intransponiveis pa:a Enrico Gras e é nisso onde se observa algumas das debilidades de seu estilo de narração. Gras utiliza a estatuária existente no Uruguai: monumentos de Artigas, baixos-relevos, fortalezas coloniais e armas antigas, mosquetes, canhões e lanças como p:incipal base de sua narração de imagens. E a estatuária de que dispõe não é muito vasta nem diversa em motivos, razão pela qual Gras deve voltar forçosamente a mostrar várias vêzes os mesmos elementos dentro do filme, pois que já está tornando-se cacete a repetição do gaúcho, do rosto do indio, das lanças e de outros temas semelhantes. Também no que se refere à unidade plástica das imagens, não é acertado que se tenha recorrido tanto para as estátuas com seu próprio relêvo, ao jôgo de luzes, assim como a mapas e a óleos de batalhas e outros feitos históricos, que fazem o filme destoar do ponto-de-vista de harmonia do conjunto. A parte final das tomadas de noticiários sôb:e as homenagens no centenário de Artigas, não vai também com o estilo genérico do filme. Enrico Gras é um homem com certo sentido da imagem e da montagem, empenhado, apesar de tudo, em realizar verdadeiros "tout de forces" ao limitar-se voluntàriamente a sòmente utilizar certos elementos da linguagem cinematográfica, algo assim como êsses virtuoses que se empenham em tocar numa só corda do violino. De tôdas as formas tem-se que felicitar a Enrico Gras por ter tornado possivel fazer êsse filme no Uruguai, coisa que aqui não acreditavam. Nem nós. Foi uma agradável surprêsa.

★

### FARÁ O BRASIL UM FESTIVAL CINEMATOGRÁFICO

MONTEVIDÉU, maio — Como disse Jean Cocteau "somos na história a primeira geração que passou sua infância no cinema"; corresponde-nos, entretanto, ren der reverência a seus inaudito progressos e exigir-lhe o máximo de aspirações para levá-lo, no mesmo ritmo vertiginoso, aos postos da mais alta hierarquia Com êste propósito foi que surgiram, faz alguns anos, os Festivais Cinematográficos que, depois se foram estendendo e repetindo nas diversas latitudes do mundo.



**Maquinaria uruguaia a serviço do país**

E' a exibição e a critica o passo obrigatório que tinha que dar o cinema como exp essão de arte madura. Os primeiros sinais do cinema se pareceram aos que, anos mais tarde, deram aquêles entusiastas do rádio, que ligavam mais às mudanças de onda do maravilhoso brinquedo, do que à informação que chegava pelos aparelhos de escuta. Em contraste com isto, em qualquer rádio de hoje, por modesto que seja — num rancho do vale com moinho de vento — tem mais valor a cultura e a comunicação do que naqueles tempos primitivos de prodigios técnicos que captavam ondas de tôdas as partes sem interessar-se pelo que diziam. Da mesma forma, o cinema ocupou a missão com que agora o concebemos quando, resolvidos os mais elementares problemas técnicos, deixou de interessar-se pelo rodar de uma bicicleta ou a vista de uma cascata, ou uma rua, apresentados como imóveis fotografias, e lançou-se ao contrato de célebres atores. A França foi a primeira a dar saida, por outro meio, ao gênio dramático e literário do homem. Sem êste estimulo, tôda expressão artistica na forma que conhecemos, ou noutras muitos que se inventem, será como uma fria peça de marfim primorosamente talhada com inverossimil paciência ao lado de um traço rápido de qualquer figura genial da história mundial da pintura. O cinema recebeu a proteção da arte; o doutorado definitivo na criação humana, quando suas realizações levaram em conta os sentimentos, as angústias, as dúvidas e as esperanças do homem, quando tudo isso era o fim perseguido pelos autores e a técnica um simples instrumento. Para isso foi necessário julgá-lo organizadamente e como com o movimento não se pode fazer museus, nem exposições, teve que organizar exibições ordenadas ou "festivais cinematográficos". Assim foi como Veneza, com suas inauditas glórias e tradições artisticas e turisticas, que desde anos at ás já vinha organizando exposições de pintura e de escultura, abandonou sua identidade com a côr que fizeram famosos os maiores artistas e considerou sèriamente que o problema do cinema, pelo que possui de imagem e de profundidade, cabia também dentro de sua atenção e sua missão de jurado artistico. Dia chegará em que essa concessão, realizada para passar das luzes douradas dos entardeceres de Ticiano aos tristes crepúsculos em branco-e-negro do cinema, poderá ser superada pelo definitivo triunfo das côres na tela, em formas muito mais precisas e faustosas do que as que já constituem a nossa admiração.

Mas, os festivais de cinema não podem ter sua exibição, ou exposição, num só lugar da terra, por bastante elevada que seja a consciência a tistica do público e de critérios. Deve, pelo contrário, submeter-se a criticas antipodas porque o cinema é eminentemente universal. Um filme, interpretando os mais tipicos problemas da consciência humana, tem que triunfar do mesmo modo no Norte como no Sul; tanto nas salas *exclusivamente para indigenas* das colônias das potências européias em África; como nas salas das grandes avenidas das fabulosas capitais do mundo; entre milionários ou ante operá:ios, ante a mocidade e a velhice.

A tela cinematográfica é sòmente um marco, nos poucos instantes em que a ilumina as luzes da sala; porém, quando surge o "divino" raio do refletor, condutor de tôdas as imagens e anseios possiveis que então o cinema nos apresenta não existe dimensão nem proporção. Cabe na tela o infinitamente pequeno e o próprio infinito. A mão, a cara, o corpo inteiro, o ambiente que nos rodeia, a comarca onde estamos, o pais, o continente, o planêta, o sistema solar, ou a via-láctea de mundos infinitos... tudo é questão de ângulo. Por isso a critica, o alto tribunal do cinema, não possui

(Cont. na pág. 22)

# Antes e Depois

# GENE KELLY



O agilíssimo bailarino da Metro Goldwyn Mayer nasceu em Pittsburgh, a 23 de agosto. Estudou em escolas públicas daquela cidade e chegou à sua Universidade, onde se graduou. Hesitando entre várias profissões, entre as quais a de advogado — decidiu-se um dia pela que mais o intrigava: a dança. Foi com êsse propósito que rumou para New York, onde após alguns estudos conseguiu lugar numa peça músical: «Leave it to Me». Trabalhou depois em outras peças até encontrar sua grande «chance», que foi a peça «Pal Joey», um sucesso completo... que lhe valeu também um convite para trabalhar em filmes. Metro conquistou-o então, e só no cinema tem Gene Kelly trabalhado nos últimos anos. Gene Kelly gosta de dirigir filmes, tem idéias próprias, e já nos deu prova de sua habilidade dirigindo de parceria com Stanley Donen o filme «Um dia em New York». E «Sinfonia de Paris» (An American in Paris) tem todo o elemento musical sob a direção de Gene Kelly, pertencendo a parte do enrêdo a Vincente Minnelli.







NASCEU em Londres a 27 de fevereiro. Pouco antes do início da Segunda Grande Guerra, seus pais a mandaram para Pasadena. Califórnia, para a casa da avó. Quando soube, um dia, que a Metro Goldwyn Mayer procurava uma menina para interpretar «A Força do Coração» com Roddy McDowall e Lassie, Elizabeth Taylor pediu que lhe dessem o papel. Foi aceita — e aprovou cem por cento. Pouco depois aparecia com Mickey Rooney em «A Mocidade é assim mesmo». Desde então, Elizabeth Taylor, que tem cabelos negros e lindíssimos olhos, tem aparecido num sem-número de sucessos, inclusive «O Papai da Noiva». E' considerada uma das 10 jovens mais belas do cinema em todos os tempos. Realmente, embora apareça lindíssima na tela, é ainda mais bela e impressionante em pessoa.



# ELIZABETH TAYLOR

# O PUBLICISTA, ÊSSE CONDENADO!

2.ª e última de duas reportagens

COMO eu disse no artigo anterior, o publicista trabalha mais por amor à arte. No intuito de esclarecer melhor a posição do profissional diante do seu trabalho, resolvi ouvir em um inquérito, alguns dos mais destacados publicistas de cinema do Rio, e o resultado é o que se segue. Oswaldo Leite Rocha é um dos mais antigos publicistas cinematográficos do Rio. Ingressou na Paramount em janeiro de 1925. Durante muitos anos foi assistente de Celestino Silveira e depois de Vasco Abreu, assumindo a chefia do Departamento por ocasião do falecimento de Vasco. Jornalista profissional, trabalhou em "Cine Magazine", "Vida Doméstica", "A Pátria", "Rádio Ipanema", "Jornal do Exibidor" e "Ritmos". Atualmente é o Gerente no Rio, da Agência da Paramount no Brasil. À pergunta: "Que gênero de filme prefere lançar e por quê?" — respondeu Oswaldo Rocha:

— "Não tenho predileção por qualquer gênero em particular, e sim pelos filmes inteligentemente feitos, quer se dirijam às massas ou às elites. São êstes que suscitam discussões, debates e polêmicas entre os "moviegoers", daí resultando uma bem maior afluência aos cinemas, que é o objetivo visado pelo publicista".

— O público corresponde sempre ao esfôrço e à originalidade do publicista e da propaganda?

— "Nestes vinte-e-cinco anos de atividade no setor de publicidade cinematográfica, nem uma só vez o público me decepcionou, ou melhor, deixou de corresponder aos apelos da propaganda. A explicação única que encontro para essa sorte é a de ter eu, como fã de cinema, preferências iguais às das camadas populares, o que me permite focalizar nos anúncios os ângulos que mais me agradaram no decorrer do filme."

— Qual o tipo de filme de mais fácil aceitação e que dispensa uma propaganda custosa?

— "O tipo varia de acôrdo com o "ciclo" que esteja em moda, tais como, por exemplo, os "ciclos" *western, musicado, guerra, comédias malucas, gangster, biografia*, etc. No momento presente, com a volta do "ciclo western", qualquer bom filme de "mocinho" lota os cinemas, sem que os publicistas necessitem dispender grandes esforços de imaginação."

— Dos filmes que lançou até hoje qual o que lhe deixou melhor recordação? — foi a pergunta seguinte. E a resposta veio pronta:

— "Foram muitos, mas eu julgo que não serei injusto com os demais destacando "Meia-Noite", com Claudette Colbert e Don Ameche; "Contrastes Humanos", com Veronica Lake e Joel McCrea; e "Por Quem os Sinos Dobram", com Gary Cooper e Ingrid Bergman. São lançamentos que tiveram "histórias", possivelmente longa e fantasiosa para ser repetida nesta altura dos acontecimentos, mas da qual guardo pitorescas recordações."

— Já sofreu algum desapontamento sério, i. é., a afluência à bilheteria foi decepcionante em relação ao volume e à originalidade da propaganda?

— "Em lugar de desapontamento, experimentei curiosas surprêsas ao constatar grandes rendas de bilheteria obtidas por filmes considerados medíocres pela crítica e pelo público, filmes que forem precedidos de uma publicidade discreta, de conformidade com sua classe inferior."

— "Que veículo considera mais adequado para a propaganda de cinema: o jornal, rádio, impresso volante ou reclame dentro do próprio cinema? Ou conhece outra forma superior?

— "O veículo varia de acôrdo com a classe de público que se deseja atingir. Felizmente para nós, publicistas, existem milhares de pessoas que vão ver todos os filmes, em qualquer cinema, e quando gostam do que viram, convertem-se em *publicistas ideais*, insistindo junto aos amigos e conhecidos: — Não percam o filme que está sendo exibido no cinema tal. E' formidável, etc."

— A Censura, no Brasil, limita ou interfere na publicidade cinematográfica? Como? A limitação é necessária?

— "Sim, interfere no que diz respeito aos textos dos anúncios dos filmes considerados impróprios para menores, assim como na exibição de cartazes e fotografias de filmes impróprios ou não. Confesso não compreender bem a necessidade da limitação, uma vez que a propaganda em geral possui uma ética baseada precisamente na honestidade e na moral. Reconheço, entretanto, que os legisladores, entendidos no assunto muito mais do que eu, devem ter lá as suas razões. Quais são elas, ignoro e não quero saber..."

— Que propaganda aprova melhor: a bombástica, curta, de "estouro" ou a lenta, trabalhada, persistente? Os efeitos são diversos?

— "Como regra geral, todo e qualquer gênero de propaganda aprova quando adequada ao tipo de filme oferecido ao público. Entram aí os fatôres "título do filme", "nome dos artistas", "nome do diretor ou produtor", "gênero do argumento", etc., indicando ao publicista o rumo a seguir."

— O estrelismo afeta a publicidade para bem ou mal? Por quê?

— "O estrelismo afeta, e muito, à publicidade, quase sempre para o bem. Muitas vêzes o nome de uma *estrêla* é mais eficiente para arrastar o público ao cinema do que tôda uma bem feita "campanha de publicidade" em tôrno de um filme interpretado por atores desconhecidos do grande público. O trabalho que o publicista tem em "forçar" o nome ou a fisionomia de um ator em jornais e revistas, é sempre recompensado depois se a divulgação obtiver êxito junto aos fãs."

— Considera o lançamento dos filmes americanos mais fácil do que o dos de outra origem? Em que consiste a diferença?

— "O que facilita a tarefa do publicista são os elementos de atração que o filme possua, e não o seu país de origem (a não ser que o país de origem, por si só, já seja uma atração...)."

— Que papel a crítica especializada representa em relação à publicidade?

— "Como profissional e como fã, acompanho com interêsse e atenção a atividade da nossa competente crítica especializada, confrontando depois as rendas dos filmes com o que foi dito a seu respeito. A verdade é que muitas vêzes o público transforma em êxitos de bilheteria produções que não foram bem recebidas pela crítica, assim como fogem dos cinemas que exibem filmes elogiados por outros. Torna-se, pois, difícil, ou mesmo impossível para o publicista distinguir até que ponto a crítica especializada influiu."

Bem, essas foram as respostas de Oswaldo Rocha ao inquérito. Waldemar Tôrres, que nasceu no Rio e teve um pai que adorava o



**Zenaide Andréia, publicista da R.K.O. Radio, declara: «Prefiro lançar os filmes românticos, porque oferecem maiores possibilidades à imaginação feminina».**

## OS PUBLICISTAS E A PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES ★ SURPRÊSAS E DESAPONTAMENTOS ★ A MELHOR PROPAGANDA PARA UM FILME ★ O "ESTRELISMO", A CENSURA E A CRÍTICA, FATÔRES MARGINAIS ★ FALAM ZENAIDE ANDRÉA, WALDEMAR TÔRRES E OSWALDO ROCHA ★ IMPOSSÍVEL O "BALLYHOO" NO RIO DE JANEIRO.

de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA

teatro e odiava o cinema, foi fã quase às escondidas, dêsses que colecionam programas em papel de jornal e contava pela folhinha os dias que o separavam da estréia do novo filme de Pola Negri; quando se anunciou que a Metro-Goldwyn-Mayer abriria agência no Brasil, não sossegou enquanto não conseguiu lugar na mesma, apenas lamentando não encontrar no *cast* da produtora de Culver City a senhora Gloria Swanson. Isso foi há um par de dezenas de anos. Waldemar vem, assim, do tempo de "The Big Parade", "Ben-Hur", "La Boheme", "Mare Nostrum" e um filme horroroso chamado "Valência"... Do tempo em que Pedro Lima, p. ex., era um homem eufórico porque o cinema era silencioso... Foi um dia após a estréia de "A Carne e o Diabo" que começou a trabalhar diretamente na Publicidade, substituindo Celestino Silveira. Continua acreditando em Greta Garbo, Margaret Sullavan e Jean Arthur, nesta ordem de valores. Sente-se muito feliz porque um senhor chamado Paul Muni está ausente do cinema (o que naturalmente não é opinião de muita gente, minha inclusive...). Não é contra os filmusicais inconsequentes, acha que há lugar para tudo, mesmo para o Tecnicolor, o que deve ser um sincero ponto de vista pessoal, desagrade a quem quiser... Waldemar, que já foi a Hollywood e a Paris por conta do Leão, respondeu que prefere lançar os filmes dramáticos, explicando:

— "Porque acho que estou oferecendo ao público alguma coisa consistente, menos repetida, de mais miolo."

Quanto à pergunta sôbre se o público corresponde ao esfôrço da propaganda, êle disse: — "Duvido que alguém tenha conseguido apurar isso". Sôbre os filmes de maior aceitação, acha que "as comédias". Dos filmes que lançou, mais de um deixou-lhe recordações: "Romance", de Greta Garbo; "Orquídeas Silvestres", da mesma grande sueca; "Terra dos Deuses", apesar de Paul Muni; "Três Camaradas", "...E o vento levou", e "Ziegfeld Follies". Mas a lista é incompleta" — ocrescenta Waldemar. Sôbre se já sofrera desapontamentos, disse:

— "Sim. Algumas vêzes. O exemplo mais forte é êste: "Grande Hotel", um filme que até hoje respeito". E, continuando:

— "Opto pelo reclame dentro do próprio cinema. Talvez optasse pela propaganda de rua — o "ballyhoo" — mas só em grande estilo, caríssima, mesmo impraticável no Rio."

Aí chegou a vez de perguntar sôbre a influência da Censura. Waldemar disse:

— "Não. Na verdade, atualmente, digo-o sinceramente, não temos motivos de queixas da Censura. Afora uma tolice ou outra — como carimbar foto por foto de um filme — dando-se com isso a impressão de que se está salvando o Brasil — vai tudo bem."

Voltei à velha questão: que propaganda aprova melhor, a bombástica ou a trabalhada? E êle:

— "Aí está uma pergunta difícil de responder. Se me perguntasse de que gosto mais, diria que da publicidade lenta, trabalhada, persistente."

Quanto ao lançamento de filmes americanos ou de outras origens e a respeito do papel da crítica, as respostas foram:

— "O publicista, acho, encontrará recursos em qualquer filme. Sabe que o exotismo da procedência muitas vêzes ajuda?" — Sôbre a crítica: "Um papel às vêzes bem, às vêzes mal representado. Mas acredito, sempre com a melhor das intenções."

A terceira entrevistada foi Zenaide Andréa, da RKO-Radio, e a quem já me referi anteriormente, se vocês, leitores meus, estão lembrados. Zenaide prefere lançar os filmes românticos, dizendo:

— "Porque oferecem maiores possibilidades à imaginação feminina. Entretanto, gosto também, e muito, de lançar filmes de caráter realista ao mesmo tempo que aprecio fazer os lançamentos de desenhos animados, em longa metragem, de Disney". Se o público corresponde? — "Bem, nem sempre. O público é, às vêzes, surpreendente em suas reações... inclusive frente à propaganda. Nem mesmo os maiores e mais representados autores teatrais do mundo, a exemplo de G.B.S., sabem quando uma de suas peças irá agradar, imediatamente ou não, às platéias, embora sejam elas apresentadas com bastante publicidade."

— Qual o tipo de filme que dispensa propaganda cara?

— "Ora, os de Tarzan..."

Disse depois Zenaide que os filmes que lhe deixaram maiores recordações foram: "O meu maior amor", recente produção de Goldwyn. No passado, quando era chefe de publicidade da Columbia, "Do mundo nada se leva", uma adorável sátira de Capra."

Sôbre desapontamentos ocasionais na propaganda:

— "Detesto parecer infalível... mas, para falar a verdade, nunca tive essa sensação de maneira definitiva". E sôbre a melhor propaganda:

— "Todos os meios aludidos e ainda outros, como os de atração urbana (carros alusivos, figuras humanas caracterizadas segundo o filme, cartazes, etc.) são bons para a propaganda cinematográfica. Contudo, considero em primeiro plano a imprensa, ao pensar no lançamento de qualquer espécie de filme."

Sôbre a Censura:

— "Ao retomar as atividades de publicista cinematográfico em 1949, notei que a censura exerce melhor, agora, seus propósitos moralizadores que antes. A limitação a que se refere, é necessária em certos casos.

Sôbre o estrelismo:

— "O estrelismo foi uma constante na linha do desenvolvimento do cinema, principalmente em relação ao público. Hoje... Por isso, já pouco representa em questão de publicidade, apesar de ser considerado excepcionalmente em determinadas ocasiões."

Sôbre o tipo de propaganda mais eficiente:

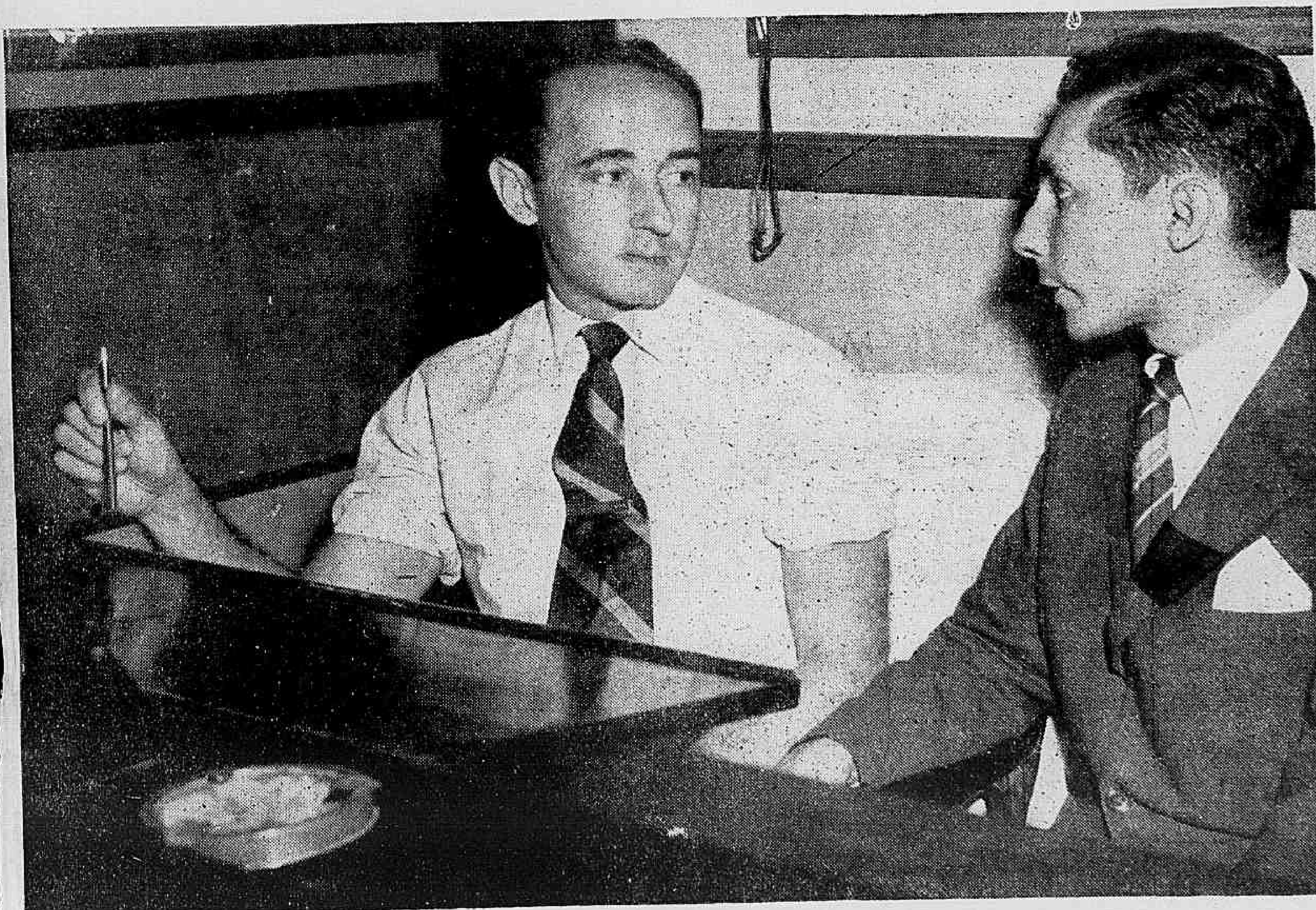
— "Aprovo todos os meios de propaganda, desde que sirvam à uma finalidade objetiva e correta. Quanto à diferenciação de efeitos obtida mediante êsse ou aquêle meio... quem é que já chegou, sinceramente, à uma conclusão?"

A respeito da propaganda com relação à nacionalidade da fita:

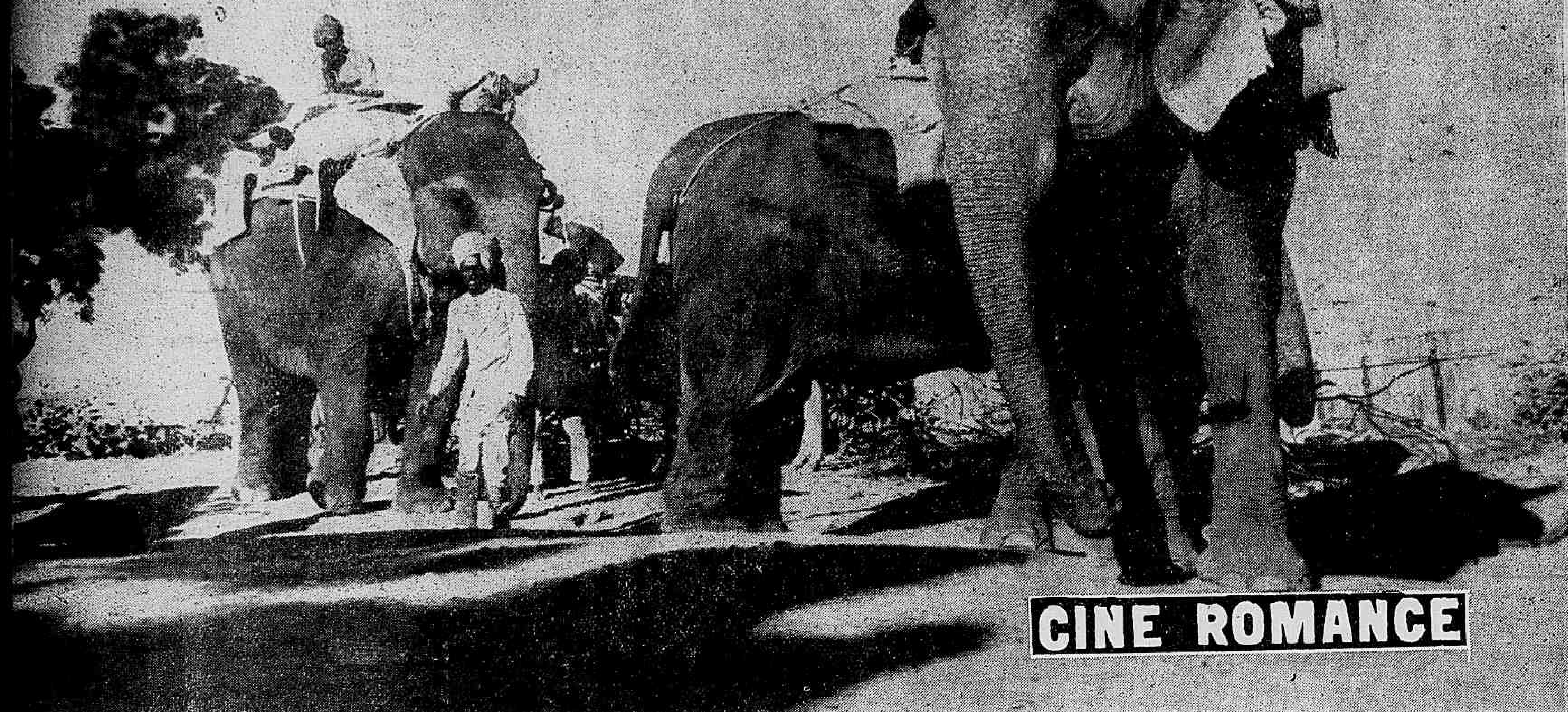
— "Em matéria de propaganda, tudo é fácil e difícil, simultâneamente... A procedência dos filmes, não obstante as características de origem, pouco importa."

E sôbre a crítica, dona Zenaide?

— "Eu, hein?... Prá que falar em coisas sérias?..."



**Waldemar Tôrres, publicista da Metro, declara: «Prefiro lançar os filmes dramáticos, porque acho que estou oferecendo ao público alguma coisa consistente, menos repetida, de mais miolo».**




No ano de 1885, durante o reinado da Rainha Vitória, a vasta e perigosa terra da Índia estava tão prêsa de inquietude e intriga que irmão espionava irmão e amigo espionava amigo, até que chegou a um ponto quando um homem escassamente confiava em sua própria sombra. E das perigosas fôrças ao norte da fronteira exalava o mêdo de invasão e pilhagem.

Postados ao longo do país e através das mais inóspitas regiões se encontravam os melhores regimentos e tropas sob o comando do Império. Mas, sòmente essas fôrças não eram o bastante contra os inimigos que caminhavam à sombra e na escuridão das noites.

E isso marcou o nascimento de uma nova espécie de exército. Um exército sem bandeiras; um exército cuja única recompensa era a glória do serviço. A êste exército pertencia o Coronel Creighton; o homem alto, de meia-idade e auto-disciplinado que chegara êste ano a Umballa, aparentemente como chefe de pesquisas etnológicas.

Hoje, enquanto êle se senta em seu gabinete repleto de mapas, o seu criado nativo anuncia um visitante:

— "O Professor Chunder, da Universidade de Bombay.

Quando o criado se retirara, Hurree Chunder falou baixa e ràpidamente:

— "Há complicações, senhor. Muita complicação. Os agentes do inimigo estão muito ativos em nosso meio".

Com a face impassível, Creighton tocou um mapa pregado à parede:

— "O M-22, em Lahere, o C-27 em Lucknow, e o L-6 em Simla... todos reportam a mesma coisa". — Isto significava que poderiam esperar um novo ataque do norte. — "Mas eu preciso ter certeza. E' perigoso de mais instar para que o Comandante em Chefe mande tropas com urgência para o norte quando elas talvez sejam necessárias em outro lugar. Há três semanas atrás, enviei o Barba Vermelha a investigar no norte, indo através do Passo de Dora, a fim de que se saiba se os nativos se estão preparando para um ataque. Cedo teremos notícias suas".

Como Chunder insistisse na questão de que a Índia necessita de um exército dez vêzes maior do que contava, êle meneou a cabeça negativamente:

— "O exército é bastante numeroso, contanto que o nosso departamento possa determinar onde é a complicação".

Pois êste era o "Intelligence", cujos componentes chamavam o seu trabalho de "O grande jôgo" — e os livros de história afirmam que muitos deles morreram enquanto jogavam.

Êle sabia muito, aquêle Creighton Sahib Mas ainda não tivera conhecimento do garôto Kim, da cidade de Lahore, cujo destino estranhamente juntado como um elo ao Grande Jôgo.

À noite passada, o garôto havia pulado através dos telhados da cidade, dando a impressão de um imenso pátio, — o domínio especial de mulheres, ferózmente guardado dos olhos de estranhos — a fim de encontrar-se secretamente com uma rapariga de nome Laluli, para o Barba Vermelha, a quem Kim conhecia apenas como Mahbub Ali, o mercador de cavalos.

Ao voltar, sòmente a inteligência e presença de espírito do garôto o salvaram da afiada espada de um guarda que gritara:

— "Envergonhador da Fé!"

Pois, usando vestimentas nativas, e queimado pelo sol indiano como estava, êle dava a perfeita impressão de ser um garôto hindu Quando o guarda chamou a polícia, Kim se esgueirou por um beco escuro, onde apanhou um embrulho de limpas roupas de sahib. Vestido nelas, o azul de seus olhos e as atrevidas irradiações de suas feições irlandesas tornaram-se imediatamente notadas.

Voltando às ruas com o seu rápido passo, Kim se dirigiu ao lugar onde Mahbub Ali o esperava, entregando-lhe a chava que Laluli lhe dera. A admiração do garôto pelo forte, esbelto e magnificamente vestido mercador não tinha limites, e êle tocou as suas

---

Título original:

**K I M**

E L E N C O :

| | |
|---|---|
| Mahbud Ali, o Barba Vermelha ..... | ERROL FLYNN |
| Kim ................ | DEAN STOCKWEL |
| Lama ............... | Paul Lukas |
| Coronel Creighton . | Robert Douglas |
| Emissário .......... | Thomas Gomes |
| Hurree Chunder ... | Cecil Kellaway |
| Lurgan Sahib ..... | Arnold Moss |
| Padre Victor ....... | Reginald Owen |
| Laluli .............. | Laurette Luez |
| Hassan Bey ........ | Richard Hale |
| Os russos .......... | Roman Toporw<br>Ivan Triesault |

Um filme da Metro-Goldwyn-Mayer — Produção de Leon Gordon — Direção de Victor Saville — Cenário de Leon Gordon, Helen Deutsch e Richard Schayer — Baseado na novela «Kim» de Rudyard Kipling.

vestimentas com dedos invejosos. Principalmente a capa. Tal capa deve custar uma jovem fortuna, pensou êle. Enquanto o seu pensamento voluteava em hipóteses quanto ao prêço da capa, Kim pensou que deveria custar muitas rupias.

— "Eu posso ganhar rupias," — brásonou Kim.

— "Então pode, hein," — respondeu vagarosamente Mahbum Ali, olhando-o de uma maneira que não escondia um certo orgulho em seu jovem amigo. — "Venha ao portão Kasmir Serai amanhã. Uma hora antes do pôr do sol".

Voltando de madrugada a miserável habitação exalante à pobreza onde êle residia e chamava de lar, Kim encontrou a mulher eurasia que o tinha criado, num verdadeiro estado de agitação.

— "Elas estiveram aqui novamente à noite passada".

— "As mulheres missionárias?" — indagou Kim meio-desinteressado.

— "Sim. Novamente eu menti... Jurei-lhes que era irmã de tua mãe".

— "Ótimo," — externou Kim.

A mulher suspirou:

— "Péssimo. Êles sabem que és inglês e hoje te virão buscar para levar-te para o colégio de brancos em Calcutá".

— "Ah, mas primeiro êles terão de me apanhar".

— "O garôto já estava vestindo novamente costumes nativos. — "Tenho um amigo... um grande mercador de cavalos. Eu trabalharei para êle e verás como ganharei muitas rupias!" — Êle transferiu dois papéis amarelecidos de uma caixa para o amuleto que trazia ao pescoço. — "Enquanto viajo, procurarei o touro vermelho no campo verde de que meu pai me falou tantas vêzes... e o coronel montado no cavalo branco na frente de novecentos diabos".

Como sempre, as palavras cujo significado nem mesmo êle conhecia brotaram de seus lábios, pondo em ebulição a sua mente:

— "Eis a prova que êle me deu. Passarão por mim".

A mulher suspirou:

— "Próximo ao fim, teu pai falou muito em enígmas; mas, quando não havia dinheiro para o "*brandy* êle dizia-me que precisavas estudar os livros inglêses e as maneiras de um sahib".

A boca do garôto se retorceu:

— "Conseguir conhecimentos é perder a liberdade".

— Êle deu um abraço apertado na mulher, despedindo-se: — "Nunca me esquecerei de ti".

Na praça da cidade, mais atrde, vagueiou até a hora do encontro com Mahbub Ali. Estava passeando, quando por êle passou uma silhueta alta e cativante. O rosto calmo e forte era como pergaminho, amassado pelo tempo, cortado de rugas; seus olhos pequenos e ligeiramente amendoados. As suas vestimentas eram estrangeiras e êle carregava rosários. Enquanto êle cansadamente se encostava a uma árvore, Kim dele se aproximou, perguntado:

— "Viestes de longe?"

— "Das montanhas do Tibet... um sacerdote do Senhor Buda. Venho a procura do Rio de Flecha. Onde, esta tocou a terra, brotou um córrego cuja virtude é de quem quer que nêle se banhe lavará tôda a mácula do pecado. Por muitos anos já, andei perdido em buscas".

— "*Anos?*" — Ecoou Kim. — "Como conseguis viajar?"

— "A caridade é um bem divino". — Respondeu simplesmente o lama, à medida que retirava uma tijela de dentro de suas vestimentas. — "Esmoleio da mesma forma como o fez o Mestre". — Mas as leis exigiam que o seu *chela* ou discipulo ajudante implorasse à caridade pública por êle. E o seu *chela* o tinha deixado há já três dias". — Desde então eu não como".

— "E se tivésseis um *chela,*" — perguntou Kim ràpidamente, "compartilharia êle a vossa caridade?" — Faltavam ainda muitas horas antes que o sol se pusesse e êle mesmo estava com fome. Com a afirmação do lama, êle apanhou a tijela: — "Descanseis".

Quando êle regressou, com a tijela cheia, êle não confessou como inescrupulosamente conseguira os alimentos — ameaçando maldições do homem santo a todos aquêles que não contribuissem.

— "E's um maravilhoso fornecedor," — disse gratamente o lama. — "Compreendo que fôste enviado com um propósito. Contigo encontrarei o Rio da Flecha. — Gravemente êle escutou a história da procura de Kim, em busca de um touro vermelho num pasto verde. "Então buscaremos juntos. Acaso buscarás comigo e serás meu chela?"

"Não, homem santo," — respondeu gentilmente Kim, — "mas vos arranjarei um lugar para dormir hoje à noite".

★

O Portão Kasmir Serai estava cheio de mercadores viajantes e seus claustros adjacentes haviam sido alugados aos mercadores para ali passarem a noite. De um cubículo, Mahbub Ali saudou Kim. Exclamou ao ver o seu companheiro:

— "Um lama!"

Em seguida ordenou comida para o sacerdote e um lugar para êle passar a noite e ouviu a história de Kim.

— "Êle deseja que eu vá com êle a Benares," — concluiu o garôto. — "Mas já me decidi a viajar com *você!*"

Mas Mahbub tinha outras idéias.

— "Umballa está situado no caminho de Benares. Se você viajar com o homem santo como seu chela até Umballa eu o pagarei bem. Tenho um recado para você transmitir... " — Calou-se ao aproximar-se um estranho, que dizia ser Hassan Bey, pedindo trabalho. — "Procure o meu capataz... peça a êle".

A sua voz não era mais do que um sussurro quando êle falou a Kim, depois do homem ter saido.

" — Em Umballa você procure um homem cujo nome é Creightor Sahib. Diga-lhe: O pedigree do ginete branco foi estabelecido. Mahbub Ali me deu a prova". — Em seguida entregou a Kim um pedaço, ordenando: — "Mastigue isso bem". — Acrescentou antes de retirar-se: — "Estarei vendendo cavalos na Estrada da Mala Grande. Talvez hajam novas rupias para você".

Secretamente, protegido pelas sombras, Kim mordeu o pão. Os seus dentes deram com três rupias de prata e um papel perfurado em cinco lugares. Sem saber, êle já se tornara uma pata da Grande Caça.

Com a sua confiança infantil, o lama aceitou o anúncio de Kim de que seria o seu chela, e concordou que deviam tomar o trem imediatamente para Umballa.

Quando ali chegaram já a noite começara a envolver a cidade com o seu manto de trevas. Kim se informou do local da residência de Creighton Sahib e, ordenando ao lama que descansasse, dirigiu-se imediatamente ao endereço de Creighton.

Como um mendigo nativo êle se aproximou do homem que se encontrava na varanda; esperou enquanto o coronel dava ordens a seu criado para a preparação do jantar para um hóspede que esperava um general. Então, com as mãos estiradas como se pedisse uma esmola, êle sussurrou o recado, deixando cair o papel nos degraus. Creighton o apanhou no momento exato em que o seu hóspede entrava.

A curiosidade moveu Kim a trepar numa mangeuira e olhar para dentro da casa, onde viu Creighton colocar o papel sôbre um mapa da India.



**Barba Vermelha, o agente da Inteligence Service encarregado de desvendar um intrincado mistério na India.**



**E com o auxílio de uma lança êle conseguiu provocar uma avalanche. As pedras começaram a cair sôbre a cabeça dos inimigos lá em baixo.**



**Barba Vermelha se dizia mercador de cavalos, mas Kim estava encarregado de levar as suas mensagens ao chefe.**

— Êles atacarão nesses cinco pontos! — exclamou êle.

Ouvindo a decisão do general em enviar oito mil homens que seriam postos nesses cinco pontos, êle disse, sòbriamente.

— "Significaria guerra se êles conseguissem passar pelo Passo Khyber antes de chagarmos lá".

Kim se retirou enquanto o general agradecia a Creighton pela informação que tornara possível a preparação...

Sem pergunats, o lama aceitou a escolha de Kim para seguirem para a Estrada da Grande Mala, como uma artéria ao longo da face da India, para continuarem as buscas de cada um. Foi durante esta jornada que Kim compreendeu a santidade do lama.

Uma cobra, preparada para lançar o bote, jazia na estrada. E Kim, aterrorizado, certamente a teria matado, não tivesse o lama soerguido a mão:

— "Grande mal deve ter feito uma alma para ser reencarnada sob esta forma. Deixe-a viver a sua vida". — Assim falando êle abençôou o réptil, que se enrolou e não lhes fez nenhum mal.

Os olhos do garôto espelhavam um espanto irreverente.

Depois de longas horas de caminhada, quando os seus pés já se achavam doloridos, os dois pararam num campo para descansar. Assim se achavam quando Kim se levantou, pois algo excitara o seu interêsse. Uma viatura do Corpo de Serviço do Exército arrastava-se pela estrada, deixando infantes em intervalos precisos; enquanto cada um deles fincava uma bandeira regimental no chão.

A mais próxima bandeira era verde e nela havia um brazão, um touro vermelho. Então, aos sons de uma banda militar, um regimento de cavalaria por ali galopou, sendo dirigido por um coronel que seguia à frente, montado em um cavalo branco.

Kim sentiu um calafrio brincalhonamente percorrer a sua espinha de alto a baixo. Palavras brotaram em seus lábios, parecendo à fôrça terem sido retiradas de sua garganta.

— "Oh, homem santo... olhai ! Exatamente como estava escrito!"

Com uma velocidade inacreditável, foram erigidas tendas, e em poucos minutos o que fôra um campo verde era agora um acampamento militar. No umbral de uma das barracas estava postado um sacerdote do exército.

— "Dirige-te a êle e pergunta-lhe sôbre a tua busca," — instou-lhe o lama. "Quem sabe se êle também não ouviu falar de meu rio?"

Um dos guardas apanhou o garôto, arrancando-lhe o amuleto, que entregou ao padre, dizendo:

— "E' melhor olhar o que é isso, Padre Victor".

Examinando os papéis, o sacerdote exclamou:

— "Poder das Trevas! O licenciamento honroso do Sargento Kimball O'Hara... e o certificado de nascimento de seu filho. Ora, eu fiz o casamento de O'Hara com Annie Scott!" — Êle abriu as vestimentas de Kim, contemplando a pele branca. — "Um O'Hara sem a menor dúvida! O seu pai era um bom homem. E a escola para os órfãos militares lhe fará um homem tão bom quanto êle".

Enquanto Kim berrava que sòmente desejava ficar com o seu homem santo, o lama apareceu, ouvindo a história. Os olhos que êle dirigiu para Kim eram tristes, pois êle começava a gostar do menino. Mas era imprescindível que êle tivesse uma educação de sahib. Sabendo que a melhor escola era a São Xávier, cujo preço cobrado anualmente era de quatrocentas rupias, pediu a Padre Victor:

— "Escreveis a quantia do dinheiro num papel... e o pagamento será efetuado".

O seu aspecto de dignidade tornava impossível uma recusa. E embora Kim pedisse apaixonadamente para permanecer com êle, o lama foi tão firme como Padre Victor.

Se êles não estivessem indo para a guerra, gritou o garôto, mil sentinelas não o separariam do homem santo. Um ordenança, gargalhando, explicou não estar êles em guerra, que êste movimento eram as manobras anuais. Mas Kim repetiu:

— "Continuo dizendo que é uma guerra!"

Enquanto pronunciava estas palavras, um mensageiro por êles passou galopando enquanto gritava:

— "*Guerra*! Ordens para seguir à noite para o Passo Khyber".

— "Como você sabia?" — perguntou a Kim o Padre Victor.

Kim sorriu:

— "Esqueci de dizer-lhe. Sou profeta... entre outras coisas".

Mas êle sorriu pouco durante as duras semanas que se seguiram. As aulas dadas pelo padre Victor o irritavam. Finalmente, incapaz de suportá-las, fugiu para um bazar, onde Mahbub o encontrou; colocou-o na frente da sela e o levou de volta. No bungalow do padre Victor, Kim encontrou um visitante: o Coronel Creighton.

E ali, enquanto o garôto continua a fazer os seus pedidos e súplicas, foi entregue uma carta contendo uma nota de um banqueiro para o pagamento de sua anuidade no São Xavier. Ninguém se sentia capacitado nem mesmo a arriscar-se a uma probabilidade de como o pobre lama conseguira arrecadar aquela elevada quantia. Mas a sua validade era certa. Lágrimas de fogo afloraram aos olhos de Kim.

Mahbub Ali, no entanto, sussurrava para Creighton:

— "Estou certo, sahib, de que quando chegar a época, êle será um elemento valioso para a Grande Caça".

Casualmente, Creighton sugeriu a Kim que o visitasse mais tarde. Era um teste e o garôto foi aprovado, pois respondeu inocentemente:

— "Onde é a sua casa, senhor?"

Creighton sorriu: —

"Êle servirá".

O colégio São Xavier, onde êle ingressou depois de um ardente adeus ao lama, era tudo que êle temia; as lições e intermináveis sermões de disciplina. Sòmente a promessa que fizera ao lama de ficar não o deixara fugir.

Quando chegaram as férias de verão, no entanto, êle delineou os seus próprios planos. Pintando a sua pele com suco de nozes, êle vestiu novamente as suas indumentárias nativas e saiu a procura de Mahbub Ali. Esperando por êle em seu acampamento, o seu coração gelou ao ouvir a conspiração do capataz do mercador de cavalos e de Hassan Bey para tirar a vida de Mahbub.

Rastejando através do alto capinzal, êle interceptou Mahbub; contou-lhe a respeito da conspiração. E tentou não desmerecer a confiança que Mahbub lhe dedicava, quando se sentiu prêsa do mêdo ao presenciar o mercador de cavalos matar os dois conspiradores.

Então êle deu recados a Kim para Creighton que,

sabendo para aonde o garôto ia, ordenou a Mahbub Ali que o levasse para Simla, para um certo Lurgan Sahib.

—"E' uma espécie *diferente* de escola," — disse êle não dando atenções aos protestos de Kim. — "Você está sendo honrado".

— "Êste Lurgan Sahib... é um de *nós?*" — perguntou êle. Como Mahbub Ali o olhasse de uma maneira exquisita, argumentou: — "Não sou nenhum bobo! Compreendo que você e outros colhem notícias para o Coronel Creighton... e então os exércitos marcham.

— "Isto é chamado a Grande Caça," — disse calma e quietamente Mahbub Ali. — "Você não falará nisso de novo. E lembre-se: você nunca viu um Mahbub Ali... ou Coronel Creighton".

A instrução de Kim nas mãos de Lurgan Sahib, que tinha uma pequena loja em Simula, foi realmente diferente. Quando estava terminada, Kim era capaz de descrever cada pessoa que visse na rua de uma maneira tão perfeita, que até estranhos a reconheceriam se a vissem mesmo pela primeira vez. Poderia olhar desinteressadamente para uma coleção de armas numa sala e gravar o seu calibre e cano sem errar. E aprendeu como resistir ao hipnotismo.

Por fim, Lurgan anunciou:

— "Estou satisfeito".

Êle não tinha a mínima idéia de quando êles usariam o garôto, até o dia em que Hurree Chunder entrou em sua loja. Enquanto examinava uns artigos explicou-lhe que estava sendo seguido por dois homens que nesse momento se encontravam na calçada, impedindo-o de dar um recado ao coronel Creighton. Certamente êles nunca suspeitariam de um garoto nativo.

Mas êles bem que suspeitaram de Kim; seguiram-no como haviam seguido Chunder; apanhando o mesmo trem que êle apanhou. nunca tirando os seus olhos assassinos do garôto.

O Coronel Creighton pedia esmola na estação e, balbuciando esmolas, Kim lhe transmitiu o recado. Segurando a mão do coronel, nela deixou um pergaminho.

O coronel gritou enfurecidamente:

— "Vá embora!" — Então, ao empurrá-lo brutalmente, exatamente quando Kim se aterrorizava, o coronel notou algo estranho, e gritou que o garôt lhe roubara o relógio e que o prendessem. Apresentando os seguidores de Kim como testemunhas, êle declarou que lidaria com o ladrão em particular.

Sòzinho com Kim, Creighton lhe deu uma mensagem que deveria ser levada a Chunder imediatamente. E, para tornar a viagem mais plausível, êle deveria levar consigo o lama. Acrescentou:

— "E quero a sua palavra de honra que estará no São Xavier dentro de exatamente três semanas".

Ao fim de três semanas, no entanto, Kim ainda não voltara à escola. Creighton e Mahbub Ali trocaram olhares de ansiedade. Se Kim estivesse a salvo, certamente já teria regressado à escola. E Chunder fôra encontrado morto. Tentara seguir dois cientistas russos para descobrir se eram o que realmente aparentavam, quando foi descoberto. Haviam pôsto Kim numa missão que fizera um adulto experimentado perder a vida.

Mahbub Ali montava um magnifico cavalo e, no Passo, conseguiu divisar com os binóculos o campo onde os dois cientistas russos faziam uma pesquisa. Também viu que o lama estava bem. Notou que Kim se tornara o criado dos dois homens.

Mas foi um Mahbub Ali rasgado e sujo que penetrou no acampamento. Conseguira trazer o garôto até à estrada, reprovando-o severamente por ter desobedecido às órdens.

Argumentando, Kim protestou dizendo que perseguia a Grande Caça; cumprindo a missão que lhe havia sido entregue. Êstes russos não eram cientistas. Eram espiões.

À noite, ordenou Mahbub Ali, Kim deveria iniciar a jornada de volta com o lama. Não se preocupasse que êle mesmo tomaria conta dos espiões.

Mas, ao cair da noite, um dos emissários do inimigo veio para o acampamento e imediatamente suspeitou de Kim. Por que estaria êle servindo a estranhos? Repetida e àsperamente o interrogou:

— "*Quem o mandou? Quem o mandou?*" — Então, sem conseguir arrancar nada do garôto, indagou-lhe, com a voz tomando um aspecto mesmérico: — "*Quem o enviou?*"

Fingindo estar hipnotizado, Kim respondeu vagamente, as palavras saindo de sua boca casual e vagarosamente, falando sem fôrças. Mas o emissário sabia que êle fingia e o segurou brutalmente:

— "Temos o nosso próprio método de soltar linguas".

Amarrando Kim, levou-o para a beira de um profundo precipício.

Mas, num instante um grito agudo e aterrorizado se fez ouvir, seguindo-se com o barulho do baque de um corpo no fundo do abismo. Era o corpo do emissário que Mahbub Ali jogara à eternidade. Então êle encarou os dois russos, enquanto Kim corria ao regato para trazer água para o lama, que fôra derrubado por um selvagem golpe de um dos pseudo-cientistas.

Vendo se aproximarem oito nativos, todos montandos em velózes cavalos, Kim deu o aviso. Com uma risada um dos russos pulou para cima de Mahbub Ali, mas o mercador de cavalos atirou à queima-roupa, prostrando-o. O outro, momentaneamente usando Kim como escudo, fugiu atirando e correndo em direção ao caminho em baixo.

O rifle de Mahbub Ali seria como um brinquedo de criança contra nativos que se aproximavam. Mas, uma rocha... centímetro por centímetro, esforçando-se gemendo e suando, conseguiram mover uma rocha. Era uma rocha difícil de mover, mas quando conseguiram o intento, esta levou consigo em sua caida pelo môrro abaixo outras rochas, iniciando uma avalanche, que não deixou o mínimo vestígio dos nativos...

Mas o seu coração pesava em seu peito como chumbo, pois a morte rondava sôbre a cabeça do lama. Então, enquanto êles o olhavam, o lama se ergueu, tocando com as enrugadas mãos queimadas pelo sol e santificadas, a cabeça de Kim. Kim não deveria chorar por êle. Isto havia sido predestinado. Assim dizendo, o ancião tomou a atitude de um jovem. Com a voz forte e alegre, disse-lhes que o seu espírito estava livre. Finalmente encontrara o Rio da Fleche. Deu alguns passos e então caiu sem vida.

Mas ninguém poderia duvidar de que êle encontrara o seu rio. Sempre haveria amor pelo ancião no coração do garôto, juntamente com dedicação pela Grande Caça.

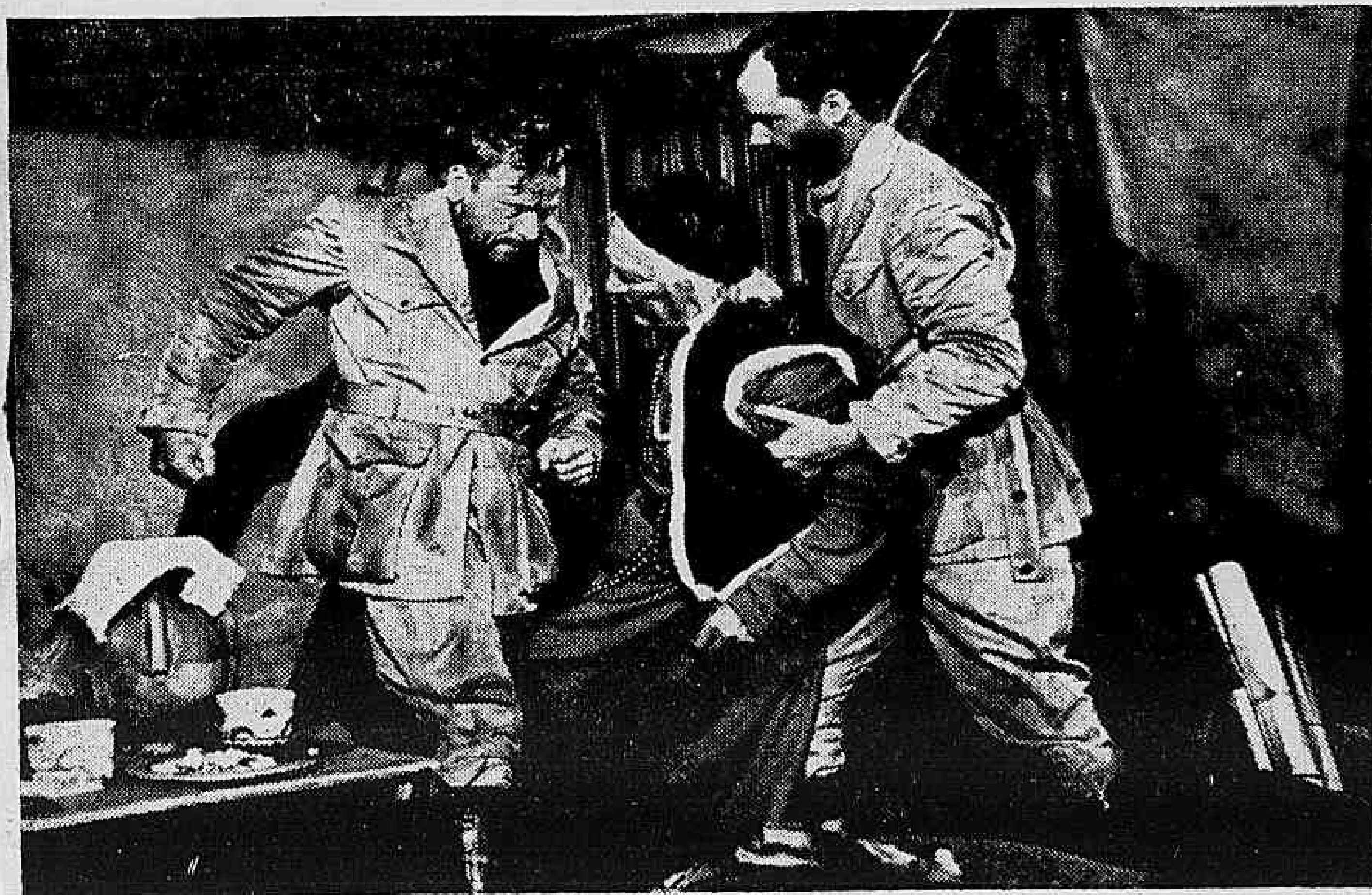
Foi um orgulhoso Kim O'Hara quem recebeu o relógio do coronel como uma lembrança pelo o que êle tinha feito; êle prometeu que voltaria à escola e se dedicaria aos estudos. Então, virando-se para Mahbub Ali, perguntou:

— "Como você trabalhará enquanto eu estiver na escola?"

Sorrindo, o mercador de cavalos respondeu:

— "Posso tentar!"

(Tradução e adaptação de *Antônio Rocha*)



**E todos aquêles que conheciam segredos da temível organização que incitava uma rebelião das tribus eram imediatamente assassinados.**



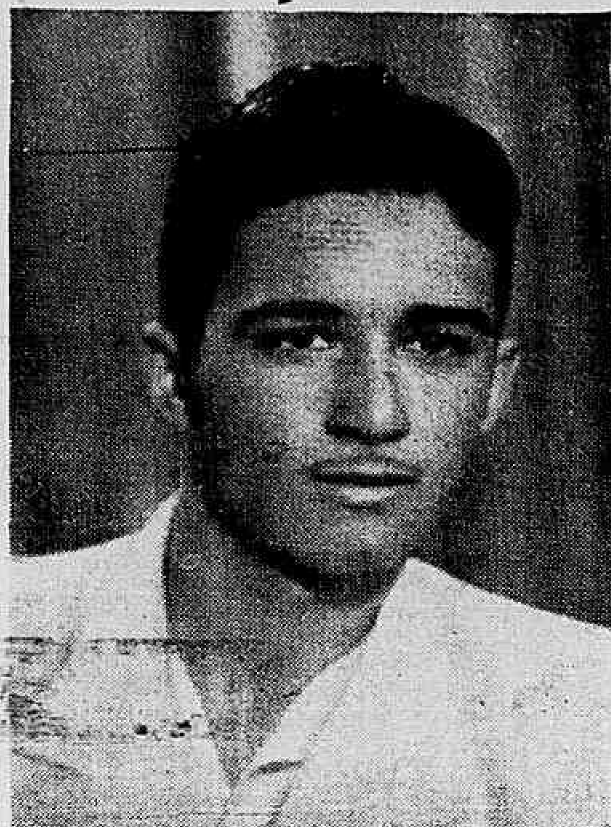
**E o garôto Kim foi treinado para trabalhar para a Inteligence Service, disfarçando-se como guia de um lama que procurava um rio divino.**

# CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

OS leitores que desejarem figurar nesta galeria de candidatos ao cinema brasileiro, devem preencher o fichário ao lado e enviá-lo juntamente com o «coupon» anexo — sem o que não serão tomados em consideração.

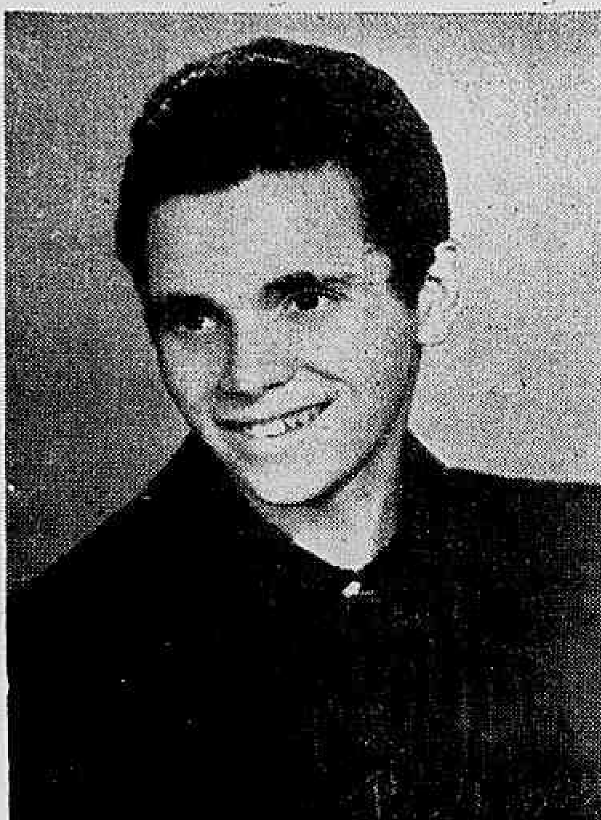
★

Os produtores que estiverem interessados em qualquer dêsses candidatos, podem nos escrever citando a ficha do mesmo que prontamente lhe enviaremos o endereço a fim de um entendimento direto, entre ambos.



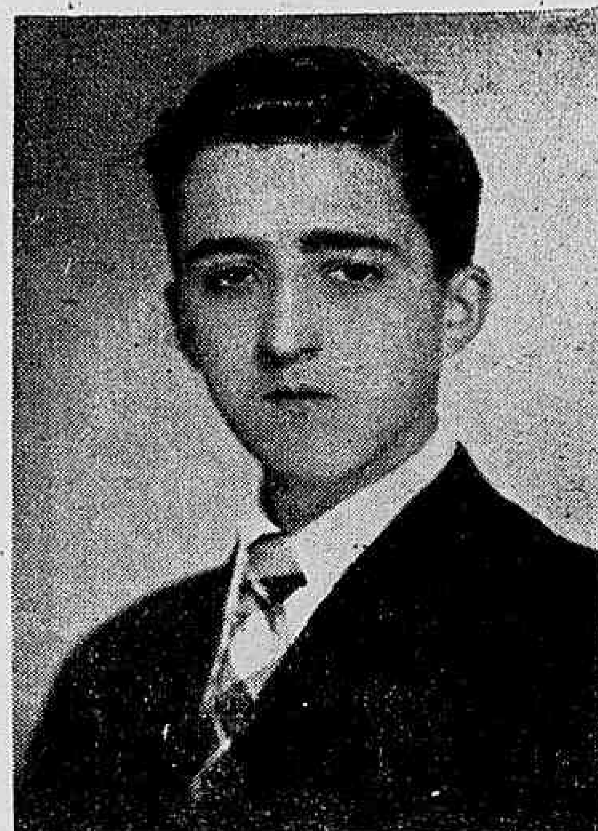
**FICHA Nº 8**

**MARINHO ALVES MAGNE, com 16 anos de idade, 1,70 de altura, 51 quilos, estudante do curso ginasial, com alguma experiência artística, deseja ser ator de cinema. Reside em Uberaba, Estado de Minas Gerais.**



**FICHA Nº 9**

**WALTER BORGES, com 16 anos de idade, 1,63 de altura, 55 quilos, curso primário, trabalhando em laboratório, experiência de teatro, toca castanholas, deseja ser ator de cinema. Reside em São Paulo.**



**FICHA Nº 10**

**JOSÉ SALLES, com 19 anos de idade, 1,65 de altura, 50 quilos, curso comercial, trabalhando como auxiliar de escritório, deseja ser ator cinematográfico — proferendo o gênero romântico. Reside em S. Paulo.**



**FICHA Nº 13**

**JOVITA DE ALMEIDA DRAEGER, com 22 anos de idade, 1,65 de altura, 59 quilos, normalista, auxiliar de escritório e dactilógrafa, experiência de teatro, estuda violino, deseja ser artista de cinema, de preferência em papéis de cínica e mulher má. Conta-nos uma longa história, que não pode ser reproduzida, infelizmente, por falta de espaço. Reside em São Paulo.**

★



**FICHA Nº 14**

**THEREZINHA DE JESUS LEMONGE, com 23 anos, 1,64 de altura, 45 quilos, curso primário, enfermeira, experiência de teatro infantil, deseja ser artista de cinema no gênero «revista». Reside em Juiz de Fora.**

# FICHARIO

Nome ..........................................

Idade ..........................................

Altura ..........................................

Pêso ..........................................

Cursos ..........................................

Profissão ..........................................

Experiência artística ..........................

Instrumentos que toca ..........................

Observações (a critério do candidato) ..........

..................................................

Cargo que deseja exercer ......................

Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a:
«Candidate-se ao Cinema Brasileiro»
Redação de A CENA
Rua Visconde Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Importante: Juntar uma (ou mais) fotos do tamanho ou pose que achar conveniente, mas que possam dar boa reprodução. As cartas que não vierem acompanhadas dos «coupons» e das fotografias, não serão tomadas em consideração.

**C O U P O N**

Assinatura ............

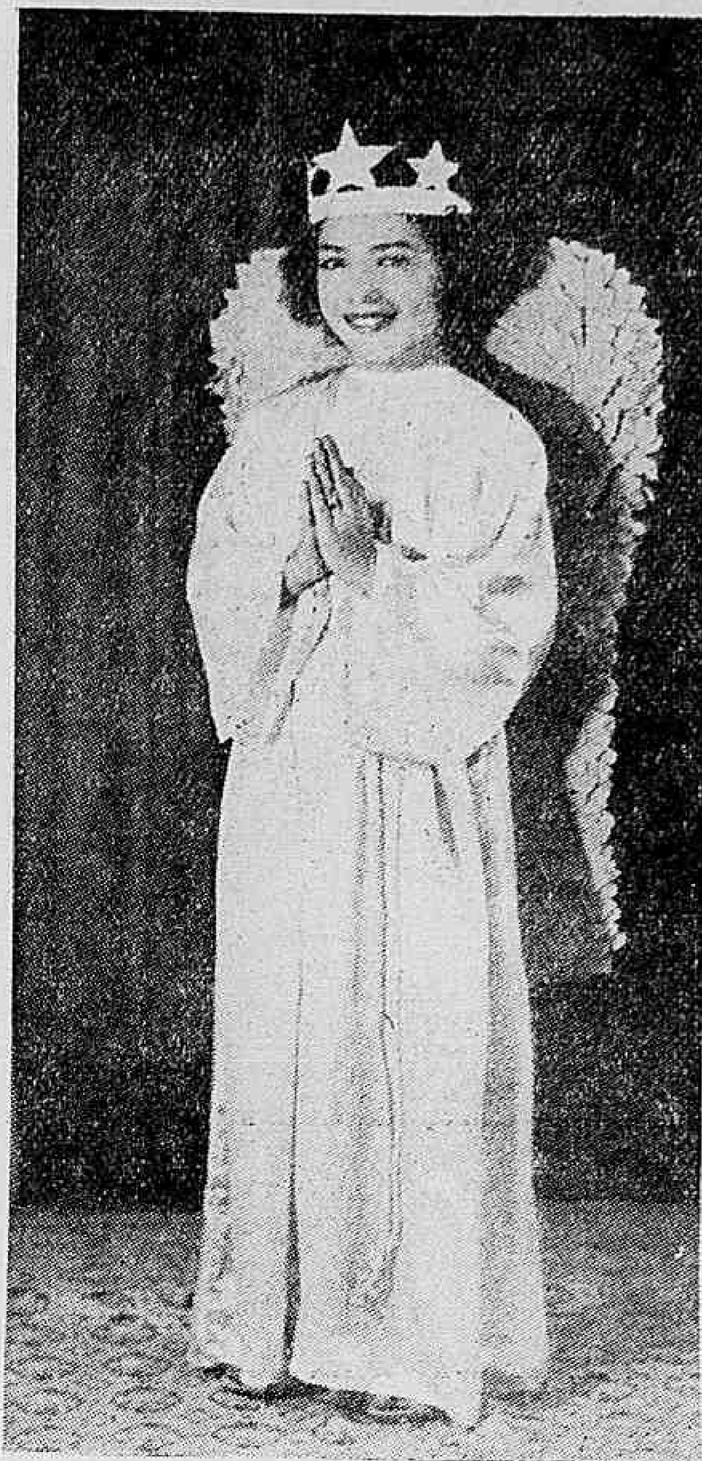
......................

Endereço ..............

......................

Telefone ..............

Cidade ................



**FICHA Nº 11**

**MARINA MESTIER**, com 15 anos de idade, 1,55 de altura, 46 quilos, estudante, toca um pouco de piano, deseja ser artista de cinema, tendo já o consentimento de seus pais, conforme declara. Reside em São Paulo.



**FICHA Nº 12**

**MARIA DE LOURDES**, com 19 anos de idade, 1,55 de altura, 50 quilos, curso ginasial, bailarina, experiência de circo, deseja trabalhar no cinema. Reside em Belo Horizonte.



**FICHA Nº 15**

**ROBERTO WOLFF SALGADO**, com 23 anos, 1,75 de altura, 64 quilos, curso primário, alfaiate, estudando piano, deseja ser ator cinematográfico — gênero dramático. Reside em Pindamonhangaba, Estado de São Paulo.

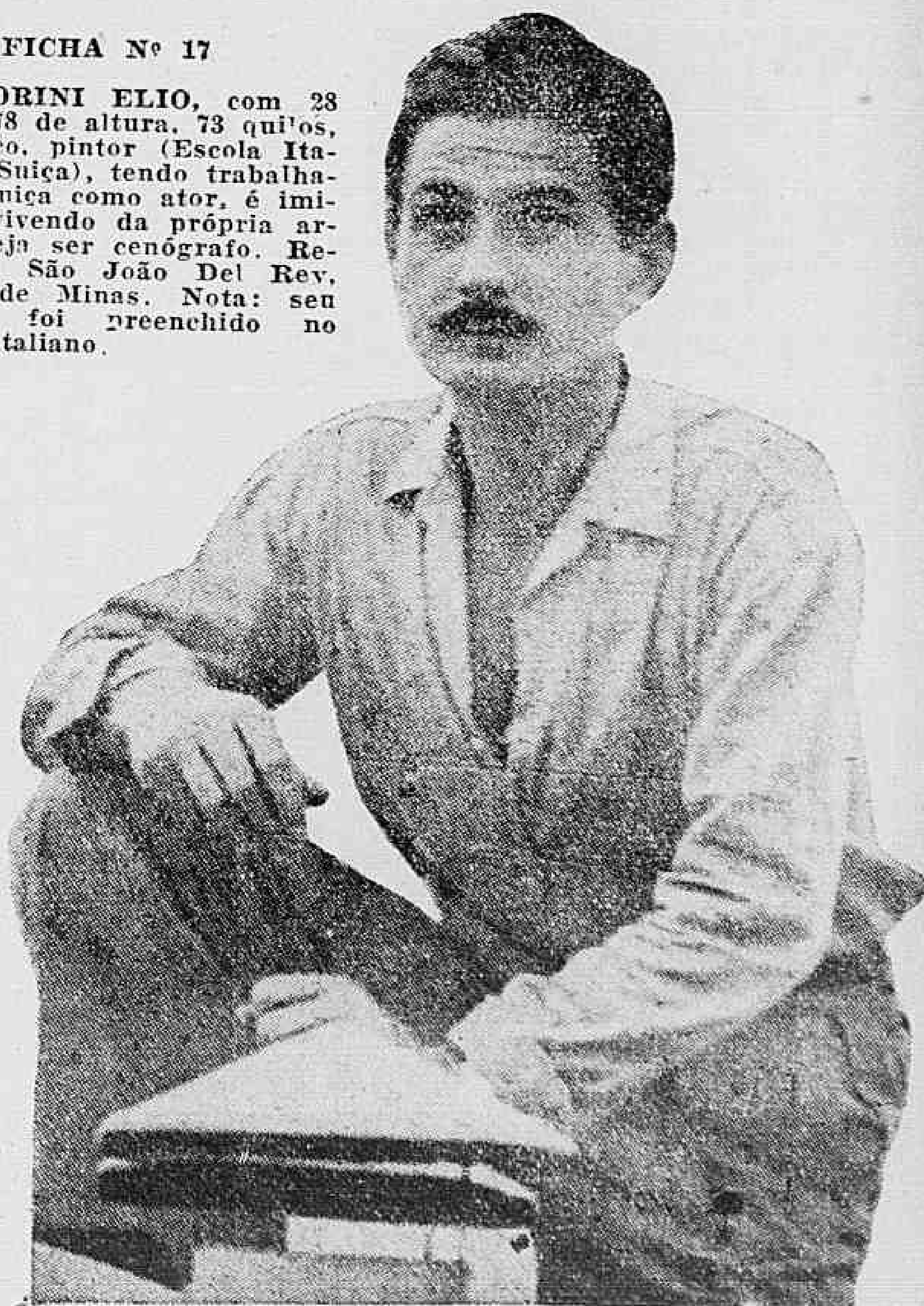


**FICHA Nº 16**

**DOROTHY GONÇALVES**, com 21 anos, 1,68 de altura, curso ginasial, experiência de teatro, estuda ballet, línguas e canto, deseja ser artista de cinema. Reside no Rio de Janeiro.

**FICHA Nº 17**

**PASTORINI ELIO**, com 28 anos, 1,78 de altura, 73 quilos, acadêmico, pintor (Escola Italiana e Suiça), tendo trabalhado na Suiça como ator, é imigrante vivendo da própria arte. Deseja ser cenógrafo. Reside em São João Del Rey, Estado de Minas. Nota: seu fichário foi preenchido no idioma italiano.

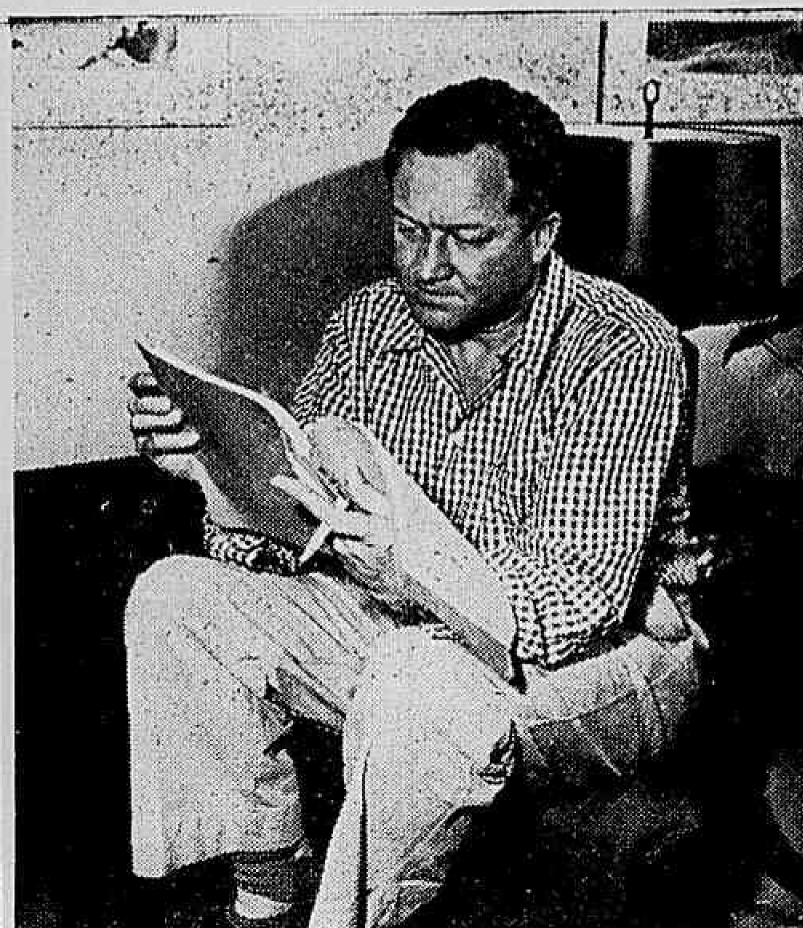




BETTY LYNN, estrêla da T.C. Fox, aqui está examinando alguns dos projetos que foram executados para as filmagens de «Take care of my litte girl». A propósito, notem a interessante blusa que Betty veste, apresenta estampado em várias côres, símbolos geométricos e equações de álgebra.



MAC GORDON, um dos mais famosos e pesados compositores do mundo (êle pesa perto de 100 quilos) assiste a um ensaio de Betty Grable, quando esta acompanhada de Harry Warren ao piano preparava uma nova canção da famosa dupla escrita especialmente para «Call me Mister»



DELMES DAVIS, é um dos diretores que mais trabalham em Hollywood. Além de dirigir filmes, Delmes é um amante da pintura, fotografia, escultura em madeira, mineralogia e cerâmica, dividindo todo o seu tempo em cousas que se relacionem com qualquer dêstes assuntos.

# Flashes Mundiais

## ESTADOS UNIDOS

MELVYN DOUGLAS foi contratado para interpretar o papel principal da fita "On the Loose", a ser produzida por "Filmakers", sob a direção de Charles Lederer. Não há muito, Melvyn Douglas, apareceu em "My Forbiden Past", ao lado de Robert Mitchum e Ava Gardner. Em "On the Loose" será o "pai" de Joan Evans. Do elenco de "On the Loose", faz parte também Connie Hilton, no papel de amiga de Joan Evans. A pelicula tem como assunto a vida de uma familia moderna, em que os pais não compreendem as suas responsabilidades de adultos para com os filhos.



ÊSTE QUE aqui vemos é Conrad (Nick) Hilton ex-marido de Elizabeth Taylor, da qual, poucos meses depois de casado se separou clamorosamente. O flagrante foi batido quando, depois de haver se atracado em um clube noturno, com um oficial da marinha norte-americana, por motivos fúteis, era acalmado por um seu amigo.

COLLIER YOUNG contratou Joan Evans para um papel de destaque na produção de "On the Loose", história original de Young e Melvon Wald, que realizarão imediatamente nos Estúdios da RKO. Miss Evans foi cedida por Samuel Goldwyn, que a tem sob contrato. A história é a de um conflito de familia, entre pais e filhos. Collier Young será o produtor e Malvin Waldoo diretor. Será a terceira fita de Filmakers para distribuição da RKO-Radio.

★

JAMES YOUNG, um dos narradores de programas de rádio com discos que gozam de maior popularidade em Nova York, foi contratado pela RKO-Radio para fazer um dos papéis principais de "The Thing", que em breve será estreado. Alto, louro, simpático, êsse jovem, que é uma personalidade do rádio e da televisão, fará parte de um elenco de artistas novos, nesse filme de fantasia, que está despertando grande curiosidade entre os amantes do cinema. Young é parente de Joseph Cotten, pois é o marido de Judith Lamont, filha da espôsa de Cotten, de um matrimônio anterior.

★

SALLY FORREST e Keefe Brasselle, estão de novo reunidos em "Quem Ama Não Teme" (Never Fear), drama que é um poderoso estudo psicológico de dois namorados que lutam com sucesso contra um impiedoso inimigo — a vida, com as suas incompreensões e atribulações. Esta produção da Filmakers, distribuida pela Eagle Lion Classics, foi dirigida por Ida Lupino e produzida por seu marido, Collier Young, os quais também escreveram a história de "Never Fear". Os "Filmakers" são a sua companhia, dedicada a produzir filmes sôbre temas ousados, aquêles em que o povo pensa, fala e sente. "Quem Ama Não Teme", filme arrojado, é um grito de revolta da juventude.

## FRANÇA

COMO acontece todos os anos, reuniram-se recentemente em Paris, os jornalistas, fotógrafos e cronistas da França para a escolha da vencedora do «Prix Citron et Orange» do cinema francês. Êste original certame transcorre todos os anos no melhor ambiente de cordialidade e camaradagem, e nele são escolhidos a atriz e o ator que menos cooperaram, e menos amaveis se mostraram com a imprensa. Após o veredito final Simone Signoret, colocou-se em primeiro lugar, novamente, destronando Michele Morgan que mantinha o primeiro pôsto. No naipe masculino, Georges Marchal, pela segunda vez consecutiva conseguiu desbancar Jean Gabin. No clichê ao lado, vemos um curioso instantâneo de Simone Signoret, quando recebia a notícia do veredito final. ★ TOPAZE nos traz de volta o formidável cômico francês Fernandel. Nesta segunda versão cinematográfica da famosa peça de Pagnol, realizada por êle mesmo, Fernandel encabeça um elenco em que vamos encontrar os nomes de Hélène Perdriere, Pierre Larquey, Jacques Morel, Marcel Vallée e outros. ★ «LE ROI DES CAMELOTS» é a primeira importante creação cinematográfica do conhecido fantazista francês Robert Lamoureux. Neste filme que focaliza o «camelot», uma das mais típicas figuras da velha Paris, transcorre quase todo nas ruas da capital francesa e nele Lamoureux, vê-se metido em mil e umas atrapalhadas — Cecile Aubry está trabalhando ativamente em seu terceiro filme (o segundo feito na França, depois de «Manon»). Trata-se de «Barbe-Blue» que está sendo filmado atualmente por Cristian Jacue, em duas novas versões, uma francesa que tem como intérprete Piere Brasseur, e outra em alemã e cujo ator principal é o ator alemão, Hans Albers. ★ DANIELE GELIN( (Rendez-voux de Jullet e La ronde) após um pequeno descanso das câmeras, voltou novamente à atividade para interpretar os principais papéis de «Les mains sales» versão cinematográfica da famosa peça de Sartre, tendo como companheiro Pierre Brasseur, e «La neige étais sale» obra com que Lumenon estréia no cinema.



SIMONE SIGNORET
(Miss Laranja de 51)

# INGLATERRA



**JEAN SIMMONS**
**(Androcles e o leão)**

*"KON TIKI" FOI EXIBIDA AOS REIS DA INGLATERRA — "Kon Tiki", a espetacular pelicula de Thor Heyerdhal, em sua viagem através do Pacifico, das costas do Peru até uma das ilhas da Oceania, com cinco companheiros de aventura, foi exibida aos reis da Inglaterra, numa filmagem particular. O herói da aventura, Thor Heyerdhal, assistiu à exibição, a qual foi muito apreciada pelos soberanos britânicos. Nesse caso, o processo foi inverso: a pelicula foi filmada antes de ter sido escrito o livro que relata a famosa aventura de Heyerdhal e que obteve tão grande sucesso. A pelicula é uma produção especial de Sol Lesser, o produtor dos filmes de Tarzan, e distribuida mundialmente pela R.K.O.*

★

*PRIBIDO A ESTRANHOS — Durante as filmagens das ardentes cenas de amor de "Sob Suspeita", interpretadas por Jean Kent e Guy Rolfe, foi terminantemente proibida a entrada no "set" de pessoas estranhas aos trabalhos que se executavam nos estúdios de Denham. Para que os artistas se sentissem mais à vontade o próprio pessoal técnico foi reduzido ao minimo. A cena se desenrola num suntuoso dormitório da residência campestre pertencente a um nobre, e denominada "Highnoons". O régio leito com suas quatro suntuosas colunas e seus três luxuosos colchões era a nota dominante da habitação. Pesadas cortinas de damasco adornavam o quarto, num chocante contraste com as grotescas máscaras e sugestivas estátuas reveladoras da profunda degeneração do proprietário. Foi neste ambiente rodeado de mistério e luxo que Jean Kent e Guy Rolfe, deram largas às suas ternas manifestações de amor.*

★

*NADIA GREY EM PARIS — Nadia Grey, uma das mais lindas e mais ocupadas estrêlas britânicas da atualidade, estêve em Paris filmando algumas cenas de "A aranha e a mósca", logo que terminou, Nadia voltou a Londres para a tomada de outras cenas na capital londrina, pois o filme se desenrola nestas duas cidades. Assim que terminou "A aranha e a mósca", Nadia voltou novamente a Paris para ensaiar uma nova peça teatral da qual é a estrêla. Em suas horas de folga, Nadia está escrevendo uma novela. Seus passatempos favoritos são: fazer poemas, e tocar guitarra.*

# ITÁLIA

RAF VALONE, que vimos há pouco em "Arroz Amargo", com Silvana Mangano, foi convidado por Raffaelo Pacini para interpretar o papel principal de Alexandre, no filme "Lorenzaccio", que deverá ser rodado em Florença. Para a parte de Lorenzino de Medici foi contratado um ator do Piccolo Teatro, de Milão. A estrêla do filme deverá ser escolhida entre Tamara Lees e Franca Marzi. Uma parte dos interiores será rodada em Turim, onde foi fielmente reconstruído o ambiente da época, enquanto o restante será filmado no Palácio Strozzi, local onde realmente transcorreu tôda a história.

★

SÃO EM número de setenta os atores principais e secundários, que formarão o "cast" de "La città si defende", atualmente em rodagem nos estúdios de Cinecittá, sob a direção de Pietro Germi. As filmagens durarão cêrca de 50 dias, sendo 32 de tomadas exteriores e 18 de tomadas interiores. Cêrca de 6.000 pessoas trabalham na confecção do citado filme. Os intérpretes principais são Fausto Tozzi, Enzo Maggio, Paul Muller, Renato Baldini, Gina Lollobrigida, Cosetta Greco, Emma Baron Cerlesi, Vincenzo Tocci, e a pequenina atriz Patrizia Manca A partitura musical está a cargo de Carlo Rustichelli.



**NESTE SENSACIONAL flagrante vemos Judy Hollyday e José Ferrer quando em Nova York, num «night-club» receberam a notícia das vitórias alcançadas, como «a melhor atriz» e o «melhor ator» de 1950. À esquerda de José Ferrer, Glória Swanson forte concorrente também ao ambicionado título, compartilha entusiàsticamente das manifestações de alegria pelo justo desfecho que teve o certame. Judy recebeu o prêmio pelo seu trabalho em «Born Yesterday» e José Ferrer pela sua atuação em «Cyrano de Bergerac».**

# ALEMANHA



**Cornell Borchers**

*DURANTE vários anos, mais precisamente desde 1945, não tinhamos do cinema alemão senão noticias esporádicas, que, vez por outra, chegavam ao nosso conhecimento. De uns tempos para cá, no entanto, bem mais animadoras e freqüentes têm sido as novidades que nos chegam. O cinema germânico voltou finalmente à sua habitual atividade, inúmeros são já os filmes rodados prontos para lançamento, muitos outros estão em preparo nos estúdios berlinenses, os valores novos começam a surgir ao lado de nomes de astros famosos e entre êles podemos citar os de Cornell Borchers, considerada atualmente a estrêla número um do cinema alemão, e figura principal de "Martina", "Null Uhr Funfzehn", "Unver gangliches Licht", além de outros, e Rudolf Prack, vienense de nascimento, também um dos mais queridos e populares astros da nova Alemanha.*



**Rudolf Prack**

# A NINFA NUA



**E Katie posou para o pintor que preparava os cartazes de um sabonete. Adeus, Puritanismo!**

A cidade de Wakely, em Massachussets, foi fundada em 1718 pelo reverendo Nathaniel Wakely. A maioria de seus habitantes continua prêsa às rigidas leis puritanas que lhes deixaram os seus antepassados. A modéstia é uma virtude que deve sempre prevalecer, eis um dos ensinamentos.

Em 1802, a população era composta por 800 almas. O que, por presentes razões, deverá dar uma opinião do que é a cidade de Wakely atualmente.

Katie Standish dirigia-se para casa. Entretida em seus próprios pensamentos, não reparou que um homem estava pintando uma tabuleta na Taberna Cavalo Branco. No momento exato em que passava por baixo da escada, uma gôta de tinta caiu em seu chapéu. Logo depois um homem jovem, com rosto agradável, desceu da escada.

— Lamento muito, senhorita — desculpou-se. — Eu estava pintando a tabuleta...

— Acontece que isto é um chapéu, não uma tabuleta... — retorquiu Katie àcidamente. Mas o jovem simples fitou os olhos no chapéu, mirando-o com as pálpebras semicerradas, como se estudasse um quadro em uma exposição, para acrescentar logo depois, pensativamente:

— Isto é uma coisa que precisa ser discutida...

Certamente o olhar superior que Katie lhe dirigiu reduziu-o às suas verdadeiras proporções e ela, então, soergueu o queixinho e continuou o seu caminho. Nesse instante o proprietário, Jim Dilloway, veio correndo de dentro, arfando:

— Aquela é Miss Katherine Standish, a bibliotecária da cidade, e sobrinha de Priscilla Wakely, que a governa. Tenho certeza que ouviremos alguma coisa dela!

Na igreja, onde Katie parou, a fim de ensaiar os hinos a serem cantados no próximo domingo, encontrou o jovem Steven Goodrich profundamente absorvido em uma revista de historietas cômicas. Prontamente, ela resolveu fazer uma boa ação, arrancando-lhe a revista.

— Eu mesma selecionarei a espécie de literatura que o senhor deverá ler — disse ela e o encaminhou para a biblioteca.

Steven passou vagarosamente as páginas do volume que Katie lhe entregou.

— A história do Rei Arthur. Isto deve ser absurdamente aborrecido.

— O senhor a achará tão emocionante como as suas revistas de historietas — respondeu-lhe Katie, com um sorriso nos lábios.

— A senhorita está perfeitamente certa — falou o jovem que deixara cair a tinta em seu chapéu. — Êste Rei Arthur era um sujeito um bocado sociável. Com êle viviam uns cem homens que passavam todo o tempo bebendo e comendo... Quando êles se sentiam aborrecidos disso saiam à procura de barulho. No entanto, enquanto o Rei Arthur se encontrava vagueando, a sua bela espôsa, Lady Guinivere, e o seu melhor amigo, Sir Lancelot...

— Dê-me êsse livro! — exclamou Katie zangada. — Apenas, que deseja o senhor?

— Quero desculpar-me pelo que... — e o homem meteu a mão em um saco de papel que trazia e tirou um chapéu novo.

— Em Wakely não se costuma aceitar presentes de estranhos! — respondeu-lhe ela indelicadamente.

Depois que êle saira, no entanto, ela descobriu que, de uma maneira ou de outra, o chapéu continuava em sua mão e não lhe era possível resistir à tentação de experimentá-lo.

— Isso, sim, é a espécie de chapéu que você deve usar — exclamou o tio Nathaniel, da porta.

A despeito de todos os Nathaniel Wakelies que já haviam passado antes dêle, o sexto N. B. não pertencia ao clero. Tornara-se um advogado em Nova York. Havia um rumor que em sua mocidade tinha desperdiçado todo o tempo em farras. Sim, também se dizia que vinho, mulheres e música haviam sido a sua ruina. Atualmente, *já passado dos sessenta*, os seus interêsses se confinavam sòmente em vinho e música...

— Quanto o senhor quer, desta vez?

— Bem, realmente, não tinha a minima intenção em... er... três dólares... — tentou êle. — Estou fazendo uma pequena pesquisa.

— Com o Sr. Dilloway na Taberna Cavalo Branco, suponho — disse Katie.

— Certamente não! — protestou inflamadamente o tio Nathaniel. — Esta é uma pesquisa legal.

Katie lhe entregou o dinheiro.

— Tenha o cuidado de não es-

quecer-se de mascar alguns cravos ao terminar a sua pesquisa.

★

De seu lugar no bar, Nathaniel olhava embevecido enquanto o pintor terminava o seu trabalho.

— Que pintor de tabuletas! — exclamou Nathaniel.

O proprietário sorriu:

— Pintor de tabuletas! Aquêle é Peter Van Arden, um dos maiores pintores comerciais do país. Recebe dois mil dólares por um trabalho como aquêle. Quanto você acha que êle está cobrando-me? Uma dúzia de garrafas de cerveja velha, de "ale". Êle sabe mais da história da Nova Inglaterra do que alguém que você jamais encontrou.

Neste momento, Van Arden entrou e Dilloway o apresentou.

— O senhor é Nathaniel B. Wakely, o sexto, nascido em 1884 — disse o artista, enquanto os dois trocavam um cordial apêrto de mão.

— A sua especialidade é em pintar cavalos? — perguntou Nathaniel a Peter, depois de vários "drinks".

— Não. Pinto *eguinhas*. Mostre a nossa coleção ao Nathaniel, Mr. Dilloway.

O proprietário abriu uma gaveta, de onde retirou um calendário. Era uma folhinha onde os meses eram anunciados por garôtas, cujos encantos Peter se encarregara de despir.

— Você pode ficar com êste, Nathaniel. Eu arranjarei um outro para Mr. Dilloway.

— E' bom que você o guarde dentro de uma gaveta trancada. Você bem sabe a sua irmã como é — aconselhou Dilloway.

— Não existe nada como garôtas bonitas! — exclamou Nathaniel. — A não ser cavalos bonitos.

Peter retirou um instantâneo de sua carteira.

— Que acha você disso?

Nathaniel olhou para o instantâneo que estampava dois puro-sangues de um ano.

— São seus?

— Serão amanhã — disse-lhe Peter. — Amanhã vou à cidade apanhar os papéis para os legalizar. Você quer vir comigo? Apanhá-lo-ei às nove e poderemos ir até ao prado para ver umas duas corridas.

— Maravilhoso! — exclamou Nathaniel entusiàsticamente. — E... é... quando você parar lá em casa para apanhar-me, caso você encontre a minha irmã Priscilla ou a minha sobrinha Katherine, seria conveniente não mencionar aonde vamos.

Título original

## KATIE DIDIT

E L E N C O :

| | |
|---|---|
| Nathaniel B. Wakeley VI | ANN BLYTH |
| Peter Van Arden | MARK STEVENS |
| Nathoniel B. Wakely VI | CECIL KELAWAY |
| Jim Dilloway | Jesse White |
| Merril T. Grumby | Harold Vermilyea |
| Clarence Chivens | Craig Stevens |
| Aunt Priscilla | William Lynn |
| Steven | Elizabeth Patterson |
| Reverendo Turner | Jimmy Hunt |
| «Odds» Burton | Raymond Largay |
| Abigail | Peter Leeds |
| Condutor | Irving Bacon |

Um filme da Universal-International — Produção de Leonard Goldstein — Direção de Frederico de Cordova — Cenário por Jack Henley — Diálogo adicional por Oscar Brodney.

Mais tarde, depois do jantar, Nathaniel mencionou o assunto de sua missão.

— Vou encontrar-me com um importante cliente amanhã e vamos à cidade. Iremos à sua fazenda para ver dois de seus... é... nenês. Êle tem de ter papéis para provar que êles são legalmente seus.

— Mas, onde está a mãe? — perguntou Katie.

— U'a mãe está em Kentucky — retrucou Nathaniel. — E a outra, eu creio que êle enviou para a costa do oeste.

— Nathaniel! — sussurrou Priscilla alarmada. — Proibo-o terminantemente de misturar-se com um homem desta espécie.

— Você bem sabe como são os artistas — argumentou o seu irmão. — E' o dever de um advogado reajustar estas infaustas almas.

— A sua atitude não poderia ser mais correta — concordou o Reverendo Turner, que jantara com êles. — Basearei em sua afirmação o meu sermão de domingo.

— Bem, se o senhor acha que está certo, Reverendo... — Priscilla deu de ombros e deixou a sala.

Alguns minutos depois ouviu-se um grito capaz de arrepiar cabelos e fazer com que um calafrio percorresse a espinha de qualquer mortal. Em seguida, o baque de um corpo. Todos correram em direção ao local de onde partira o grito e encontraram Priscilla, ao lado de sua secretária, com o calendário de Peter aberto em suas mãos, em janeiro.

— Ela teve sorte em não ter olhado em julho — ponderou Nathaniel.

★

Mose, o cocheiro, foi ao encontro de Peter e Nathaniel, quando êstes chegaram ao estábulo. Depois de cumprimentá-los, levou-os até aos compartimentos dos potros.

— Quem dera que eu lhe pudesse entregar os papéis, Mr. Van — disse Mose — mas êles estão trancados no cofre de Mr. Chadwick.

Peter sorriu:

— E' pena, Nathaniel, mas creio que teremos de adiar a nossa visita ao hipódromo — e indicando-lhe os dois cavalos, indagou:

— Que acha dêles?

— Muito bonitos — respondeu Nathaniel. — Especialmente o potro.

Mose confirmou.

Cada dia que passa parece mais com o seu irmão.

— Se êle vier a ser um cavalo com a metade do valor de Habeas-Corpus, teremos bom resultado — disse Peter.

Nathaniel assoviou baixinho.

— Habeas-Corpus? Isso dá um palpite a um advogado. Se nós estivéssemos no prado eu não me importaria em arriscar um pouquinho.

Peter explicou que o detalhe de "arriscar um pouquinho", não fazia diferença, quer estivessem no prado ou não, graças a um cavalheiro chamado Odds Burton. O próprio Peter apostou quinhentos dólares.

— Você não vai arriscar em seu palpite? — perguntou Peter.

Nathaniel gaguejou:

— Bem... é... Não trouxe bastante dinheiro...

— Isso não é problema, Mr. Wakely, — disse Burton — contanto que eu tenha o seu endereço e Mr. Van Arden afirmar que o senhor é honesto.

— Êle é honesto e o seu endereço é Wakely — confirmou Peter. — A cidade tem êsse nome por causa dêle.

— Está bem cinco? — indagou timidamente Nathaniel.

— Claro que sim — Burton escreveu em um talão. — Habeas-Corpus. Cinco pacotes para o vencedor.

Não fôra essa a intenção de Nathaniel, mas êle não pensou que fôsse necessário discutir por causa de uma coisa tão insignificante. Voltaram todos para o estábulo, onde ouviriam a corrida através de um rádio. Então começou a chover.

— Você está certo de que a pista molhada não impedirá que êle ganhe? — perguntou Nathaniel apreensivamente.

— Não, senhor, patrão — disse Mose confiantemente. — Aquêle cavalo tem asas nos pés.

Mas talvez isso fôsse exatamente do que necessitasse Habeas-Corpus, porque chegou à meta de chegada em segundo lugar.

— Estas coisas acontecem — disse Peter filosòficamente. —



**O pobre pintor não teve culpa de que a tinta tivesse caido do pincel no chapéu da bela puritana...**



**Era o ensaio de seu casamento com Grumby, arranjado para abafar o escândalo. Mas o pintor surgiu e o ensaio do casamento foi com o outro...**



**Encontrando-se em Nova York sem dinheiro, Katie acabou mesmo concordando em posar por cem dólares por dia. Mas a coisa deu em escândalo e casamento**

Alegre-se, Nathaniel. Existe sempre um amanhã.

Era exatamente nisso em que Nathaniel estava pensando.

★

No dia seguinte, Nathaniel foi procurado pelo "boock-maker", exigindo o pagamento. Nathaniel não sabia o que fazer e procurou um banqueiro para pedir-lhe um empréstimo. Mas êste recusou. Finalmente, Nathaniel teve novamente que procurar Katie, a quem explicou tudo o que havia acontecido.

— Pobre tio Nathaniel — disse Katie. — Nós daremos um jeito não se preocupe — então ela sorriu. — Por que não pensei nisso antes?

Ela se dirigiu à uma gaveta de onde tirou uma carta. Katie escrevia música e a missiva era de uma firma de Nova York, a Companhia de Música Renomada.

— Achamos a sua canção verdadeiramente deliciosa — dizia. — Por favor, compareça aos nossos escritórios o mais breve possível, a fim de discutirmos a publicação.

Aqui estão os seus quinhentos dólares — exclamou Katie. — Se eu conseguir ir a Nova York.

— Que a impedirá? — indagou Nathaniel.

— Tia Priscilla.

— Eu tomarei conta dela.

★

No momento em que o trem deixava Wakely, Peter Van Arden apareceu em frente ao vagão do carro e deu uma olhadela, caminhando através a nave, para sentar-se ao lado de Katie.

— Sento-me sòmente onde não existe corrente de ar — explicou êle.

— Condutor — chamou Katie. — Quer fazer o favor de mandar êste jovem insolente sentar-se em outro lugar? Êle me está incomodando.

— Eu saio sem precisar disso — exclamou Peter quietamente, mas quando êle e o condutor já estavam num lugar onde não podiam ser ouvidos por Katie, disse: — Aquela moça é minha senhora. Estou levando-a à Nova York para consultar um especialista. E' uma história muito triste. Esquece-se de tudo. Pensa até que sou um estranho. Quando ela encontra-se assim, é capaz de fazer qualquer coisa.

O condutor olhou Katie apreensivamente e levou Peter de volta ao seu lugar.

— Desculpe-me, Madame, mas acho que é melhor o seu marido sentar-se ao seu lado.

Ela se levantou, furiosamente.

— Se você não é capaz de fazê-lo mudar de lugar, tenho certeza que tem outra pessoa neste trem que possa — e, repentinamente, segurou a corda do sinal de emergência e puxou-o com tôda a fôrça.

O trem parou imediatamente. O condutor a olhou reprovando.

— Existe uma pesada multa e prisão que pode variar até 30 dias a quem der o sinal de emergência sem autorização — disse êle, finalmente. — E' uma felicidade sua, senhora, o fato de não ser mentalmente responsável.

Êle puxou o sinal e o trem novamente começou a andar.

Peter colocou o braço protetoramente em tôrno de Katie.

— Como seu marido, tenho por necessidade livrá-la de meter-se em complicações.

— Marido! — Katie retirou o seu certificado de emprêgo da bôlsa. — Êste certificado claramente atesta que sou solteira.

Peter sorriu cìnicamente.

— Então tente convencê-lo de que estava usando de senso quando puxou aquela corda!

Enquanto Katie recostava-se no assento, Peter começou a usar de sua lábia.

— Tenho uma grande idéia para um novo retrato. Quando soube

que você estaria neste trem, compreendi que você seria a modêlo ideal.

— O senhor está sugerindo que *eu* pose para um daqueles retratos?

— Por que não? Eu lhe pagarei muito bem.

— Estou em vias de ganhar todo o dinheiro do qual necessito — disse-lhe Katie. — Uma companhia editôra de música vai editar uma de minhas composições.

— Meus parabéns, mas se você mudar de idéia a respeito de posar para mim, não esqueça de que estou no catálogo telefônico.

— Telefonar para o senhor, Mr. Van Arden, seria a última coisa que jamais pensaria em fazer.

★

Katie foi forçada a deixar o seu orgulho de lado. A tal companhia editôra de música era mais uma daquelas arapucas que, com todo o prazer, publicariam a sua música... em troca de um ligeiro pagamento.

Ela permaneceu longo espaço de tempo na porta da casa de Peter antes de decidir-se a tocar a campainha. Foi atendida por um jovem chamado Lahoo, que a levou até ao estúdio, onde Peter pintava o retrato de uma linda garôta.

— E' só isso por hoje, Taffy — disse Peter ao modêlo. Katie que escandalizara-se ao ver a ninfa, teve pelo menos o consôlo de notar que ela vestia um maiô.

Êle também foi um confôrto quando ela falou do lôgro em que caira.

— Olhe para aquêles quadros na parede — disse êle. — São os melhores que jamais pintei. Mas você pensa que alguém os quis comprar? Não! Do mesmo modo, a sua canção era boa de mais para êles.

— Suponhamos que eu mudasse de opinião e me decidisse a posar, quanto...?

— Cem dólares por dia — disse-lhe Pete.

— Então, está bem — respondeu Katie. — Acontece que preciso do dinheiro.

No inicio, ela achou que posar era um emprêgo muito exquisito, mas, quando o quadro já estava quase em seu término, já havia começado a achar aquilo tudo muito divertido. Já eram amigos e não mais sendo estranhos um para o outro, ela não achou nada de extraordinário em aceitar um seu convite para jantar.

Em Wakely ela lera alguma coisa sôbre o restaurante para aonde Peter a levou, mas nunca supusera que fôsse tão bonito.

— Há muitos lugares aonde gostaria de levá-la, se você se decidisse a ficar.

— Está esquecendo os seus compromissos. Peter, com que parecem os seus garotinhos?

— Quem lhe disse que tenho *garotinhos?*

— O tio Nathaniel. Naquele dia em que êle saiu com você, disse-nos que ia arranjar uns papéis para que êles fôssem legalmente considerados seus.

Peter gargalhou estrepitosamente, lançando a cabeça para trás, num gesto muito caracteristico.

— Bem, êles têm rostos longos e tristes. Em verdade, eu não me surpreenderia se êles parecessem com cavalos quando crescessem.

— Não sei como você pode falar desta maneira. Creio que devo ir-me.

— Creio, também, que já é tempo de acabar com a piada — disse Peter, sèriamente. — Os meus nenês vão parecer com cavalos quando crescerem porque são os mais belos puro-sangues de um ano que você jamais viu. Venha ao estúdio amanhã de manhã para tomar café comigo que lhe mostrarei os papéis de legalização. Você pode conferir a data.

Nesse instante, o filho do banqueiro apareceu. Stuart Grumby foi logo dizendo:

— Quando você partiu, disse à sua tia que viria passar um dia em Nova York. E êste dia já se prolongou por cinco. Decidi que já é tempo de você voltar.

Katie olhou-o demorada e inflamadamente.

— Você *decidiu?*



**«E se o senhor não o puder expulsar dêste lugar, tenho certeza que alguém poderá fazer». E Katie puxou o sinal de emergência...**

Stuart Grumby afirmou com a cabeça, quietamente.

— Tem um trem que partirá às onze horas. Com você ou sem você, eu pretendo estar naquele trem — ao terminar, virou-se imponentemente e saiu.

— Em tôda a minha vida a tia Prescila me tem dito: "Você não pode fazer isso", "Você não pode fazer aquilo". E agora, o Stuart, também. De agora em diante eu vou fazer as coisas que eu quero, *começando com champagne!*

Sorridentemente, Peter encheu o seu copo com o delicioso vinho.

★

No dia seguinte, quando Katie dirigiu-se ao estúdio de Peter, foi Lahoo quem lhe abriu a porta. Então se desculpou e saiu.

Num dos cantos da sala, solenemente pintando uma maçã, estava um garotinho de seus oito anos de idade. Êle deixou a sua tarefa de lado para sorrir para a recém-chegada.

— Você quer posar para mim?

Katie sorriu.

— Como é o seu nome?

— Peter Van Arden — respondeu o garôto.

— E' mesmo? — redarguiu ela, delicadamente. — O meu é Katherine Stan... Como é mesmo o seu nome?

— Peter Van Arden — repetiu êle. — Eu vim com a mamãe para ver o papai.

Horrorizada, Katie ainda perguntou:

— De onde você vem?

— Louisville, Kentucky. O papai estêve fora por muito tempo. Agora êle veio fazer uma visita conosco.

Eu deveria estar era em casa, pensou Katie. Era ali o seu lugar e tomou imediatamente um trem de volta à Wakely. Mas notou que as coisas na cidade não iam lá muito bem para o seu lado. Procurou divertir-se o máximo possivel, mas uma das únicas pessoas em quem podia confiar era em seu tio Nathaniel. Por isso, algum tempo depois de voltar aceitou um seu convite para ir pescar. Com êles também iria Clarence.

De volta para casa, Clarence fêz o possivel para manter a conversação animada.

— Não se pode dizer do que se gosta. Se uma pessoa sai para pescar, não há nada melhor do que minhocas. Estas môscas artificiais não valem nem...

Nesse instante, Clarence parou o carro e sem poder articular um só som, apontou para um cartaz colocado à margem da estrada. No cartaz estava Katie dentro de um pequeno lago, segurando um sabonete. Sôbre o retrato estava escrito: *"Use o sabonete Circe! Foi o que Katie fêz!"*

Naquele instante, os três compreenderam que a situação estava um bocado dificil para Katie. Assim, formularam um plano. À noite, sob a orientação de Nathaniel, Clarence começou a retocar todos os retratos de Katie, acrescentando bigode em uns, cavanhaques em outros, e óculos em alguns. Os homens estavam cada vez mais práticos em realizar o trabalho e Nathaniel aperfeiçoava uns óculos em Katie, quando repentinamente foi iluminado pela forte luz de um refletor, proveniente de um carro da policia.

— Então, garotos, — disse um dos guardas — já se divertiram bastante?

— Por favor, seu guarda, — implorou Nathaniel, — eu sou advogado. Se o senhor me deixar pensar por alguns instantes, eu...

— Como advogado, o senhor deveria ser melhor informado. Se o senhor quiser pensar, a noite estará à sua inteira disposição na cadeia de Thornton. Vamos andando!

★

No dia seguinte era só em que se falava na cidade. A pergunta do dia era: "Então, Katie fêz?" — e invariàvelmente respondia-se: — "Ora, se fêz!"

Como conseqüência, Katie teve de pedir demissão de seu emprêgo como bibliotecária da cidade e enquanto arrumava as suas coisas para sair, foi procurada por Stuart Grumby.

— Tenho de falar com você. Antes do mais, Katherine, não creio que êsse seu caso com o pintor tenha sido tão grande como muita gente desta cidade diz, inclusive o meu próprio pai.

— Surpreende-me que você pense assim, Stuart.

— Ouça, Katherine, sei que não sou um tipo romântico como... bem, como aquêle artista de Nova York, por exemplo. Suponho que seja um pouco triste e metido à coisa, mas... foi assim que fui criado.

E, no final, Stuart pediu-a em casamento e como Katie se encontrava em uma situação dificil, acabou aceitando. Logo a sua familia fêz as pases com ela. Um jovem, filho de um banqueiro e diplomado pela Universidade de Harvard, era um bom partido mesmo para a familia dos Wakely.

Naturalmente, o Reverendo Turner foi escolhido para oficiar a cerimônia. Katie não parecia uma noiva feliz, mas ninguém reparou nisso, nem mesmo no dia do ensaio do casamento.

— Agora, ponha a aliança no anular da mão direita.

Sob os acordes da "Marcha Nupcial" o cortejo começou a descer a nave, quando repentinamente pareceu a Katie que a música parecia estar sendo tocada em ritmo de swing. Ela soergueu os olhos para o local onde o organista sempre ficava. Apenas que, desta vez, o organista era Peter.

Quando os seus olhos encontraram-se, êle exclamou dramàticamente:

— Pensei que êste ensaio estivesse muito fúnebre, de modo que procurei alegrá-lo um pouco.

Katie olhou acusadoramente para Nathaniel.

— Eu... eu apenas casualmente mencionei que você ia casar — desculpou-se êle.

(*Cont. na pág.* 22)

# COLUNA DO FÃ

**«A OBRIGATORIEDADE DO FILME BRASILEIRO»**

Há muito tempo que sou fã do cinema nacional e já se vai um punhado de anos que acompanho a sua evolução. Muitas e muitas vêzes quis deixar de lado êsse assunto de cinema brasileiro, porém, a chegada de Cavalcanti ao Brasil e o triunfo de Fernando de Barros e Watson Macedo como diretores, deram-me uma nova fé nas fitas indigenas. Desamparada pelas autoridades competentes do pais, a nossa cinematografia vive heróica e insistentemente sòmente da boa vontade de um grupo de homens idealistas e de um decreto de obrigatoriedade que, apesar de tudo, não é cumprido. O tal decreto, tantas e tantas vêzes mudado, obriga aos cinemas de primeira classe, isto é, cinemas que mudam de cartaz uma vez por semana, a exibirem seis (6) filmes brasileiros de longa metragem por ano. Pelo que leio nos jornais do Rio e São Paulo, os exibidores sempre conseguem uma desculpa para não exibir peliculas nacionais. Ora, se na capital do pais há má vontade por parte dos donos de cinemas, o que dizer do norte, onde nem se sabe da existência de tal decreto? Tomemos, por exemplo, a minha cidade, Natal. Com três cinemas lançadores, mudando de cartazes três vêzes por semana, o filme brasileiro é quase desconhecido. Nos 365 dias do ano que há pouco se findou, foram apresentadas aqui onze (11) peliculas nacionais. E' ou não é um absurdo? E falando bem claro, um cinema que muda de filme três vêzes por semana dá um total de uns cento e cinqüenta filmes, aproximadamante. Enquanto existir essa má vontade, o cinema nacional continuará sempre mancando sem nunca poder acertar o passo. O que se devia fazer era criar uma fiscalização severa em todo o Brasil para amparar a nossa pobre indústria cinematográfica, pois, é sabido que, o filme nacional deixa bastante dinheiro nas mãos de seus exibidores. E aqui em Natal, os fãs do nosso cinema ficam privados de assistir a filmes como: «A SOMBRA DA OUTRA», «QUANDO A NOITE CAI», «O PECADO DE NINA» e muitos outros que, devida a má vontade de nossos exibidores, jamais chegarão aqui ou, então, sucedem como «CARNAVAL NO FOGO», que só em dezembro do ano findo apareceu por aqui, já bastante velho e quebrado, além do mais, com os preços majorados e batendo recordes de bilheteria.

GERALDO EDSON. (Natal)

**«VOLTEM NA PRÓXIMA SEMANA»**

Não existe fã de cinema que não aprecie o espetáculo seriado, isto vem dos velhos tempos, ao atual, porque o filme seriado tem o segrêdo de fazer com que o espectador fique fascinado pelo próximo capítulo, faz parte de todo o seriado uma cena muito forte em que o «mocinho», ou a «mocinha» está na iminência de perder a vida quando o letreiro anuncia o clássico «Voltem na próxima semana». E na semana seguinte todos lá estarão atentos ao milagre que será realizado.

Falando de filmes seriados somos obrigados a falar dos filmes antigos onde o seriado teve a sua época de ouro. Qual dos velhos fãs não se recorda dêstes seriados que fizeram época e trazem na nossa lembrança os nossos tempos da meninice: «Surcouf & Marcouf», «Moeda Quebrada»? com Eddie Polo, «A Filha do Circo», com Francis Ford, «Telefone da Morte» com Ben Wilson, «Cavalheiro da Lua», com Art Acord, «Estrada da Morte», com Walace Mac Donald, «Perigos de Pauline» com Pearl Withe, «Quadrilha dos Sapos» com Walter Miller, «Cavalheiros das Sombras» com William Desmond, «Capitão Kid» com Eddie Polo, «Aventuras de Tarzan» com Frank Merril, «Mistérios de New York» com Pearl Withe, «Ruth das Montanhas» com Ruth Roland, «Aventuras do Capitão Gryerson» com Cullen Landis, «Robinson Crusoé com Joe Bonomo, etc.

No seriado imperaram artistas como Eddie Polo, Francis Ford, Art Acord Jack Perrin, Jack Daugerth, Jack Holt, Jack Hoxie, Edmund Cobb, Franck Merril, Franck Maio, Cullen Landis, Wallace Mac Donald, Joe Bonomo, Yakima Canutey, Richard Talmadge, Tom Mix, Charles Bouck Jones, Joah Beery Jr.

Suas heroinas, eximias amazonas, corriam todos os perigos possiveis, e destas ficaram famosas estrêlas como Ruth Roland, Marie Walcamp, Anita Steward, Louise Lorraine, Nerva Gerber, Lola Todd, Laura La Plante, (uma das grandes estrêlas da Universal), e a mais famosa de tôdas Pearl Withe.

Nem sòmente da fama do «mocinho» vivia o seriado, era preciso que o chefe da quadrilha tivesse personalidade, pois fazia parte do sucesso do seriado, e ninguém ignora o valor de Warner Oland, Noble Jonhson (as suas lutas com Eddie

(Cont. na pág. 22)

## POSTAL DO . . .

(Cont. da pág. 6)

lugar determinado, pode surgir ali onde existe um grande contato de gente diversa com a serenidade necessária e o tempo preciso para tranquilamente contemplar a projeção de um filme. Estas sugestivas metamorfoses, tão substanciais em cinema, fizeram com que se organizassem, para sua devida apreciação, os festivais de Veneza, Cannes, Lócarno, San Sebastian e Mar del Plata, surgindo agora, também o de Punta del Este, sôbre rochas admiráveis do Atlântico Sul. Agora o Brasil terá que preparar o seu Festival. Mais imperioso se faz em vista do sério movimento cinematográfico indígena que se processa. E o Brasil possui um lugar de encomenda para um Festival: Quitandinha. Dentro de sua enorme capacidade, com seus inúmeros divertimentos, e depois de feitas as adaptações necessárias (sala de exibições e instalações), as delegações seriam aí hospedadas.

Estariam concentradas num só edifício, não acarretando as inconveniências das distâncias que, em Punta del Este, foi a tortura de todos, principalmente dos jornalistas, como nós, que, a serviço de uma emissora, tinhamos que andar de um lado para outro carregando um pesado aparelho gravador de arame.

Numa ocasião, em conversa, o sr .Buero, Secretário-Geral do Festival de Punta del Este, disse-nos que o Brasil e a Argentina eram, juntamente com o Uruguai, os candidatos para a realização no ano de 51 de um Festival Internacional de Cinema. Não sabemos até que ponto isto é verdade. Mas estamos convencidos do favoritismo, por parte dos Estados Unidos, para um Certame no Brasil. Ante nossa pergunta de como os Estados Unidos encarariam um Festival de Cinema do Brasil, o importante cineasta, sr. Phil Reisman, vice-presidente da RKO, declarou-nos: "Os Estados Unidos prestigiarão incondicionalmente um concurso de filmes no Brasil". Cabe assinalar que os ianques estão absolutamente interessados em festivais desta natureza na América do Sul. Hollywood nunca enviou para o exterior tão importante delegação como a que estêve em Punta del Este. O mesmo, entretanto, não se verifica em relação a Veneza e Cannes, onde os americanos, dizem êles, não gozam de segurança. O Brasil precisa tratar de fazer seu Festival. Já sabemos que existe um movimento secreto nesse sentido. O Festival do Brasil deverá surgir porque o público de cinema é o ùnicamente mundial de nossa época.

## A NINFA NUA

(Cont. da pág. 21)

— Eu gostaria de uma explicação — exigiu Grumby.

— Tudo é muito simples — explicou Nathaniel. — Você não quer que ninguém cometa erros em seu banco. Bem, também não gosto que ninguém erre em minha familia.

— Ninguém está errando — respondeu Katie àcidamente.

Peter sentou-se ao seu lado.

— Katie, meu amor, certamente você não vai continuar com esta macaquice.

— A sua piada já perdeu a graça, Mr. Van Arden — murmurou ela no mesmo tom com

(Cont. na pág. 24)


O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente Não espere engordar demais tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 78 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal



A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....................

RUA .................. Nº ....

CIDADE ........... ESTADO .......

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

# O maior espetáculo de todos os séculos!

A OBRA-PRIMA DE

*Cecil B. DeMille*




# Sansão e Dalila

"Samson and Delilah"

CÔRES PELO *Technicolor*



*Estréia no Rio:*

4 DE JUNHO, NOS CINEMAS

| | |
|---|---|
| PLAZA | RITZ |
| PARISIENSE | COLONIAL |
| ASTORIA | PRIMOR |
| OLINDA | H. LOBO |
| STAR | MASCOTE |

COMPLEMENTOS NACIONAIS

PROCUREM SABER NO CINEMA DE SUA LOCALIDADE QUANDO SERÁ EXIBIDO "*Sansão e Dalila*".



ESTRÊLAS:

Hedy Lamarr · Victor Mature · George Sanders
Angela Lansbury · Henry Wilcoxon

PRODUÇÃO E DIREÇÃO DE Cecil B. DeMille



# CORREIO DO FÃ

MAISIE H. WINGNER — São Paulo — O enderêço de Tyrone Power é 20th Century Fox Studios, Box n. 900, Beverlly Hills, Califórnia; o de Glenn Ford, você pode tentar a Columbia Pictures, Hollywood, Califórnia, U.S.A. Só isso?

★

RALUTO ABREU — Curitiba — Para ser atendido mais depressa, de outra vez, coloque sempre o título da seção a que se destina sua carta. Aguarde, pois, a publicação das letras solicitadas.

★

NELSON MARIANO, Monte Aprazivel — Sua carta está uma delícia. O sr. Leon agradece as referências. Apareça sempre.

★

ANA LUISA NEVES, Santa Maria, R. G.S. — O enderêço de Hugo Del Carril, é o seguinte:

★

WASHINGTON LUIS DIAS DEAGUIAR — Capivari, Est. de São Paulo — O que nos pede é impossível. Todavia, assim que se nos oferecer uma oportunidade, atenderemos o seu pedido, publicando na capa a dupla solicitada. Mas é preciso que façam um novo filme juntos. Okay?

★

JOSÉ MILTON A. C. SILVA — Ribeirão Prêto — No mês de julho, quando sairá o terceiro álbum anual de A CENA, você encontrará uma lindíssima pose, não só da «sua» Claudette Colbert, como de muitas outras estrêlas e astros de quem certamente também é admirador. Que tal?

★

ANÔNIMO — Curitiba — As cartas anônimas já estão fora de moda. Contudo gratos pela sugestão e pelas referências elogiosas ao quadro de nossos colaboradores. Volte quando quiser, mas assine sua carta, sim?

★

RUTH MAGIORANI — Baurú — De início, podemos lhe adiantar que muito breve será publicada uma das fotos solicitadas por você: Dean Stockwell. Mas não na capa. Quanto às outras, é só aguardar uma oportunidade. Satisfeita?

★

DURVAL MONTENEGRO — Rio — Seu trabalho «Biografias» para a coluna da fã, est fraco, sem a coordenação necessária para um artigo. Você só faz citações, nada mais. Tente novamente, desenvolva mais e procure dar um sentido aos seus escritos. Volte que aqui estaremos ao seu dispor.

★

ODILON LORENA — Rio — Infelizmente, não aceitamos críticas de filmes para a coluna do fã. Isso causaria um mundo de idéias divergentes que queremos evitar. Escreva uma crônica e volte.

★

DURVAL FONSÊCA (?) — Seu trabalho «Volte na próxima semana», com algumas correções, será aproveitado.

## A NINFA NUA

(Cont. da pág. 22)

que respondera ao tio. — Bom-dia.

— Ah, — gritou êle, — mas eu não saio daqui enquanto não descobrir por que motivo você saiu de meu apartamento antes do *breakfast*.

— Antes do *breakfast!* — repetiu Grumby.

— Por favor, volte para... para... para os seus nenês...

— Katie, — protestou êle, — eu já lhe disse que os únicos nenês que tenho são cavalos.

— Bem, você parece que esqueceu-se de dizer isso a um de seus nenês — retrucou Katie. — Êle não sabia que era um cavalo.

Peter tomou a atitude de uma pessoa bastante confusa e então sorriu:

— O meu sobrinho! Peter estava em meu apartamento. Êle é o filho de meu *irmão!*

Katie olhou-o estranhamente e correu para os seus braços abertos.

Mas tia Priscilla não gostou da história e se aproximou do jovem.

— Meu jovem amigo, tudo isto é muito romântico. *Mas...* se o senhor sente alguma coisa por minha sobrinha é melhor deixar a cidade imediatamente. Nada comparável a isso jamais aconteceu em Wakely. O escândalo...

— Isto é ridículo! — Peter tirou um velho recorte de jornal de seu bôlso. — A história da Nova Inglaterra é o meu passatempo. Desde que todos aqui parecem estar bastante interessados em pequeninas coisas a respeito de escândalos, tenho uma verdadeira preciosidade aqui.

— Se o senhor se refere às fugidas de Nathaniel para Nova York... — rugiu Grumby.

— Isso é café-pequeno — disse Peter. — Isto remonta à época de Nathaniel B. Wakely, mas o primeiro — e indicando o recorte, continuou: — De acôrdo com isso, o primeiro Nathaniel B. Wakely nunca foi um verdadeiro pastor. Êle se disse pastor e se improvisou em ministro. Êste foi um escândalo que a cidade se encarregou de silenciar. Porque, se Nathaniel B., o *primeiro*, nunca foi um ministro verdadeiro, a segunda geração de Wakely... bem vocês compreendem. Assim, se alguém nessa cidade algum dia pensar em fazer algum mexerico sôbre a futura Sra. Peter Van Arden...

Mas certamente nunca ninguém nem ao menos se arriscou a isso.

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA, quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

# COLUNA DO FÃ

(Cont. da pág. 22)

Polo, fizeram época), Fred Kholer, Noah Berry Sr., Francis Ford, e um que tornou-se famoso pela alcunha de Pedro Isca, êste, então era de «amargar».

Astros de hoje já fizeram filmes seriados como George Brent, John Wayne, Gary Cooper, Dick Foran, Warren Hull, Vitor Jory, Larry Buster Crabee, etc.

Não resta a menor dúvida, que de vez em quando se assiste a um seriado como «Aranha Negra», «Arqueiro Verde», «Mão que Aperta», «Flash Gordon», que satisfazem; entretanto, existem tantos seriados por aí que são de amargar, ninguém se impressiona com os perigos do mocinho, pois êstes não chegam a fazer sombra aos perigos que passavam uma Marie Walcamp.

Dos seriados nasceu a clássica expressão do «Zebruno», isto é a maneira pela qual o artista safa-se dos perigos mais horrorosos que o vilão lhe arma, entretanto não se nega que o artista do seriado em geral é um atleta, pode surrar dois ou três vilões dos que lhe arranjam, e, no passado, a velha Universal sempre escolheu «forçudos» para êsses papés: Frank Merril, Eddie Polo, Art Acord, William Desmond, eram atletas completos. E' certo que ninguém acredita muito na história do «mocinho» aplicar pancada a torto e a direito, mais negar-lhe a popularidade com que é tido no mundo inteiro, não seria possível. E o cinema não lhe nega o direito de, mesmo sofrendo perigos horríveis, triunfar sôbre o mal em todos os filmes.

Esta é a lição que o cinema em série nos dá com freqüência, e que serve de estímulo a milhões de crianças espalhadas pelo mundo. Todos êles tem os seus heróis como nós já tivemos nos nossos tempos, em que um seriado tinha 15, 20, e 30 episódios, e que esperávamos ansiosamente a chegada do domingo para irmos ver Art Acord, ou William Desmond, lutar contra tudo e contra todos para Salvar Louise Lorraine, ou Laura La Plante, suas companheiras habituais nos seriados, e no final dar o castigo merecido ao vilão. E quando encerrava-se um seriado lá estariamos no domingo seguinte para assistirmos a mais um 1º episódio de qualquer seriado que anunciavavam, e para termos a mesma sensação de, no momento mais difícil, vir o clássico letreiro VOLTEM NA PRÓXIMA SEMANA.

DURVAL FONSÊCA

## SUZY DELAIR

(Cont. da pág. 25)

la-la", uma canção de Francis Lopez, que a lança definitivameite. Em sua vida de mulher se produz a separação com Clouzot. Suzy reage enèrgicamente: não se dirá que deve seus dotes e seu talento a Clouzot, e espera confiantemente seus novos contratos.

Depois de "Loucura de Uma Época (Lady Paname), da Art-Films, dirigido por Henri Jeanson, onde ela dá mostras de um dinamismo extraordinário, Suzy Delair já está completamente consagrada. Mas em seu formoso apartamento da rua de Varenne, em Paris, mobilado com exquisito gôsto, pensa com melancolia em seus duros inícios.

Não obstante seu triunfo, encoleriza-se e inquieta-se por um nada; é uma pessoa explosiva e sempre atormentada. Atormentada por um simples grão de pó; por uma canção que tenha de aprender; por uma entrevista; por um novo papel; pelo contrato que tenha de firmar; por um novo amor a compartir...; por uma amizade que oferecer... A Suzy Delair convém um clima sedativo..., cheio de confiança e, sem dúvida, o carinho de um público a que não tem o direito de decepcionar e que até agora não decepcionou.

## OPINIÃO

(Cont. da pág. 28)

idade, a qualquer espírito infantil que se empolga com emoções primárias é o fator preponderante da sua rápida difusão e aceitação. Dizem que a novela está agonizantezinha. Não acredito. E' um rádio-teatro comum, com a peculiaridade de ser seriado. Por que motivo desapareceria êste e permaneceria o outro? Não. As novelas continuarão, umas boas, outras más. E' preciso zelar pela qualidade e nada mais.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



# SUZY DELAIR

Que natureza exuberante! Uma natureza rica, cheia de vida, uma criatura bem posta sôbre suas pernas (que, incidentemente, são lindas!) e que caminha retamente pelo mundo sem se incomodar com o que possam pensar de si os outros.

Assim é Suzy Delair. Esta Suzy Delair que vemos na tela tirando o vestido para revelar-nos suas formas estará verdadeiramente contente com a vida?

Nada romântica, mas sentimental em excesso, apaixonando-se pelas aventuras que terminam bem, é tìpicamente parisiense, excitável, chorando por qualquer coisinha, descarregando sua cólera sôbre qualquer inocente e terminando por encerrar-se em sua casa esperando que "passe a tormenta"; mas em meio dêstes excessos de sentimentos, guarda uma lucidez a tôda prova.



Na idade de 14 anos gastava os sapatos subindo e descendo as escadarias de costureiras e costumistas. Como gostava do canto e da poesia clássica (que recitava assìduamente), pensou que poderia dedicar-se ao cinema como outras mulheres. Durante meses e meses esperou e esperou. E, por fim, um dia recebeu um contrato para aparecer como extra em "Violettes Imperiales". Que espantosa decepção aquêle estúdio onde, misturada entre centenas de comparsas, Suzy Delair desaparecia em um grupo de "mortos de fome"!

Mas a boa estrêla, que a guia em sua carreira com tenacidade, lhe aconselha que aprenda primeiramente seu ofício. A pequena parte em excursão artística pelas províncias com "Etienne", de Jacques Deval; mas o pessoal da troupe, sobretudo os fracassados que representavam com ela, não a animaram em nada. Quantas humilhações e quantos pesados insultos teve que sofrer! Todavia, nada a desanimou; nem os sórdidos hotéis, nem os camarins de teatros obscuros, nem os restaurantes baratos.

Hoje, em Paris, há diretores e mesmo atores que se vangloriam de haver protegido a jovem Suzy. "Conheci-a — dizem — quando era figurante da revista no "Empire". Ninguém lhe deu o empurrão que facilita a subida, nem a influência que abre as portas dos estúdios.

Entretanto, foi Henri-Georges Clouzot, é preciso que se diga, quem tomou interêsse por ela. Em 1941 êle ofereceu-lhe a oportunidade de atuar na película "Le dernier des six", de Georges Lacombe.

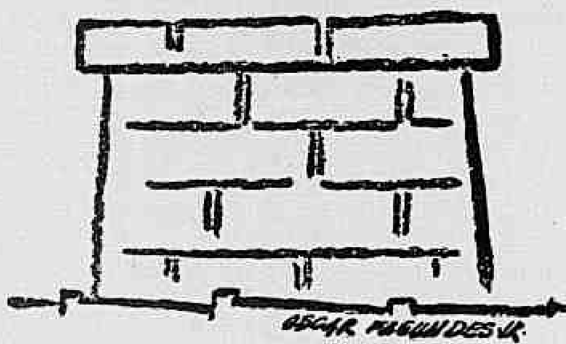
Suzy Delair é uma garôta que representa com entusiasmo e encanto todos particulares. Não se pode exigir mais. Filma "O assassino mora no 21", "Défense d'aimer", "La vie de Bohême". Distingue-se por seu rostinho alegre, seu narizinho arrebitado e seus olhos assustadiços. Em "Estranha coincidência" conhece Louis Jouvet e um ano mais tarde, juntamente com êste ator obteve a consagração em "Crime em Paris", seu primeiro grande papel de "estrêla" excêntrica em que veste um curioso e sugestivo "corsé" e vai coberta com um grande chapéu negro de sêda com plumas e veludo (plumas de avestruz) que ainda conserva como recordação em seu armário. Naquele filme canta "Avec son tra-

(Cont. na pág. 24)




...exige outra




Polvilho Antisséptico
GRANADO







# O QUE VAI PELA BROADWAY

NOVA YORK, maio de 1951 — Últimamente, os produtores em Hollywood têm andade muito preocupados com problemas superfantásticos e o resultado é que a Broadway tem tido verdadeiros pesadelos com filmes que contam viagens à lua (Rocketship X e Destination Moon) e a vinda à terra de criaturas estranhas (The Man from Planet X). Culminando êsse ciclo de películas fantásticas o cinema Criterion vem de estrear esta semana a produção de Howard Hawks intitulada "The Thing". Êsse filme, feito com uma certa habilidade, conta as experiências de um grupo de cientistas estacionados no extremo norte do Alaska, ao encontrarem uma aeronave desconhecida (formato das famosas "flying saucers") e o seu estranho ocupante, a quem chamam de "A Coisa" (The Thing) presumidamente vindo de um mundo desconhecido. Daí por diante o filme mantém a platéia sentada na ponta da cadeira e os momentos de "suspense" são tão bons quanto os melhores que Drácula e Frankstein possam ter proporcionado. Boa direção de Christian Nyby, com um ótimo suporte musical de Dimitri Tiomkin. Elenco todo êle composto de nomes desconhecidos, mas que surpreende agradàvelmente com desempenhos equilibrados.

★

Baseada nas verídicas aventuras de Matte Cetvik, que durante nove anos, a serviço do FBI (Departamento Federal de Investigações), pertenceu ao partido comunsta, o cinema Strand vem de estrear "I Was a Comunist for the FBI", com Frank Lovejoy no papel principal. De nenhuma maneira deixem de assistir a essa película da Warner Brothers, que revela sem rodeios os sórdidos meios usados pelos comunistas na provocação de greves e a utilização de atos de sabotagem para a conquista do pânico. Intensamente dramático e atualíssimo pelas revelações que contém, "I Was a Comunist for the FBI" é o que os norte-americanos chamam de um "must", isto é, uma película que não se deve perder.

No show do palco, a sombra daquilo que já foi uma grande orquestra liderada pelo pianista de côr Count Basie, fornece a música para alguns atos variados.

★

Entrou esta semana no Loew's State "The Apache Drums", com Stephen McNully e Colleen Gray. Misturem 500 índios ferozes, 30 colonos mal armados e um romance entre McNully e Colleen Gray, e vocês terão a história dêsse filme. "The Apache Drums", que teve a direção do argentino Hugo Fregonese, agradará plenamente aos fãs do gênero, especialmente se lembrarmos que os índios Apaches fotografam admiràvelmente bem em tecnicolor.

★

Outras estréias sem maiores consequências: "The Fighting Coastguard", com Brian Donlevy e Forrest Tucker, no cinema Mayfair. No Capitol, Marjorie Main e Percy Kilbride lideram o elenco de "Ma and Pa Kettle".

★

Dos filmes estreados esta semana, recomendo: "The Thing" (não percam êsse novo monstro cinematográfico), produção de Howard Hawks, distribuída pela RKO Pictures e "I Was a Comunist for the FBI", da Warner Brothers.




## COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

### A RUA

*(Art-Films)*

LONGE de equiparar-se a "Tortura de Um Desejo" (Alf Sjoberg), "A Rua", de Gosta Werner, vem credenciar, contudo, o elevado nivêl em que se encontra o cinema sueco, no que tange à audácia dos argumentos, à cenarização, fotografia e direção. Mas não se pode julgar, absolutamente, a produção de um pais por dois ou três filmes. A história de "A Rua", segundo diz o próprio filme, é uma história real e rodada, tanto quanto possivel, nos próprios locais dos acontecimentos. Focaliza a vida de uma jovem que se perde por um amor irresponsável, vitima de sua ingenuidade, e que encontra as reais conseqüências de seu gesto, terminando na prostituição. Argumento inteligente, no que tange à apresentação de problema tão cruciante e real, tão vivo e concreto, limita-se a contar os fatos, numa espécie mesmo de documentário, embora haja uma história por onde ligar os fios. Não se apresentam soluções para o drama de Britt. Joga-se a sua história no rosto das platéias para que dela o público tire as conclusões que desejar. Não é um filme que diverte, antecipamos; mas é um filme que deve ser visto e meditado. Não tem rasgos eloqüentes de cinematografia, mas vale pelas intenções. Boa fotografia, boa movimentação de câmara, boas interpretações e boa direção. A montagem e o corte ainda deixam a desejar, especialmente nas cenas de perseguição de automóvel, que não causam a menor emoção. Maj-Britt Nilsson revela-se uma boa atriz e talvez seja atraida a Hollywood, como acontece a tôdas as suecas. Um filme que deve ser visto por tôdas as pessoas maiores de 18 anos.

*Cotação artistica*: 3 ★ *Cotação comercial*: 3

★

### A ÁGUIA E O GAVIÃO

Amigos, imaginem que um certo cidadão do México resolveu treinar um exército a fim de invadir • Texas, aproveitando a confusão de uma guerra civil naquele Estado Americano. Mas acontece que John Payne e Dennis O'Keefe são agentes americanos e vão ao México fazer espionagem, fantasiados de cow-boys. Payne apaixona-se por Rhonda Fleming, que, por sinal, é casada com o chefe dos invasores, que, por sinal, descobre tudo, mandando matá-lo, mas, por sinal, êle é salvo, e, por sinal, tudo acaba bem. Não esquecer que o filme é em tecnicolor, por sinal. Apesar da expectativa e da ansiedade para que aconteça alguma coisa, tudo é monótono e arrastado, e as coisas acontecem sem que se perceba nada. John Payne cada vez mais John Payne e Rhonda Fleming cada vez mais Fleming. Não vale a pena perder tempo, mas há quem goste.

*Cotação artistica*: 1 ★ *Cotação comercial*: 2½

### MEU CORAÇÃO TEM DONO

*(Duchess Idaho — Metro)*

Os musicais da Metro, como sempre, têm a habilidade de dosar, matemàticamente, os ingredientes necessários para o paladar das grandes massas. Sua finalidade é agradar a todos, divertir um pouco o público farto de dramas, com um pouquinho de música, alguns números de dança, algumas piadas, etc. Por isso mesmo, existem em seu departamento de "screen-plays" algumas fórmulas que sistemàticamente são aproveitadas, com pequenas variações. Somos capazes de jurar que deve ter lá uma pasta com um único "script" feito especialmente para Esther Williams. E, para variar, seu "partner" deve ser o Van Johnson. Desta vez, colocaram mais um casal: o cacete John Lund e a novata Paula Raymond. A história é absurda até não mais poder: um chefão riquissimo que tem por fôrça de enamorar-se pela sua secretária, perdidamente apaixonada por êle. E enquanto Esther Williams exibe-se em alguns shows aquáticos, com fundo musical, e Van Johnson finge que dirige uma banda de música (que por sinal é de Mel Tormé, que figura na pelicula como um "boy" de recados), John Lund acaba por descobrir que realmente ama Paula Raymond, o que não é lá muito dificil, mesmo para um péssimo ator. Red Skelton aparece numa "pontinha" e domina o filme. Eleanor Parker executa um número de sapateado que "abafa" completamente. No mais, tudo comum, como sempre, inclusive o tecnicolor — mas que distrai. Alguns números musicais são apreciáveis. Direção discreta de Robed Z. Leonard.

*Cotação artistica*: 2 ★ *Cotação comercial*: 3½

★

### EXTORSÃO

*(Shakesdown — U.-International)*

Joe Peuney é um diretor novo mas que, mesmo com êste filme de estréia, revela qualidades que podem torná-lo um dos bons "meteur-en-scene" de Hollywood. Firmado num bom cenário e numa história original, consegue dar um andamento justo aos acontecimentos, resultando num filme de padrão razoável. Trata-se da história de um fotógrafo cuja ambição e fôrça-de-vontade, elevam-no às culminâncias da glória, embora para isso usasse de todos os meios possiveis. Trabalhando a frio, sem sentimentos, seu modo de agir torna-se por vêzes tragi-cômico, como no caso em que fotografa o homem prêso no automóvel que submerge nas águas de um rio, e quando solicita à mulher que vai saltar de uma janela, durante um incêndio, que pare um instantinho — enquanto ajeita a lâmpada para o "flash". A platéia ri gostosamente, mas novamente o filme entra em seu ritmo normal, e o diretor mantém-se fiel à linha, numa espécie de estudo psicológico, embora não muito bem definido, daquele individuo que não chegava a ser mal, pròpriamente, mas que não recebeu uma educação adequada para enfrentar a vida e os homens, antes, aprendendo a pensar em si próprio, pelos fracassos de seus ascendentes. O enrêdo não procura defender uma tese nem tampouco tenciona dar uma lição de moral — embora esta exista, como em tôdas as fitas americanas, pois mesmo que não exista o bom espectador saberá tirá-la por si. De qualquer maneira, trata-se de um filme policial, com "gangsters" e extorsionistas, porém bem dosado, com situações realmente cômicas, que não chegam pròpriamente a ser uma sátira nem tampouco uma farsa. Howard Duff e Brian Donlevy estão muito bem. Os demais, Peggy Dow, Laurence Tierney, Bruce Bennet, não comprometem. Boa fotografia.

*Cotação artisticas* 2½ ★ *Cotação comercial*: 2½

★

### OS NOIVOS DA MAMÃE

*(Louisa — U.-International)*

Comédia feita especialmente para o público pouco exigente. Seu argumento tenta, com certa habilidade, ridicularizar o amor de uma velhinha, Spring Byington, que tem dois pretendentes nas figuras de Charles Coburn e Edmundo Gwen. Em verdade, há três gerações às voltas com Cupido: a vòvòzinha com os dois velhinhos, a mamãezinha e o marido, a filhinha e um jovem adolescente, rapazinho precoce, simbolizando a nova geração. Isso, como podem ver, poderia dar margem à uma excelente comédia, se houvesse maior segurança e mais senso de humor por parte do cenarista e do diretor. Contudo, ainda assim, agrada para quem não exigir muito de quem pouco pode dar, como no caso do diretor Alexander Hall. Mas faz rir. E é o quanto basta, no caso.

*Cotação artistica*: 2½ ★ *Cotação comercial*: 3

★

### CURVAS PERIGOSAS

*(Curvas Perigolosas — Produciones Sol)*

No gênero da comédia musicada, digam o que quiserem, mas estamos cem por cento com os americanos, que, embora martelando na mesma fórmula de sempre, sabem perfeitamente como apresentá-la. Mas se o México vem com esta xaropada de primeira ordem, mil vêzes as xaropadas daqui mesmo do Brasil, com muito mais humor, mais bem feitas, mais bem interpretadas, e com números musicais que falam diretamente ao público. Convenhamos, por isso mesmo, que "Carnaval no Fogo" e "Aviso aos Navegantes", embora pouco ou mesmo nada tenham de cinema, contém todos os elementos para agradar ao público e chegam a deixar longe certas peliculas musicais americanas. Mas não estamos aqui para falar dos americanos nem dos brasileiros, e passemos, portanto, para a outra linha:

"Curvas Perigosas", realizado pela "Produciones Sol", onde Leonora Amar é uma das principais acionistas, teve a preocupação de apresentar exclusivamente Leonora Amar. O filme todo é Leonora Amar, e o "cameraman", para disfarçar, tinha que rebuscar os mais variados ângulos para não cansar o espectador. Mas não o conseguiu, porque cansa mesmo: Leonora aparece: de maió, de vestido do século XIX, de vestido moderno, de chapéu, de combinação, de pegnoir, de "can-can", de corista, de frente, de costas, de perfil, durante a apresentação dos letreiros iniciais, e durante a apresentação do "Fim". O espectador entra no cinema e vê o retrato de Leonora na porta; sai do cinema, depois de ver Leonora, e torna a vê-la na porta. Dá algumas risadas, sem saber por que, mas dá. A fita não tem direção, não tem interpretação, não tem cenarização, não tem história. Mas, em compensação, tem muito Leonora. E se isso lhes é suficiente, podem ir. Não nos responsabilizamos.

*Cotação artistica*: 0 ★ *Cotação Comercial*: 3

# Rádio

ARMANDO MIGUEIS

# TUDO TEM LIMITE, DONA DALVA

*A vaia do Estádio Municipal foi um desabafo! Cheio das lamúrias conjugais da cantora Dalva de Oliveira, a turma não resistiu à pateada. Meteu o dedão na bôca, arrancou todo o ar dos pulmões e tome assobio. A estrêla, sentindo fugir-lhe o terreno, quis recuar. Era tarde de mais. O colosso do Maracanã estava sob tremenda zuada. Não havia jeito de contornar a situação, apesar dos esforços inauditos do presidente da Associação Brasileira de Rádio.*

*Em se tratando de Dalva de Oliveira, o assunto não poderia escapar à nossa seção. Admiramos-lhe a voz e gostamos da interpretação que dá aos nossos ritmos populares. Porém, nestes últimos meses, ela abusou da generosidade dos ouvintes, com a exploração sistemática de seu caso íntimo. A conseqüência dêsse abuso veio, de modo imprevisto, na despedida dos "Globetrotters".*

*Hoje, mais senhora de seus nervos, Dalva deve expurgar do repertório tudo quanto possa refletir o drama conjugal de que foi vítima. Volte-se para os agradáveis números que a tornaram credora do aprêço e da simpatia do público, sabido que não lhe faltam recursos para manter seu reinado. Busque outros meios de se fazer lembrada dos radiouvintes patrícios, sem descer às melodias de sentido dúbio que, meses a fio, atormentaram a paciência dos senfilistas e desgastaram os "pick-ups" das vitrolas de botequim... Lembre-se do ocorrido com Herivelto Martins, quando do concurso promovido pela municipalidade no Teatro João Caetano, evitando que outras manifestações de desagrado lhe sejam prestada.*

*A vaia do Maracanã não foi uma repulsa à cantora Dalva de Oliveira. Ela constituiu, isso sim, a manifestação de milhares de pessoas contra êsses números que a "Rainha do Rádio" teima em interpretar. Portanto, chega de "calúnias" e outras composições de igual sentido.*

## SETE NOTÍCIAS AVULSAS

Heron Domingues estêve no rol das cogitações da Emissora Continental. Houve, mesmo, vantajosa proposta endereçada ao "Repórter Esso", para que êle trocasse de prefixo. Mas, o assunto morreu no terreno das conversações preliminares, perdendo Gagliano Neto a conquista dêsse valioso elemento para o quadro de rádio-repórteres da PRD-8. ★ A Rádio Nacional, no momento, volta suas vistas para a "Conversa em Familia" da Globo, iniciando demarches junto aos elementos que a integram. A oferta, segundo ouvimos, é das mais tentadoras, restando saber, porém, se a PRE-3 aceitará a retirada de um programa que lhe assegura invejável projeção no seio da massa. ★ Aylton Flores, com a saida de Oduvaldo Cozzi, ingressou nas hostes mayrinquianas, a fim de reforçar o departamento esportivo da PRA-9. Isto, depois de fracassarem as demarches para a aquisição de Luis Mendes, ora prêso à Globo por novo contrato. Canarinho conhece bem o assunto, justificando sua inclusão junto a Jaime Moreira Filho. ★ O maestro Leo Peracchi fêz à Argentina, onde permanecerá alguns dias. Êle pretende levar à efeito uma visita de estudos às diversas organizações artísticas, observando tudo quanto possa interessar ao "broadcasting" brasileiro. E' possivel que alguma estação portenha se interêsse pela presença do consagrado músico a seu microfone. ★ Grande Othelo está no Rio. O astro "colored", encerrada a temporada do elenco de Walter Pinto na capital bandeirante, rumou para a Cidade Maravilhosa, visando retornar à sua atividade radiofônica. Aliás, duas emissoras interessam-se pelo seu concurso. ★ Os problemas ligados à vida do povo, como não poderia deixar de ser, continuam merecendo a melhor acolhida do rádio. Ainda agora, a Mayrink Veiga prepara-se para o lançamento de "O povo pergunta e o govêrno responde", através do qual desfilarão tôdas as questões que se encontram à mercê dos poderes públicos. ★ Xerém deixou de ser o caipira solitário. Voltou a formar dupla com Bentinho, apresentando-se ao microfone da Tamoio, por intermédio dos programas "Hora Sertaneja" e "Pelos sertões do Brasil".

## OPINIÃO



**PEDRO BLOCH**
**as novelas continuarão**

PEDRO BLOCH, afora suas atividades de otorrinolaringologista, é um autor dos mais representados em nosso teatro. Criador do teatro especifica- "Marilena versus Destino", não tardou mente radiofônico, onde estreou com em vencer com outros gêneros de programas. Não fôsse a burrice de alguns e a escassez de tempo, ainda o teríamos emprestando sua valiosa colaboração à radiofonia indígena. Aliás, fala-se na novelização de "As mãos de Eurídice", peça que Rodolfo Mayer desempenhou durante vários meses.

Pedro Bloch, há anos, respondendo a uma pergunta que lhe fizemos a propósito das novelas, teve esta opinião:

— A resposta à sua pergunta deve iniciar-se com duas interrogações de minha parte:

1º) A que chama você, pomposamente, de novela?

2º) A que novela radiofônica você se refere?

Sim, porque a palavra sucesso tem um milhão de interpretações e as novelas radiofônicas têm vencido umas e fracassado outras.

Vejamos, inicialmente, a palavra sucesso: se você considera "sucesso" o número de ouvintes — as novelas têm vencido espetacularmente. Entretanto, se você considera que sucesso é qualidade julgada por quem sabe o que tem a mais de um palmo do nariz, umas têm vencido; outras. fracassado.

O sucesso das novelas que venceram deve-se, naturalmente, ao agrado popular e por terem-se inspirado em boa fonte. O fato de um enrêdo ser apresentado de uma vez, ou fragmentado, não altera em nada a qualidade do trabalho quando êste tem valor. O fato de as novelas serem acessíveis a qualquer

(Cont. na pág. 24)

# DE QUINTA-FEIRA Á QUARTA

# PROGRAMAS

| TÍTULO — EMISSORA | DIAS — HORARIOS |
|---|---|
| DJALMA FERREIRA<br>Rádio Mayrink Veiga | Tôdas as quintas-feiras, às 20,00 |
| NO TEMPO DE NOEL ROSA<br>Rádio Tupi | As sextas-feiras, a partir das 21,05 |
| MESA REDONDA DE FUTEBOL<br>Emissôra Continental | Todos os sábados, depois das 20,15 |
| REVISTA DE PORTUGAL<br>Rádio Globo | Aos domingos, a partir das 19,05 |
| HISTÓRIAS DA VIDA<br>Rádio Roquete Pinto | Tôdas as segundas-feiras, às 20,45 |
| QUANTO É QUE EU LEVO NISSO?<br>Rádio Nacional | As têrças-feiras, com inicio às 20,35 |
| ESPORTES EM MARCHA<br>Rádio Tamoio | Tôdas as quartas-feiras, às 12,30 |



**GRANDE OTHELO**
**procura-se uma estação**



**LUÍS MENDES**
**ficou mesmo na Globo**

# FORA DAS ONDAS

UMA INFORMAÇÃO — Antônio Maria, em sua bem cuidada seção radiofônica, escreveu: "O faturamento da Tupi TV já é uma coisa de respeito. Anda pelas casas dos quatrocentos contos e subirá à medida que os dias forem correndo. Cresce a procura de espaço para inserir um jingle ou um slide. Muitos são os anunciantes que fazem propostas de compra para os programas realmente bem feitos. Aliás, em TV, não há um programa mais assistido que outro. Todos têm audiência e o público assiste à programação por inteiro.

E' bonito ver crescer, no Brasil, essa televisão difícil, que os americanos fazem, com tamanho mistério. E' bonito. Isso porque, para dar TV ao Brasil foi necessário ter muita coragem e muito cifrão."

CURIOSIDADE — Silvino Neto, hoje desfrutando as delicias de uma cadeira na Câmara Legislativa da cidade, deve a Oduvaldo Cozzi sua estréia como humorista no "broadcasting" carioca, sabido que no rádio bandeirante seu gênero era de intérprete de canções mexicanas. Depois de imitar Nicolau Tuma, Jorge Fernandes e Lamartine Babo, o atual representante do PTB criou os tipos popularissimos de Pimpinela, Seu Acácio, Anestésio, dr. Januário e tantos outros.

Ainda sôbre Silvino Neto, podemos informar que para seu "debut" radiofônico, o nobre vereador valeu-se de um estratagema. Apresentou-se ao então diretor artistico da Rádio Educadora de São Paulo, dizendo-se um cantor carioca em visita à terra da garoa. Tal fato ocorreu, precisamente, a 9 de julho de 1932, por ocasião do movimento constitucionalista.

Hoje, Silvino Neto é um cartaz. Sendo o vereador mais votado no Distrito Federal, nem por isso deixou de prosseguir na carreira radiofônica, apresentando-se através do microfone da Globo.

OUTROS TEMPOS — Quando no inicio do rádio, Dulcina de Moraes prestou seu concurso aos primeiros espetáculos de rádio-teatro. Depois, conquistando fama e popularidade no palco, desinteressou-se, por completo, do microfone. Aliás, em entrevista concedida a um nosso confrade, a espôsa de Odilon afirmou não mais desejar aparecer em programas radiofônicos.

Mas, os tempos mudam. Dulcina, até então alérgica ao microfone, volta-se para o rádio que, por sinal, a recebe de braços abertos. E' que Vitor Costa acenou-lhe com vantajoso contrato. Além disso, a estrêla não ignora que, em nosso pais, a televisão já é uma realidade. Daí, tôdas as noites, aparecer em "Madame Vidal", programa escrito por Genolino Amado. O "broadcasting" está, portanto, de parabéns. Conseguiu vencer o estado alérgico da grande intérprete de "As árvores morrem de pé".



**DULCINA**
**Voltou ao Rádio**

PROTESTO VEEMENTE — Inconformado com a atitude assumida pelo locutor Manoel Barcelos, quando dos desagradáveis acontecimentos do Estádio Municipal, escreveu Carrasco em sua "cadeira Elétrica": — "Não é verdade que o público que compareceu ao Maracanã fôsse composto de cidadãos mal-educados. Ao derredor dêste modesto planfletário estavam sentadas figuras da mais elevada projeção social, elementos femininos de reconhecido espirito e inteligência. Deixaremos de citar nomes para não envolver criaturas de educação requintadíssima no rol esdrúxulo do sr. Manoel Barcelos, cujo puxa-saquismo atingiu niveis quase estentóricos. E isso é fácil de provar. Um acordeonista que veio no "team" do All Stars, deliciou a assistência com interpretações magnificas, entre as quais uma legitima homenagem à pessoa de D. Darcy Vargas, com a "Aquarela do Brasil", que é uma de nossas mais vivas páginas de composição popular. O talento de Ari Barroso foi premiado com justiça, assim como a técnica revelada pelo jovem cestobolista, numa tempestade de aplausos sinceros. Junto com êle, também foi aplaudido um casal de brasileiros, que dançou o samba estilizado, com agrado geral."

# MIL ASSUNTOS ESPORTIVOS

## REUNIDOS NUM SÓ VOLUME!

# ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado de 1951

## APRESENTA:

- FOTOS DOS 11 TIMES DO CAMPEONATO CARIOCA DE 1950 (12x20) em papel couché, com as campanhas de cada clube e respectivos jogadores.
- OS TIMES CAMPEÕES DA CIDADE — A escalação de todos os quadros vencedores de 1906 a 1950.
- O PLACARD GERAL DO CAMPEONATO DE 1950 — Todos os resultados, campos e rendas.
- CLASSICOS DO FUTEBOL CARIOCA — Resultados oficiais de todos os jogos. Fla x Flu, e Vasco x Botafogo.
- ESTATISTICA COMPLETA DO CAMPEONATO DE 1950 — Artilheiros, goleiros, juizes, penalties, expulsões, os escores, etc..
- OS CAMPEONATOS DE JUVENIS e ASPIRANTES — Os times campeões, suas campanhas, e a classificação dos concorrentes.
- OS AMISTOSOS DOS CLUBES CARIOCAS, OS JOGOS INTERNACIONAIS DOS CLUBES BRASILEIROS e OS JOGOS INTERNACIONAIS DE SELEÇÕES DE TODO O MUNDO — Resultados de tôdas as partidas de janeiro a dezembro de 1950.
- O TORNEIO RIO-SÃO PAULO DE 1950 — Todos os resultados, rendas e artilheiros, etc..
- O XX CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL — Histórico, placard e estatística completa.
- A COPA DO MUNDO — Histórico, resultados, e estatística completa.
- TODOS OS GOALS DA "COPA DO MUNDO" e TODOS OS GOALS DO "CAMPEONATO CARIOCA DE 1950" — Jôgo por jôgo em gráficos cinematograficos.
- TODOS OS ESPORTES AMADORISTAS: **Atletismo — Automobilismo — Basquetebol — Ciclismo — Esgrima — Iatismo — Hipismo — Natação, Saltos e Water-Polo — Pugilismo — Tênis — Tênis de Mesa — Tiro ao Alvo — Remo — Voleibol** — Os campeões de tôdas as categorias, resultados de campeonatos carioca, brasileiro, sul-americano e mundial.
- FÔLHA SÔLTA A CÔRES — O CAMPEÃO CARIOCA DE FUTEBOL: VASCO DA GAMA — Todos os jogadores com a faixa de campeão de 1950.

## VINTE COLABORADORES NESTE GRANDE NÚMERO:

IDEALIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DE
LEVY KLEIMAN

com a colaboração de
CARLOS ARÊAS
(FUTEBOL)

Fotos: JOSÉ SANTOS
Gráficos: WILLIAM GUIMARÃES

## ESPORTES AMADORISTAS

**Atletismo:** Oswaldo Gonçalves
**Automobilismo:** Max Gold
**Basquetebol:** Saldanha Marinho com a colaboração de Geraldo Castro e Hugo Ferreira
**Ciclismo:** Cristovão Nunes
**Esgrima:** Mauro Pinheiro
**Iatismo:** William de Almeida
**Hipismo:** Armando Canongia
**Natação — Saltos — Water-Polo:** Cachimbau
**Pugilismo:** R. A. A. Coutinho
**Remo:** Benjamin Wright
**Tênis:** Herbert Mesquita
**Tênis de Mesa:** Sylvio Rangel
**Tiro ao Alvo:** Antonio Guimarães
**Voleibol:** Sylvio Cintra Filho

# 80 PÁGINAS FARTAMENTE ILUSTRADAS!

## CR$ 10,00 EM TODO O BRASIL

**Pedidos, mediante vale do Correio à CIA. EDITORA AMERICANA. — Rua Maranguape, 15 — Rio.**

# Melodias para você

ETERNO RITORNELLO
(TE VOIO BEN)

*Slow de Bruno Bidoli*

Le dolci frasi degli innamorati
sono semplici: provengono dal cuor.
Son poche, rare, ma quei detti amati
son candidi come l'amor.
In certe notti tepide a Trieste,
scendendo dal Boschetto fino al mar,
sentire da più parti voi potreste
soltando così sussurrar:

"Te me vol ben?"
"Te voio tanto ben!"
"Ma quanto, quan'o?"
"Tanto, tanto, tanto!"
E' un ritornel
antico e sempre bel.
Tutto un incanto:
"Te voio tanto ben!"
Tenendosi stretti per mano e guardan-
[dosi in viso
di sotto ad un cielo stellato ch'è tutto
[un sorriso:

"Te me vol ben?"
"Te voio tanto ben!"
"Su, dime ancora!"
"Te voio tanto ben!".

★

C'EST SI BON

*H. Betti e A. Hornez. — Gravação de Ivon Cury*

C'este si bon
De pouvoir l'embrasser
Et puis de r'commencer
A la moindre ocasion
C'est si bon
De jouer du piano
Tout le long de son dos
Tan dis que nous dansons
C'est inoui ce qu'elle a
Pour seduire
Sans parler de c'que je
N'peux pas dire
C'est si bon
De guetter dans ses yeux
Un espoir marveilleux
Que donne le frisson
C'est si bon
Et si nous aimons
Cherchez pas la raison
C'est parc' que
C'est si bon.

A PEDIDOS

CINDERELA

*Do Filme de Walt Disney. — Letra e música de Mack David, Al Hoffman e Jerry Livinsgston. — Versão brasileiro de João de Barro*

I

Cinderela
o seu nome é uma canção
Cinderela
de ternura e ilusão
mesmo assim vestida de farrapos
bem se vê
que um lindo trono é o lugar
[para você.

II

Cinderela
deixe o coração voar
e assim
poderá realizar
o seu sonho encantador
Cinderela, Cinderela
na mais linda história de amor.

PIRIRIM

*Baião de Humberto Teixeira. — Gravação de Marlene*

Meu amor mora tão longe
E a estrada é tão ruim
Ai se meu burrinho falasse
Com certeza era assim.
Piririm, piririm, piririm,
Ai, Sá Dona tem pena de mim
Piririm, piririm, piririm,
Ai, ai que estrada mais sem fim.
Meu burrinho é triste e manso
Os óio doce de alfuim
Ai se meu burrinho falasse
Com certeza era assim.
(ESTRIBILHO)

Meu burrinho tá chêi de marca
E pizaduro do selim
Ai se meu burrinho falasse
Com certeza era assim.
(ESTRIBILHO)

I

Mas na vorta vendo a roça
Água fresca e capim
Ai se meu burrinho falasse
Com certeza era assim.
(Para terminar:)

Piririm, piririm, piririm,
Êta ferro isso tudo é p'ra mim.

★

CAVALEIRO DE CRISTO

*Samba de Ary Monteiro e Peterpan. — Gravação de Gilberto Milfont*

I

Nesta sincera homenagem
Que é mais uma mensagem
Envôlta numa oração,
Peço ao nosso padroeiro
Para o povo brasileiro
Tôda a sua proteção...
Que a descrença tudo forge...
Cada dia meu São Jorge!...
No Brasil é mais benquisto
Pois pela paz foi guerreiro
Este nobre cavaleiro
Da Santa Ordem de Cristo!...

II

Com prazer aqui escrevo,
Seu nome em alto relêvo
E sem fazer escarcéu...
Confiando no prodígio
Do chefe que tem prestígio
No Estado-Maior do Céu...

★

QUE PASÓ

*Bolero-mambo de Manuel Conde. — Gravação de Gregorio Barrios*

Que pasó
Que fué lo que sucedió
Que de ti me enamoré
perdidamente.

Que pasó
Que fué lo que sucedió
Que no puedo ya vivir
Sin tu cariño?
Si no me miras
Yo me muero
Si no me besas
Me desespero...
Sôbre o meu coração.

O CARTAZ DO MOMENTO



ADEMILDE FONSECA

DELICADO

*Baião de Waldir Azevedo e Ary Vieira. Gravação de Ademilde Fonseca*

Querendo um baiãozinho
Que seja bem gostosinho
E seja delicadinho
Escute com atenção
Aqui está o baião
Falando ao coração
Veja... como êle é tão delicado
Faz até pensar
Num amor que ficou no passado
Eu sei... que o mundo inteiro vai
[me dar razão
Pois levo a consolação do tal
[amor
O qual alguém perdeu outrora
E que o baião relembra agora...
O nome sempre varia:
Para uns o nome é Maria
Glorinha, Ruth ou Aurora
A todos... um nome inesquecível:
Esta é a verdade;
Embora pareça incrível...
Eu provo... que todos vivem sem-
[pre a esconder
Ouça!... O que o amor pode fazer
Faz gemer assim
Ui... ui... ui... ui... ui...
Ai... ai... ai... ai... ai...
Ninguém deve esconder demais a
[sua dor...
Porque... assim mais cresce, ainda
[o mal de amor
Fingir... que é feliz, é uma ilusão
Só... magoa o nosso coração;
Faça sempre assim
Ui... ui... ui... ui... ui...
Ai... ai... ai... ai... ai...
Verá que é mais gozado
E quando terminado
Virá pedir outro baião.

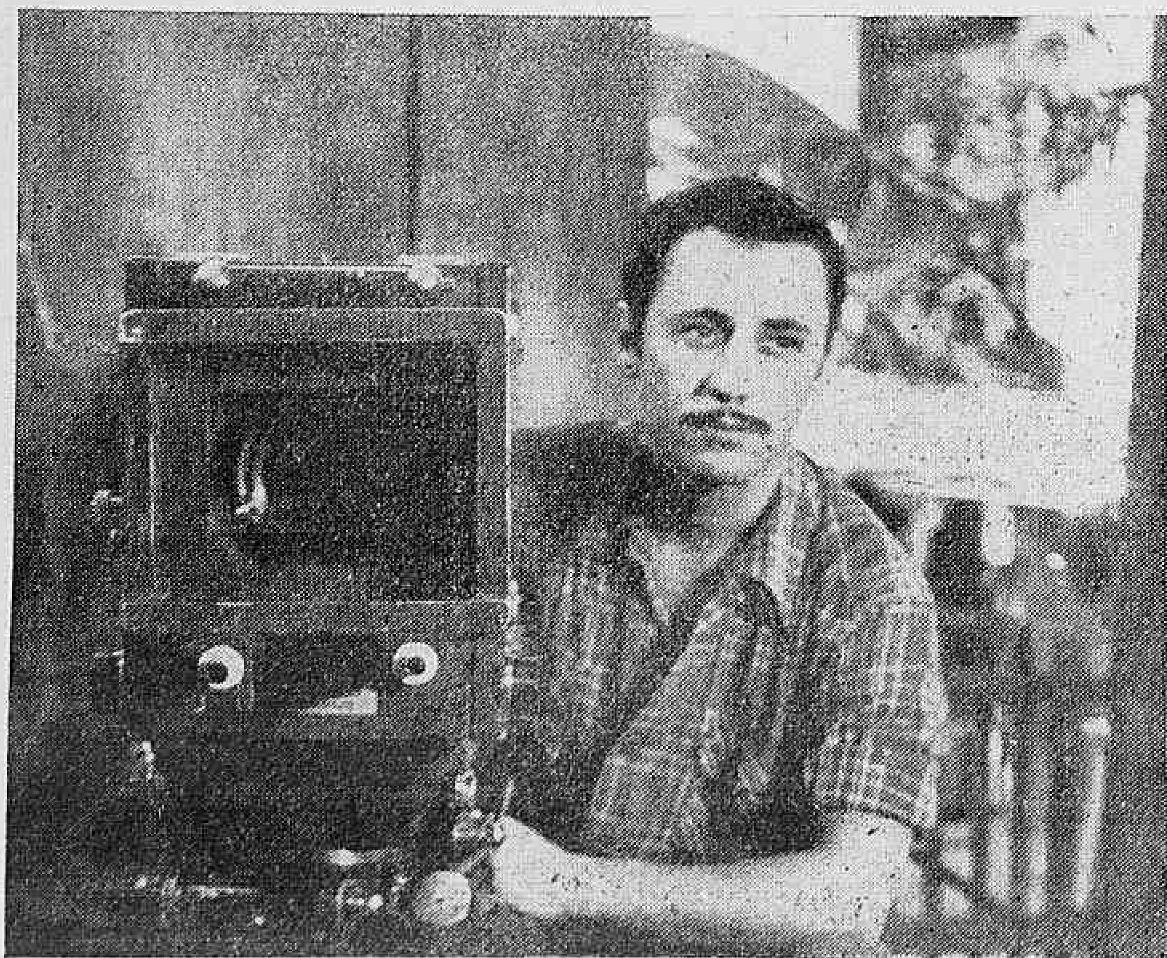
# ARQUIVO DE BROOKLYN JACK





## VIVECA LINDFORS

DESTINO AS NUVENS, «Destino Amargo», alguém deixou êste mundo», «Cidade Negra», «Noite após noite», «Sangue Cigano» e «Escrava do pecado» ao que se sabe foram os filmes mais recentes de Viveca Lindsfors, «estrêla» muito bonita e muito talentosa, natural de Estocolmo, Suécia. Há tempos ela apareceu também em «As aventuras de Don Juan», ao lado de Errol Flynn e foi aí que a sua popularidade cresceu. Até então era uma simples atriz nova, em Hollywood... Viveca é uma mulher muito interessante, muito dedicada à sua carreira, de temperamento ardente e persistente. Ela acha que a sua verdadeira oportunidade ainda não surgiu no cinema americano: todavia, confia em seus produtores. «Ninho de Abutres» foi um dos filmes onde Viveca mostrou-se plena de possibilidades dramáticas. Porque a Warner não coloca Viveca novamente sob às ordens de um diretor como Delmer Daves?



## MARIA CASARÉS

BONITA como poucas, talentosíssima, Maria Casarés é uma atriz do cinema francês, mas espanhola de nascimento. Balzaquiana recente, Maria antes de estrear no cinema, o que ocorreu em 1943, foi atriz de teatro por algum tempo, ganhando com isso larga e proveitosa experiência. Protegida de Marcel Carné, apareceu sensacionalmente em «O Boulevard do Crime» (Les enfants du Paradis) e se Arletty não fosse a grande atriz que é, Maria leva-la-ia de vencida fàcilmente. Outros filmes importantes seguiram-se a êste: «Les dames du bois de Boulogne», «Roger-La-Honte», «La septième porte»... Até que convidada por Christian-Jaque apareceu na versão franco-italiana de «Amantes Eternos ou A Sombra do Patíbulo», baseada em Stendhal. Sucesso absoluto! Maria consagrada estrêla internacional! Novamente intervalo: trabalhos no teatro, etc. etc. E agora, convidada especial de Jean Cocteau, é a principal intérprete feminina de «Orfeu», a obra-prima do poeta-cineasta, que está provocando sérias discussões em todo o mundo, e que veremos no Brasil ainda em 1951. Em «Orfeu» Maria Casarés vive o papel mais importante de sua carreira e, sem dúvida, um dos mais difíceis do cinema, vocês verão!

★

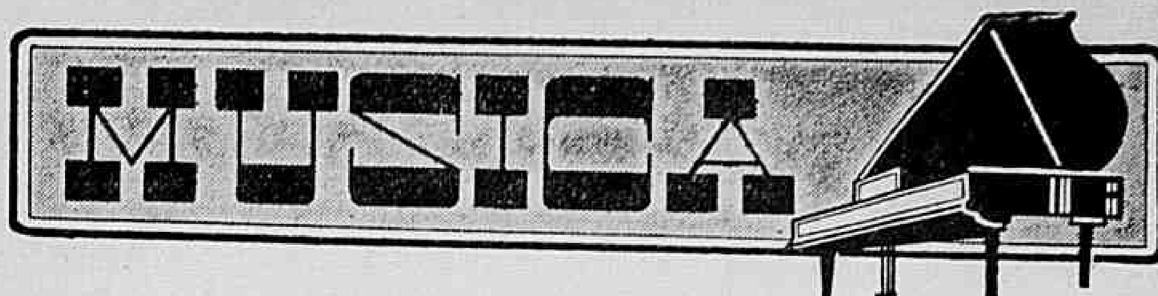
## ANTÔNIO GONÇALVES

ANTÔNIO GONÇALVES, que não é parente nem de longe de Mary Gonçalves, nasceu em Pôrto, Portugal, a 13 de junho de 1923, dia de Santo Antônio... Veio para o Brasil em 1945 e desde então tem exercido atividades que se relacionam com cinema.. Assim, Antônio foi sucessivamente assistente de som, assistente de câmera, cameraman, diretor de fotografia e ator de filmes brasileiros, últimamente tendo se dedicado, também, à crítica, comentando filmes no programa de cinema da Rádio Mauá e escrevendo para as revistas «Brasil Novo» e «Ouro Verde». Entre 1946 e 1951, Antônio Gonçalves trabalhou para os seguintes estúdios: Tapuia, Carmen Santos, Kanitar, Capital, Lulu de Barros, etc. Seus filmes: «O Homem que Xutou a Consciência», «Esta é fina», «Cavalo 13», «Fogo na Canjica», «Pra lá de boa», «Eu quero é movimento», «Serra da Aventura», «Cascalho» e Hóspede de uma noite». Entre tôdas as profissões exercidas dentro do cinema, Antônio prefere as de ator e diretor-de-fotografia.



# MAURICE CHEVALIER

MAURICE CHEVALIER, o rei da cançoneta francesa é um nome tradicional no cinema ocidental, nasceu na sua amada Paris, em França, a 12 de setembro de 1889. Atuou no teatro em cinqüenta, dos seus sessenta anos de vida... Tanto no teatro de opereta, como na revista. Em cabarés foi o rei: ditou a canção popular parisiense, no primeiro após-guerra (1920-25). O chapéu de palha, outra instituição sua que se internacionalizou... Fêz cinema a primeira vez em 1914: «La Valse Renversante». Estêve na América na velha década de 30: apareceu ali em «Inocentes de Paris», «Alvorada do Amor», «Amantes de Veneza», «Paramount em Grande Gala», «O Café do Felisberto», «Uma hora contigo», «O Tenente Sedutor», «Ama-me esta noite», «Beijos para tôdas», «A viúva alegre», «Folies Bergère», etc... Fêz dupla duradoura com Jeanette Mac Donald. Depois quiseram padronzá-lo. Êle vôou para a França e ali, e na Inglaterra, apareceu ainda em «O homem do dia», e em outros filmezinhos menores. Depois trabalhou sob as ordens de Siodmak no que parecia ser o seu melhor trabalho: «Ciladas», realmente, hoje em dia, um clássico! Veio a guerra... veio a libertação. Chevalier continuava cantando, cantando. E voltou ao cinema. Afinal, René Clair ofereceu-lhe o papel principal de «Silêncio de Ouro». Sucesso absoluto. Agora Chevalier é novamente o rei da canção francesa, e do cinema. Seus dois filmes mais recentes são «O Rei» (Le Roi) e «Ma Pomme» (êste última ainda sem título para o Brasil), ambos distribuidos pela Art-Films, a serem lançados brevemente no Rio.




OSWALDO DA CUNHA

## "CARMEN"

*COMO oitavo e última récita de assinatura da Temporada Nacional de Arte, tivemos a 15 do corrente, em récita noturna, a "Carmen", de Bizet. Graças ao motivo original desta ópera, ao temperamento irrequieto e volúvel da personagem, e à música quente e bem ritmada, de acentos tipicamente espanhóis, "Carmen" constitui sempre um motivo de atração para os "habitués" e é sempre recebida com agrado a sua apresentação em tôdas as temporadas. As possibilidades que nos foi dado notar pelo promissor aspecto da apresentação, leva-nos a crer que merecesse um tratamento mais cuidadoso, ensaios mais severos, a fim de evitar pequenos desajustes, principalmente no que se refere à personagem central, protagonizada por Maria Henriques. Possuidora de belo material vocal, não apresentou-se, todavia, completamente segura de si, notando-se mesmo algum nervosismo de sua parte, decorrente, talvez, do fato de ser esta sua estréia em tão difícil papel. Êsses pequenos desajustes, aliados à uma certa frieza da platéia, fêz com que Maria Henriques não recebesse os aplausos de que, em circunstâncias mais favoráveis, seria merecedora. E' bem verdade que cantar dançando não é tarefa tão fácil assim de empreender-se, e Maria Henriques procurou compensar, fraseando bem e dando-nos duas ótimas interpretações, na área das cartas e no dueto final. Assis Pacheco, em D. José, veio apenas confirmar os elogios a que tem feito jus. Micaela, interpretada por Lia Roberti, estêve a contento, segura de suas responsabilidade. Paulo Fortes, no Toreador, defendeu-se com sucesso. Wanda Bonfim, Kleuza Penaforte, Antônio Lembo, Guilherme Damiano e Nino Crimi, todos a contento. A orquestra muitas vêzes insegura. Bailados a cargo de Berta Rosanova e Maria Angélica. Coros um pouco fracos.*

## NOTICIÁRIO



**RUTH ANN KOESUN uma das figuras de destaque do elenco do «Ballet Theatre»**



**ALÍCIA ALONSO, a creadora do «Fall River Legend» com música de Morton Gould**

### LUCY SALLES NO TEATRO MUNICIPAL DE NITERÓI

Lucy Salles apresentou-se no Teatro Municipal de Niterói, tocando para uma platéia numerosa. Isso é relativamente raro no Brasil, ou de às vêzes concertistas de fama tocam para salas vazias. E' claro que a talentosa artista já começa a projetar o seu nome, despertando por isso o seu recital, muito interesse. Guilherme Fontainha, seu professor, assim se expressou a respeito de sua aluna, após o recital: Lucy Salles tem tôdas as qualidades para fazer uma carreira brilhante, desde que continue trabalhando sem desfalecimentos. Interpretou bem todos os números do programa, clássicos, românticos e modernos, daí os aplausos calorosos que recebeu.

### CURSO DE ITALIANO PARA CANTORES

O Curso Cultural Brasil-Itália está organizando um Curso de Língua Italiana, dicção e declamação (dedicado particularmente aos cantores) completado por um panorama histórico-cultural da Arte do Canto. O dito Curso, cuja duração será de seis meses, foi confiado ao Professor Maurizio Quadrio, diretor da «Gazeta Musicale» de Roma e vice-presidente do Centro Internacional de Arte da UNESCO. Para esclarecimentos e inscrições, procurar o Secretário do Centro, à Praça da República n. 17, sob., todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 e 16 horas.

### FALECEU O TENOR ALTUBE

Notícias de Madri, informam o falecimento do tenor espanhol Cristobal Altube, naquela capital, com a idade de 53 anos. Há alguns anos Altube era professor de canto no Conservatório de Madri. Tenor de renome mundial, Cristobal Altube, exibira-se em vários países, particularmente na Itália, Espanha, Estados Unidos, Argentina e Brasil.

### NO FESTIVAL DE CANNES

Dois foram os filmes apresentados no Festival de Cannes com motivos inspirados na música. Foram êles «Mussorgsky» inspirado na vida do grande compositor russo, e «Cantos de Hoffmann», tendo como motivo a obra de Offenbach.

# Pausa para meditação



GIANNA CANALE (Metro)

## GLOSSÁRIO CINEMATOGRÁFICO

**HUGO SCHLESINGER**

A.B.C. — Associated British Cinemas

A.B.P.C. — Associated British Picture Corporation.

ACADEMY — Abreviação para «American Academy of Motion Picture Arts and Science».

A.C.T. — Association of Cine Technicans.

ACÚSTICA — Ciência do som e estudo das causas e dos efeitos das vibrações sonoras.

ADAPTADOR — Pessoa que adapta uma obra literária existente para poder ser «cinematogràficamente» aproveitada.

A.F.C. — American Film Center (45. Rockfeller Plaza, New York City 20).

AGFA-COLOR — Processo fotográfico em côres.

A.M.P.A.S. — Academy of Motion Picture Arts and Science.

AMPLIADOR — Aparelho destinado a ampliar cópias fotográficas.

ARGUMENTO CINEMATOGRÁFICO — A história para o filme.

A.S.F.B. — Association of Short Film Producers (Ass. de Produtores de Filmes de Curta Metragem).

ATORES — Intérpretes do filme vulgarmente: astros e estrêlas, galãs e vedetas de um filme.

«BIG FIVE» — As cinco maiores sociedades produtoras: Paramount, M.G.M., Warner, Fox, RKO.

BLOW UP — Transformar um filme de 16 mm para 35mm.

BARRANDOW — Centro de Produção e Realização Cinematográfica na Tchecoslováquia.

B.F.I. — British Filme Institute.

CÂMARA — a) Máquina fotográfica: b) aparelho de registrar sons.

CAMERAMAN — Operador ou sinegrafista.

CARTOON FILM — Filme de desenhos animados.

CAST — Equipe — Terminologia americana.

«CASTING» — Distribuir os papéis.

CELULÓIDE — Substância transparente, sólida e inflamável, termoplástica, resultante da combinação de nitrocelulose, cânfora e álcool.

CENA — Pedaço menor que a sequência e composto de tomadas.

(Continua)

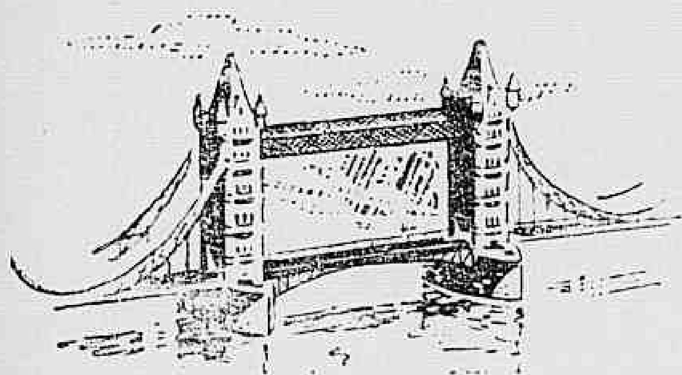



o
famoso
locutor
brasileiro

**RAMOS DE CARVALHO**

veio de **LONDRES** para dirigir a **nova**

# RÁDIO INCONFIDÊNCIA



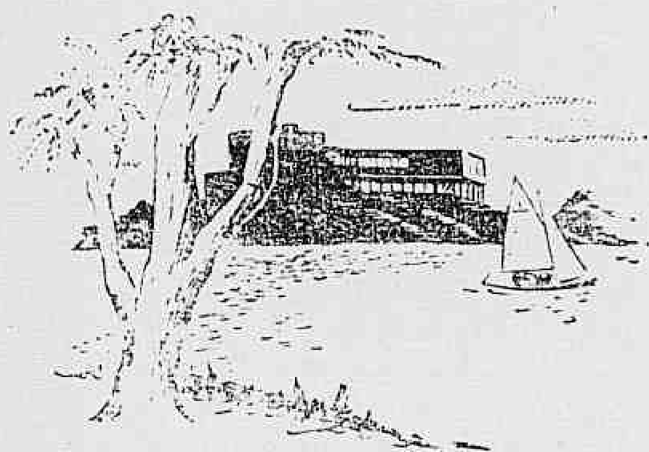
NOVOS ESTÚDIOS!

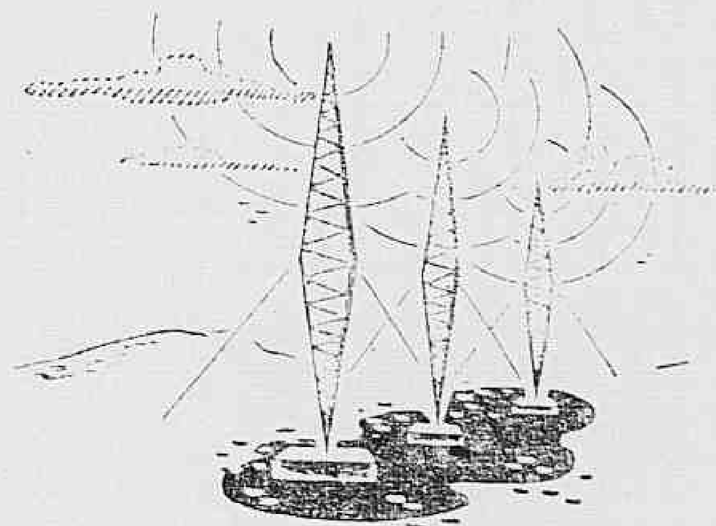
NOVOS PROGRAMAS!

OS MAIORES ARTISTAS!

**Transmissor de 50 quilowatts!**

O maior e mais lindo auditório do Brasil!





**RÁDIO INCONFIDÊNCIA**
**DE MINAS GERAIS**

PRI — 3 Ondas médias – 880 quilociclos
PRK — 5 Ondas curtas – 50 metros – 6.000 klcs.
PRK — 9 Frequência Modulada

Representantes:
**REPRESENTAÇÃO DE JORNAIS E EMISSORAS LTDA.**
Rio de Janeiro: Rua México n.º 164 - 9.º andar - Telefone 42-4387
São Paulo: Rua Formosa n.º 409 - s/ 38 - Telefone 32-3512

# O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

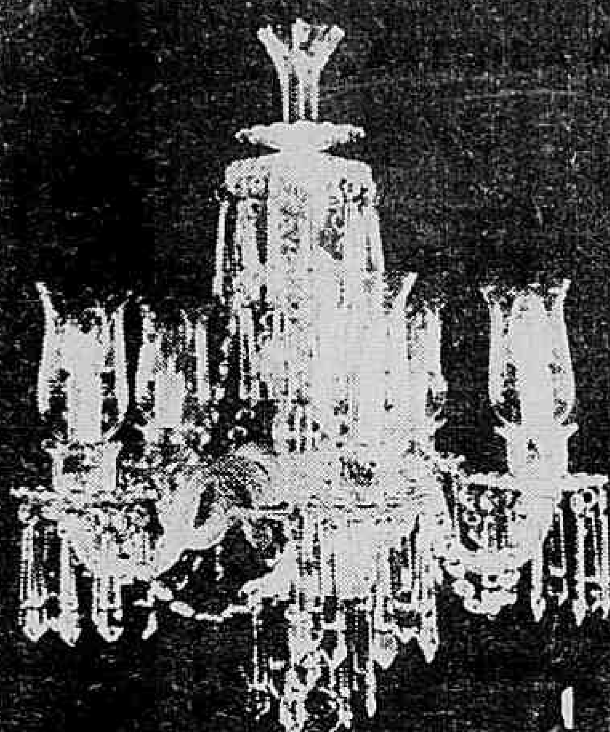
## ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

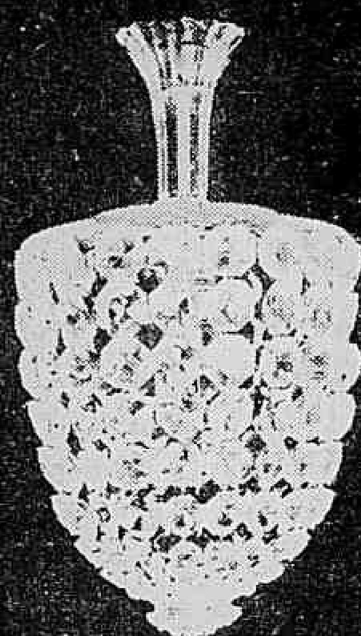
**NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:**

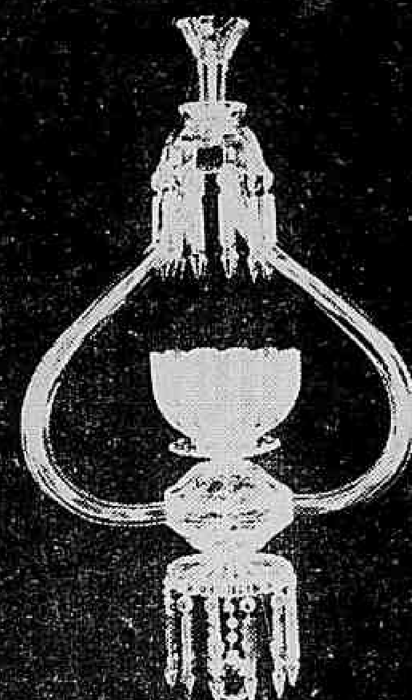
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

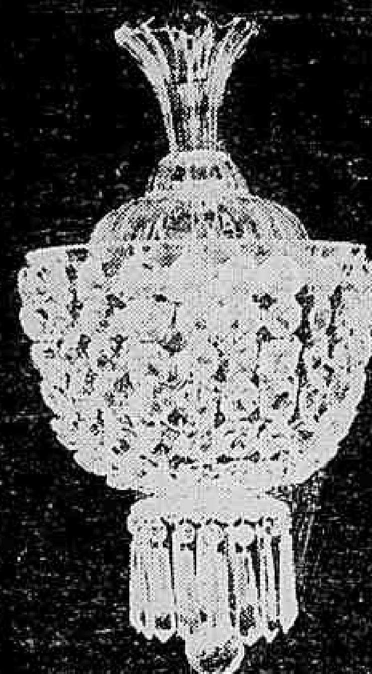
# GALERIA SÃO PEDRO

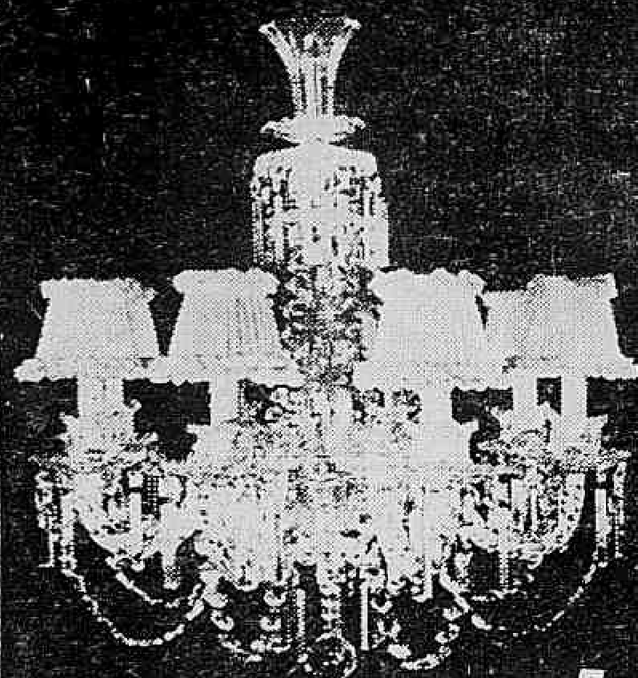
**AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428**

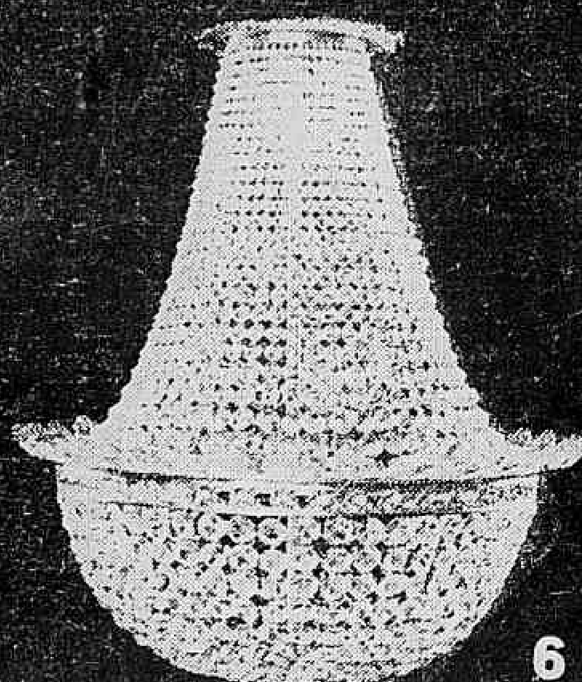

1

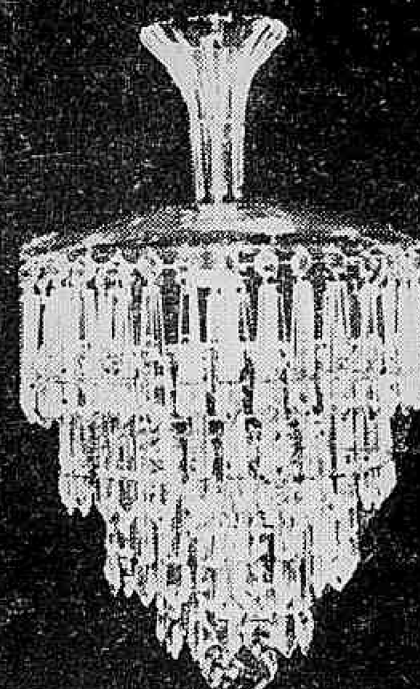

2


3

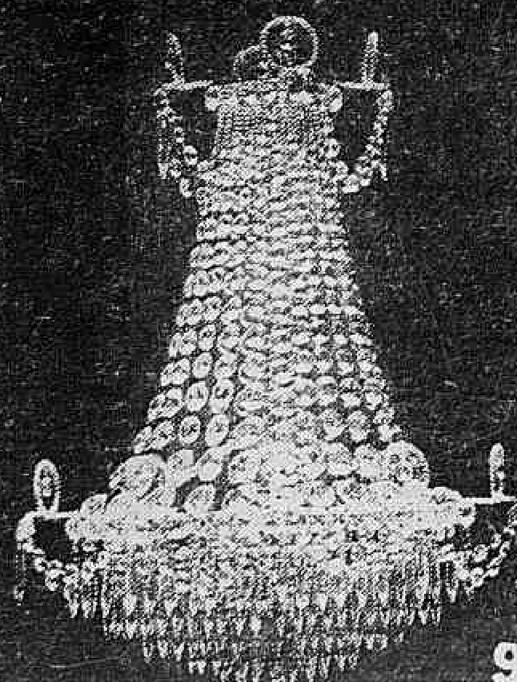

4

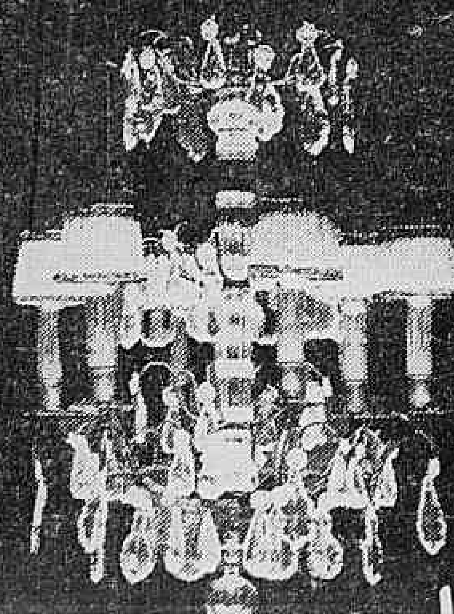

5

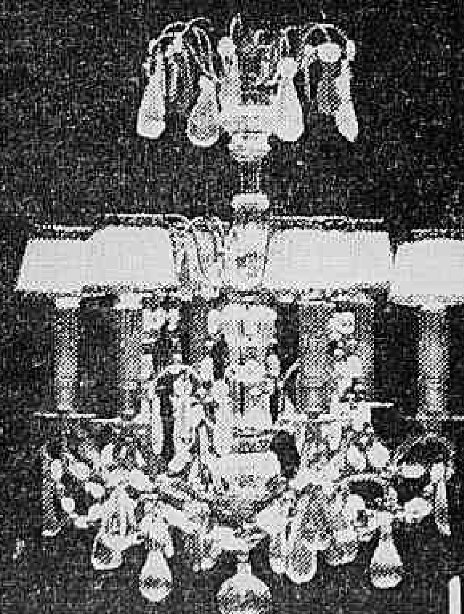

6

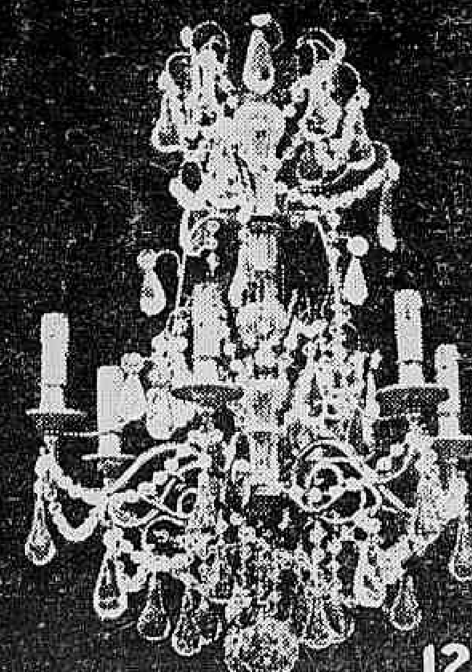

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

**Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.**

**FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.**